**FREDERICO ANTONIO PEREIRA CAMPEAN**

DISCURSO DO FUTEBOL. IDENTIDADE NACIONAL, IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: EM BUSCA DE UM DISCURSO FUNDADOR DO FUTEBOL BRASILEIRO

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

POUSO ALEGRE

2012

**FREDERICO ANTONIO PEREIRA CAMPEAN**

DISCURSO DO FUTEBOL.IDENTIDADE NACIONAL, IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: EM BUSCA DE UM DISCURSO FUNDADOR DO FUTEBOL BRASILEIRO

 Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem sob orientação da Professora Dra. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

POUSO ALEGRE

2012

**FREDERICO ANTONIO PEREIRA CAMPEAN**

Campean, Frederico. **Discurso do Futebol. Identidade Nacional,** **Imaginário, Memória e Produção de Sentidos**: Em Busca de um Discurso Fundador do Futebol Brasileiro / Frederico Antonio Pereira Campean – Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí / Univás, 2012.

 155f.

Dissertação de Mestrado – Universidade do Vale do Sapucaí, Univás, Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, 2012.

1. Análise de Discurso. 2. Linguística. 3. Futebol. I. Discurso do Futebol. Imaginário, Memória e Produção de Sentidos: Em Busca de um Discurso Fundador do Futebol Brasileiro.

DISCURSO DO FUTEBOL.IDENTIDADE NACIONAL, IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS: EM BUSCA DE UM DISCURSO FUNDADOR DO FUTEBOL BRASILEIRO

Dissertação de Mestrado defendido e aprovado em 11/12/2012 perante banca examinadora constituída pelos professores:

#### \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

#### Professora Doutora Eni Orlandi

#### Orientadora

#### \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

#### Professor Doutor José Horta Nunes

#### Examinador

#### \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

#### Professor Doutor Lauro Baldini

#### Examinador

#### \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

#### Professora Doutora Mírian dos Santos

#### Examinadora Suplente

#### DEDICATÓRIA

####

Para Eni Orlandi, minha professora, orientadora e, sobretudo, exemplo de intelectual e pesquisadora a ser seguido sempre. Realço aqui seu papel fundamental, em minha vida e formação intelectual. Devo a ela a possibilidade de um recomeço, e apresento minha humilde e eterna gratidão, na certeza de que há pessoas que podem mudar vidas.

#### AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a minha mulher Cristina, e a nossos filhos Marina e Frederico. Sem eles de nada valeria nenhum esforço.

A todo corpo docente do Mestrado em Ciências da Linguagem, que com dedicação e talento permitiram a criação, em nossa região, de um curso de tanta qualidade.

Agradeço também, com grande entusiasmo, às secretárias do curso e a todos os funcionários da universidade, sem os quais seria impossível a existência e funcionamento da Univás e de nosso mestrado. O labor dos funcionários é sempre o alicerce fundamental para toda construção.

A meus colegas, companheiros de jornada, cujo convívio tornou o curso ainda mais prazeroso.

Por último, mas não menos importante, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, da qual sou bolsista, uma instituição notável, que apoia, incentiva e acredita na produção acadêmica e científica de nosso estado, ajudando a manter Minas como uma das grandes forças propulsoras do pensamento brasileiro.

#### “Compreender é saber que o sentido pode ser outro”

 Eni Orlandi

“Não há estrada real para a ciência, e só têm probabilidade de chegar a seus cimos luminosos, aqueles que enfrentam a canseira para galgá-los por veredas abruptas”

 Karl Marx

“Adeus ao circo. Honestamente, não consigo me acostumar ao futebol desumano dos dias de hoje”

Agostino Di Bartolomei (1956-1994). Jogador de futebol italiano, em seu bilhete de suicídio.

CAMPEAN, Frederico. **Discurso do Futebol. Identidade Nacional, Imaginário, Memória e Produção de Sentidos**:Em Busca de um Discurso Fundadordo Futebol Brasileiro / Frederico Antonio Pereira Campean. 2012. Dissertação de mestrado – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2012.

**RESUMO**

O futebol é uma das maiores manifestações da cultura brasileira, está presente em todo território nacional, com grande força, e aparece em formações discursivas tanto dentro do esporte, quanto a partir dele. Esta dissertação tem como objetivo analisar o discurso do futebol brasileiro, desde suas origens até os dias atuais, buscando a existência de um discurso fundacional, assim como a sua formação de sentidos e presença no processo identitário nacional. Para tal utilizamos como *corpus*, textos das mais diversas naturezas que tratam do assunto, direta ou indiretamente, e empregamos como base científica os aparatos teóricos da Análise de Discurso a qual se filiam Pêcheux e Orlandi.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso, Discurso Fundador, Linguística, Futebol, Mário Filho.

CAMPEAN, Frederico. **Discurso do Futebol. Identidade Nacional, Imaginário, Memória e Produção de Sentidos**:Em Busca de um Discurso Fundadordo Futebol Brasileiro / Frederico Antonio Pereira Campean. 2012. Dissertação de mestrado – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2012.

ABSTRACT

The Football association is one of the largest demonstrations of Brazilian culture, it is present throughout the national territory, with great strength, and appears in discursive formations both inside the sport, as well as from it. This dissertation aims to analyze the discourse of Brazilian football, from it origins to the present day, searching for the existence of a founder discourse, as well as his formation of senses and your presence in the process of creating the national identity, for such, we used as *corpus* texts of various natures that deal with the subject, directly or indirectly, and as a scientific basis for the theoretical apparatus of Analysis of Discourse which affiliate Pêcheux and Orlandi.

**Key-words:** Analyses of Discourse; Founder Discourse; Linguistic; Football Association; Mário Filho.

**SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO------------------------------------------------------------------------------11

**1.1 Exposição do Tema-------------------------------------------------------------------- 11**

**1.2 Plano de Trabalho---------------------------------------------------------------------- 13**

**1.3 Apontamentos Metodológicos----------------------------------------------------- 16**

**2 DA ANÁLISE DE DISCURSO – Considerações Sobre a Ciência----------- 19**

**2.1 Alguns Elementos da História das Análises Sobre o Discurso----------19**

**2.2 A Escola Francesa de Análise de Discurso------------------------------------ 26**

**2.3 Interdiscurso; Memória Discursiva; Produção de Sentidos e Efeitos Discursivos------------------------------------------------------------------------------------35**

**2.4 O Discurso Fundador----------------------------------------------------------------- 44**

**2.5 O Discurso do Futebol--------------------------------------------------------------- 51**

**3 O DISCURSO DO FUTEBOL NO BRASIL----------------------------------------- 61**

**3.1 Breve Histórico do Futebol no Brasil------------------------------------------- 62**

**3.2 Primeiras Inscrições Discursivas------------------------------------------------ 65**

**3.2.1 O Futebol e a Imprensa------------------------------------------------------------ 67**

**3.2.2 Crônicas Iniciais e Polêmicas--------------------------------------------------- 73**

**3.3 O Livro *O Negro no Futebol Brasileiro*----------------------------------------- 83**

**4 O IMAGINÁRIO E A MEMÓRIA NAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DO**

**FUTEBOL------------------------------------------------------------------------------------- 102**

**4.1 Os Clubes Como Instituição de Memória------------------------------------ 102**

**4.2 Jogadores------------------------------------------------------------------------------- 109**

**4.3 Acontecimentos---------------------------------------------------------------------- 115**

**5 O DISCURSO DO FUTEBOL HOJE------------------------------------------------ 126**

**5.1 Efeitos Interdiscursivos e Traços da Memória----------------------------- 126**

**5.2 Transição das Condições da Produção Discursiva e Novas Mídias 133**

**5.2.1 O Discurso do Futebol na Internet------------------------------------------- 133**

**5.3 A Formação de Sentidos----------------------------------------------------------- 141**

**6 CONSIDERAÇÕES FINAIS----------------------------------------------------------- 147**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-------------------------------------------------- 152**

**1 – INTRODUÇÃO**

1.1 – Exposição do Tema

Meu objetivo na presente dissertação de mestrado é realizar uma análise do discurso do futebol no Brasil, mais precisamente sobre a busca de um discurso fundador, o que eu chamaria de uma matriz discursiva que tenha servido, ao menos em parte, para demarcar as produções de sentido, que são retomadas a partir de um sentido cujo efeito é o de ser inicial ou prévio. Não seria necessário dizer, mas considero importante frisar, que não se trata de estudo de natureza histórica, sociológica ou antropológica, mas sim de investigação atinente a Análise de Discurso[[1]](#footnote-2), mais precisamente relacionada à teoria de Michel Pêcheux e que tem hoje como principal representante no Brasil a Professora Eni Orlandi. Nesta vertente, a Análise de Discurso é concebida, enquanto disciplina, na condição de um entremeio entre a linguística e as Ciências Sociais. Pressupondo em sua teorização as três grandes áreas de conhecimento desenvolvidas no Século XX, o marxismo, a Linguística e a Psicanálise.

Portanto, deixo explícito desde o início que não tenho o objetivo de realizar uma empreitada relacionada diretamente com as Ciências Sociais, ou seja, algo como o futebol à luz da História, da Antropologia, ou dar uma mirada de ordem sociológica sobre o esporte. Também não seguirei uma linha de percrustação política, ou das relações entre política[[2]](#footnote-3) e futebol. Na verdade existe já uma grande gama de bons trabalhos nesse sentido, muitos dos quais servirão como fonte de consulta para o presente trabalho. Como veremos, a Análise de Discurso pratica uma forma de compreensão que permite abranger camadas bastante profundas da relação linguagem/pensamento/mundo, em sua complexidade já que considera que não há uma relação termo a termo entre eles. Trata-se, pois, de uma ciência que não se confunde com as outras citadas, possui um estatuto próprio, autônomo, um objeto e consequentemente uma forma peculiar de analisar e compreender os fatos, os acontecimentos, através da explicitação dos processos de significação que os constituem.

A Análise de Discurso trabalha a relação da língua com a ideologia, definida inclusive pela clássica afirmação de Pêcheux, segundo a qual não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia (2010). Temos aí um límpido silogismo, que seria obviamente concluído pela expressão “não há discurso sem ideologia”, esta afirmação é o corolário que manifesta a visão do filósofo francês e carreia a ideologia para uma posição central na Análise de Discurso. O sujeito do discurso é um ser ideológico, simbólico e histórico. Seu modo de constituição é uma das questões postas e trabalhadas pela Análise de Discurso.

O tema proposto e ora apresentado tem como objetivo central analisar as formas materiais de um discurso fundador, e suas repercussões, assim como suas condições de produção e formação de sentidos, na relação com o já-dito, daquilo que reverbera e influencia a partir de uma conjuntura dada, de uma produção pretérita que se insere e se inscreve no processo de produção discursiva e marca a memória, tanto individual quanto coletiva, para atualizar sentidos que ficarão marcados no imaginário histórico-social e instituem a produção que Pêcheux definirá como interdiscurso (2009). Penso que reside aí, mais que em qualquer outro lugar, o fundamento da mitologia do futebol, da afirmação desse esporte como paixão nacional e de sua quase onipresença na vida brasileira, como fenômeno de mídia, nas conversas informais ou na materialização das mais diversas práticas, tal qual a construção de processos identitários no Brasil. Não utilizo aqui o termo formação “da identidade nacional”, e sim, “construção de processos identitários”, pois em análise de discurso identidade não é uma essência, mas resulta de processos de identificação, temos assim a existência de uma série de processos nas mais diversas escalas. É o processo identitário do torcedor que se significa ao escolher e seguir um clube, ou daquele que imputa ao futebol a culpa por muitas mazelas do país, pois temos sempre o sujeito se significando por um posicionamento ideológico, em face de qualquer fato, acontecimento ou ser.

1.2 – Plano de Trabalho

 No capítulo introdutório, começamos pela exposição do tema, acima realizada. Segue-se então este plano de trabalho que traça a estrutura e os apontamentos metodológicos, que irão estabelecer o suporte de pesquisa e as fontes utilizadas, em suma, uma apresentação das linhas mestras que sustentarão a investigação, procurando dar ao leitor uma amostragem do método a ser utilizado ao longo do percurso. Neste tópico delinearei o *corpus* e as bases teóricas do método que utilizarei, ou seja, uma espécie de guia para ultrapassar os umbrais desse desconhecimento, percorrendo uma via científica para alcançar por derradeiro a tão almejada compreensão.

O capítulo 2 denominado *Da Análise de Discurso – Considerações Sobre a Ciência* buscará expor delimitações teóricas acerca da Análise de Discurso. Não tem, nem poderia ter o objetivo de aprofundar suas bases teóricas, mas sim de uma explanação basilar sobre suas características, meu entendimento e o posicionamento do método e dos procedimentos a serem seguidos, muito embora, saliente-se, a Análise de Discurso possui muita mobilidade e apesar de ter demarcado seus conceitos que a tornam científica, tem também como primado a participação do analista, com suas próprias reflexões e a carga ideológica inerente a todo aquele que escreve ou lê.

 Assim, abordaremos inicialmente elementos de sua história (Alguns elementos Sobre A Análise de Discurso). Este subtítulo, propositalmente abordará um apanhado de escolas que buscam realizar uma análise **sobre** o discurso. A seguir estudaremos, em tópico específico, a Escola Francesa da Análise de Discurso muito embora Pêcheux com seu rigor científico e apurado sentido intelectual não fosse simpático a essa expressão criada por Guespin[[3]](#footnote-4), No tópico 2.3 discorrerei sobre o interdiscurso, ou seja, a memória discursiva, a produção de discursos e os efeitos de sentidos.

 O discurso fundador é o alvo do subtítulo seguinte, uma vez que se faz necessário uma conceituação e um posicionamento sobre o tema que é uma das metas fundamentais da dissertação. Por fim, neste segundo capítulo, uma apresentação do discurso sobre o futebol, o que é, e quais as suas bases, suas características e propriedades fundamentais.

 O capítulo 3 intitulado *O Discurso do Futebol no Brasil* entrará na questão específica de suas formulações em nosso país, começará com um breve histórico do citado desporto em terras brasileiras, prosseguirá com indicações de suas primeiras inscrições discursivas que tratarão de sua relação com a imprensa, as crônicas inaugurais e as polêmicas advindas. Fundamental também é a inserção do item que versa sobre as relações entre o futebol e imprensa esportiva brasileira e o papel do jornalista pernambucano Mário Filho em seu desenvolvimento.

 Papel de imensa importância para a fundação do discurso estudado é o livro *O Negro no Futebol Brasileiro,* de autoria do mesmo Mário Rodrigues Filho e que reverbera até hoje no discurso futebolístico praticado no Brasil. Apontarei sua conjuntura histórica, aí inseridas as condições de produção deste discurso, os aspectos referentes à história e a mitificação, as linhas interpretativas formadas a partir da obra e a formação de processos identitários que foram cristalizados a partir do livro. Esse livro ganhará um tópico próprio, o 3.3.

 No capítulo 4 falamos do imaginário e da memória na formação discursiva do futebol, isso será realizado com base em três pilares: os clubes como instituições de memória; jogadores; e acontecimentos.

 No capítulo seguinte tratarei do *Discurso do futebol hoje*, ou seja, como ele se encontra e quais as análises que podem ser construídas a partir deste estado de arte. Para tanto serão delineadas as filiações interdiscursivas que atestam traços da memória, que permitirão o reconhecimento da reprodução/retomada discursiva e o trabalho da memória em seu discurso atual. Importante será uma visão da transição das condições da produção discursiva e novas mídias.

O discurso não é estanque ou monolítico e sofreu mudanças em matéria e forma, logo caberá um posicionamento acerca do discurso na Internet. Como parte da atualidade discursiva, tornou-se necessária uma avaliação sobre a memória discursiva do futebol constituída ao longo do tempo, que merecerá olhares no tópico 5.2.1. O item posterior, 5.3 e que finaliza o capítulo em tela é a formação de sentidos. Na verdade, este item guarda grande aproximação com seu antecessor, uma vez que é exatamente a partir do conjunto discursivo coligido em sua historicidade que se pode encontrar um sentido e sua formação.

 À guisa de conclusão restará o capítulo 6, no qual realizarei a exposição final do quadro investigado e uma avaliação dos estudos e resultados obtidos.

1.3 – Apontamentos Metodológicos

 A metodologia escolhida foi a qualitativa[[4]](#footnote-5). Efetuamos uma delimitação do *corpus* que proporcionasse uma base de pesquisas sustentada em textos que proporcionariam, em minha opinião, um panorama mais amplo e produtivo para a pesquisa. Para tal lancei mão de um acervo de livros, registros em jornais, revistas e Internet que propiciam uma gama bem balanceada de discursos, que assim sendo podem permitir ao analista uma amplitude maior do campo de estudos. A utilização de uma metodologia quantitativa seria demasiadamente exagerada e desproporcional ao meu escopo. Perderia em muito a possibilidade de delimitação do *corpus,* correndo o grave risco de incidir na prolixidade com graves prejuízos para o resultado final. Além disso, como sabemos, a análise de discurso não dá um lugar significativo para o quantitativo. É o processo de significação e a constituição dos sujeitos e dos sentidos que nos interessam em nossa compreensão de um discurso e isto se pode conseguir com a montagem rigorosa de um corpus.

 A própria natureza da Análise de Discurso pedia uma intervenção pessoal na catalogação das fontes a serem perscrutadas. Com base nesse material e munido de obras referenciais em Análise de Discurso, procurei desenvolver o trabalho de forma a possibilitar um olhar claro, mas nunca superficial sobre tão importante e complexa ciência, que fosse ao mesmo tempo acessível e tecnicamente correto. As falhas com certeza existiram, mas fazem elas mesmas parte incontornável e integrante de qualquer constructo discursivo.

 Importante para o método de pesquisa e seu incremento foi também a delineação dos capítulos, nos quais procurei perseguir todos os vastos espectros fundamentais a uma Análise de Discurso. Essa estruturação de capítulos permite a meu ver um encadeamento do pensamento, reflexões, análises e históricos aqui contidos que favoreçam a um conjunto harmônico da obra.

 Devo salientar a importância metodológica em escritos científicos, incluindo a fidedignidade das fontes e sua correlação específica com o tema, caso contrário os desencontros seriam inevitáveis e não chegaria a uma postura adequada perante a proposta lançada. Trata-se de uma bifurcação que contempla, por um lado uma metodologia própria a trabalhos acadêmicos e por outro aquela que respeita os métodos próprios da Análise de Discurso. A partir deste ponto esquadrinho uma conjugação de interesses que atendam a ambas as expectativas, ou seja, a clareza do trabalho e o compromisso com os pressupostos de cientificidade da Análise de Discurso. Para sintetizar a aplicação da metodologia qualitativa, recorro às palavras de Rut Vieytes:

Diseñar una investigación cualitativa es tomar decisiones para articular y hacer explícitos fines y medios, buscando los caminos y definiendo las tareas necesarias para que los segundos sean capaces de cumplir con los primeros (Vieytes, 2008.pg. 43)

 O arcabouço metodológico será, portanto, o qualitativo em sua relação com as Ciências Sociais, com a produção de um marco teórico bem definido, isto é, o da Análise de Discurso desenvolvida por Pêcheux e Orlandi, que se fará sobre um *corpus* pré-escolhido e delimitado, capaz de possibilitar a investigação de um discurso fundador e a realização das análises necessárias.

**2 – DA ANÁLISE DE DISCURSO – Considerações sobre a Ciência**

2.1 – Alguns Elementos da História das Análises Sobre o Discurso

 Neste tópico não entro na especificidade daquilo que considero Análise de Discurso, em sua acepção científica por mim adotada e que remete a Michel Pêcheux e aos pensamentos, estudos e reflexões de Eni Orlandi. Faço aqui uma breve consideração sobre o que denominei “alguns elementos da história das análises sobre o discurso”; uma curta, mas necessária nota acerca do discurso em sentido amplo e do surgimento de escolas que buscavam ou buscam sua análise. A Análise de Discurso como considerada na dissertação terá uma exposição própria; a presente inserção tem fins de natureza ilustrativa e propedêutica, para a compreensão e, sobretudo, para dirimir eventuais confusões entre a Análise de Discurso e outras correntes surgidas.

 Em sentido vulgar discurso possui uma acepção diferente daquela com a qual é empregada em nossa ciência. Etimologicamente vem do latim DISCURSUS, que é o particípio passado do verbo DISCURRERE, ou seja, “correr ao redor”. Entendido aqui no sentido de observar um tema sob ângulos diversos.

Do ponto de vista lexical recorro a dois dicionários de épocas bem distintas para exemplificar seu sentido comum. Um deles é o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa,* de Cândido de Figueiredo cuja quarta edição data de 1925[[5]](#footnote-6), nele consta “discurso” como:

Conjunto ordenado ou metódico de frases, pronunciadas em público, ou escritas como se tivessem de ser proferidas ou lidas em público. Arrazoado; oração. Ant. Raciocínio. Decurso: tudo que vai sucedendo no discurso do tempo. Fam. Palavreado oco. (FIGUEIREDO. 1925, p.665)

 O que temos na definição acima é aquilo que hoje podemos considerar o sentido mais raso do vocábulo, inclusive sem qualquer menção de natureza científica, o que é, evidentemente, muito próprio à época e, inclusive, estabelecendo “raciocínio” como antônimo de “discurso”, que em sua forma familiar também é considerado como “palavreado oco”.

 Exatos setenta e seis anos depois, ao consultarmos o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa[[6]](#footnote-7),* iremos nos deparar com nada menos do que dez definições, incluindo uma similar a dada por Cândido de Figueiredo. O importante a ser realçado é que entre elas existe espaço para quatro acepções elencadas como de natureza linguística, uma delas citando a Análise de Discurso como sendo “segmento contínuo da fala maior do que uma sentença”.

 A par da bastante duvidosa conceituação quanto à Análise de Discurso, posso notar de forma límpida um desdobramento científico entre os dois dicionários, o de 1925 é bem mais exíguo adotando uma definição praticamente unívoca e até preconceituosa quando o considera como antônimo de raciocínio, ou seja, aqui o discurso seria algo engendrado de forma bem mais superficial, pouco inteligente, não correspondendo à habilidade instantânea de nosso cérebro e sua capacidade de reflexão implícita em “raciocínio”. Devemos compreender essa acepção como algo ligado à ideologia e percepção da época e não como uma ausência de qualidade do dicionarista. Passados três quartos de século encontraremos em Houaiss uma atenção bem maior ao vocábulo, também fruto de uma época e das transições operadas nesse longo lapso de tempo, incluindo aí o surgimento de nossa ciência que é mencionada, a par de uma visão equivocada. Utilizo essas duas posições por dois motivos, o primeiro como já ficou assente é estabelecer a diferença sensível do tratamento dado à expressão, o outro é estabelecer a diferença entre a conceituação lexicológica e aquela empreendida pela Análise de Discurso enquanto ciência.

Primeiramente, cabe observar, que ao fazer menção à “Análise de Discurso” deve ficar vivo que esta dissertação reconhece a existência de apenas uma, aquela cujo desdobramento devemos a Pêcheux e a um grupo de intelectuais a ele vinculado e sobre a qual nos deteremos no tópico 2.2 deste capítulo. No entanto existem outras vertentes que buscam produzir análises sobre o discurso, mas o fazem de forma bastante distinta daquela estabelecida por Michel Pêcheux. Em sua maioria são escolas que caem na análise de conteúdo e fixam-se na superficial essencialidade da pragmática. No caso da Análise de Discurso não existe a ilusão de claridade ou transparência do texto, este tem como característica a opacidade, apresenta-se em camadas e exigirá do analista o esforço de atravessá-lo para vislumbrar a carga política e ideológica nele constituídas, o sentido está além e aquém do texto, ele é perpassado pelas condições de produção do discurso e pelas múltiplas teias ideologizantes advindas e/ou manifestadas por meio da língua, da linguagem e mesmo do linguajeiro.

 Conforme depreendemos de Eni Orlandi (2007) a palavra discurso aparece precursoramente com tons analíticos na década de 50, na obra de Z. Harris, que por meio de seu método distribucional “consegue livrar a análise do texto do viés conteudista mas, para fazê-lo, reduz o texto a uma frase longa,” (ORLANDI, 2007, p. 18). Anteriormente quase todas as formas de análise caíam na vertente conteudista, bem diferente daquela preconizada pelos cânones científicos que busco seguir. De certa forma em meu entendimento a análise de conteúdo é uma variação da interpretação textual, procurando suas características lexicais, sintáticas e semânticas sem, todavia, enfrentá-lo como peça de produção ideológica. Nas palavras de Orlandi:

A análise de conteúdo como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? (ORLANDI, 2007, p. 17)

 O discurso e sua análise foram sendo investigados paulatinamente a partir da década de cinquenta, mas com muitas sendas que o distanciavam daquilo que compreendemos atualmente como Análise de Discurso. José Mattoso Câmara Júnior, um dos mais importantes nomes da história das idéias linguísticas no Brasil em seu célebre *Dicionário de Linguística e Gramática* não faz sequer alusão a palavra discurso e não tem verbete sobre sua análise, na décima edição, de 1981 pela Editora Vozes de Petrópolis. Cabe ressaltar que Mattoso Câmara faleceu em 1970, e a primeira edição da citada obra é de 1956, com o nome de *Dicionário de Filologia e Gramática.* Nele conceitua análise como “decomposição de uma enunciação em seus elementos constituintes para fins de interpretação linguística” e menciona análises gramaticais (fonológica, morfológica, lexicológica e sintática) e outra denominada estilística. Não há vestígio de referência a Analise de Discurso em nenhuma de suas escolas. No conceito de Saussure, a referência é feita à fala (SASSURE, 2006)

Também evoco a obra de Ducrot e Todorov, o *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem[[7]](#footnote-8)* que dá pouca ou nenhuma atenção ao discurso.

Nele encontramos alusões à análise do discurso de Harris nos seguintes termos:

Notemos bem primeiramente que o estudo global do texto assim encarado não se reduz àquilo que certos representantes da Linguística distribucional denominaram de ANÁLISE DO DISCURSO (Z.Harris e seus alunos) e cujo método consiste em recortar o texto em elementos(habitualmente, da dimensão de um ou de vários sintagmas) que são agrupados em *classes de equivalência*: uma classe é constituída pelos elementos que podem aparecer num contexto idêntico ou semelhante; nem por isso nos preocupamos se os elementos equivalentes têm ou não o mesmo sentido (ob. cit.Pg. 268)

Este é o cenário encontrado até a década de cinquenta no que diz respeito ao discurso e sua análise. Este quadro seria totalmente revolucionado pela Escola Francesa de Análise de Discurso, encabeçada por Pêcheux na década posterior e que será visitada no tópico seguinte. Trata-se de outro quadro teórico e metodológico que entendi por bem não descrever neste breve resumo histórico, deixando um ponto exclusivamente para ele, uma vez que a partir de então todas as nossas referências ao discurso e sua análise estarão centradas naquela escola.

Antes de partir para a criação e características da ciência que pontua nosso trabalho e galvaniza nossas atenções, cabe um referimento à chamada Análise Crítica do Discurso, costumeiramente avocada por seus seguidores como ACD, OU ADC (Análise do Discurso Crítico), e que se opõe diametralmente às minhas ideias, por representar uma vertente da análise de conteúdo afastando-se totalmente da escola por mim seguida e estudada. Os próprios defensores dessa linha de pensamento fazem questão de enfatizar o seu distanciamento do ideário pêcheuxtiano.

A ACD surge na década de setenta, portanto após a elaboração das linhas fundamentais e basilares da Análise de Discurso[[8]](#footnote-9), caracteriza-se por uma forma de análise não só do discurso como também do texto, objetivando como se dão as estratificações de poder na sociedade através da linguagem. Como é fácil depreender, na ACD o texto ou discurso é dado como algo completo que significa por si só, que pode ser entendido a partir de sua existência de per si e assim “dizer” ou “mostrar” algo pela sua própria existência, em suma é uma das múltiplas possibilidades da chamada análise de conteúdo, em muito se distanciando da Análise de Discurso.

Esta escola tem como nomes mais significativos o inglês Norman Fairclough e o holandês Teun Van Dijk. As obras principais surgem a partir de fins da década de oitenta, com o lançamento de *Language and Power* de Fairclough em 1989, antes em 1984 já tinha vindo à luz o famoso livro de Van Dijk *Prejudice in Discourse* que abordava a questão do racismo. No mesmo ano de 1989 da publicação do importante livro de Fairclough, surge um outro denominado *Language, Power and Ideology,* de Ruth Wodak.[[9]](#footnote-10).

A Professora Cleide Pedrosa assinala as propostas da ACD nos seguintes termos:

A ACD propõe-se a estudar a linguagem como prática social e, para tal, considera o papel crucial do contexto. Esse tipo de análise se interessa pela relação que há entre a linguagem e o poder. É possível defini-la como uma disciplina que se ocupa, fundamentalmente, de análises que dão conta das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como elas se manifestam através da linguagem (WODAK, 2003). Nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social, servindo para legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente. (PEDROSA, 2005)

A leitura do excerto não nos deixa dúvidas quanto à natureza conteudista deste tipo de análise proposta, que apesar de partir de uma fundamentação cientificamente válida, ou seja, o poder da linguagem como forma de interferência nas relações sociais, resvala no caráter que é por nós indesejado, isto é, a falsa percepção de que o social se manifesta no texto, ao contrário da Análise de Discurso que irá considerar uma relação constitutiva entre a linguagem e a sociedade, introduzindo a política e a ideologia, como veremos no próximo tópico.

Por fim, ainda sobre a ACD, encontramos uma razoável gama de seguidores desta corrente no Brasil, que sediou o Colóquio Internacional *O Discurso Crítico na América Latina,* realizado entre os dias 19 e 21 de setembro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, organizado pelo Instituto de Letras da referida universidade e o Instituto Estadual do Livro daquele estado. O colóquio desaguou na publicação do livro *O Discurso Crítico na América Latina[[10]](#footnote-11)* que teve como organizadora Tania Franco Carvalhal e a publicação de palestras proferidas por vinte e quatro estudiosos do assunto. Por fim ressaltamos os valorosos esforços da Professora Isabel Magalhães da UNB, que merece o crédito de pioneira desta escola no Brasil.

2.2 – A Escola Francesa de Análise de Discurso

Entramos nesta parte na Análise de Discurso propriamente dita, ou mais precisamente na Escola que considero agrupar os elementos necessários e fundamentais para a realização de uma análise discursiva tendo como pressuposto basilar o impulso dado por Pêcheux à ciência matriz do trabalho que ora desenvolvo.

Nasce a Análise de Discurso na França na década de sessenta do século passado marcada por características de ambiência muito típicas e que certamente influenciaram sua criação e desenvolvimento. A França vive ao longo dessa década uma grande efervescência política e ideológica que irá conduzir a um marco da história política e intelectual daquele país, o “maio de 68”, nas palavras de Verli Petri;

Pode ser considerado um momento histórico com características fundacionais, é o auge da utopia vivida na década de 60, marcando o início da renovação do pensamento político e social, quando o Materialismo Histórico influencia nas formas de se pensar as Ciências Linguísticas, historiadores, filósofos sociólogos, psicólogos (em ruptura com a Psicologia Social), buscam espaço para renovar o pensamento no interior das Ciências Sociais. É nesse lugar que se inscreve Michel Pêcheux, entre outros intelectuais da época, estabelecendo relações entre o científico e o ideológico, renovando a abordagem histórica das/nas ciências. Cabe aqui salientar pelo menos dois domínios de saber que incomodavam, por sua forma teórico-prática a Pêcheux: o já citado “psicologismo social” e o que passa agora a ser mencionado como “análise de conteúdo”. (PETRI, 2006)

No contexto dado percebemos a importância da ebulição francesa da época e realçamos a aversão de Pêcheux ao chamado psicologismo social e a análise de fundo conteudista. A primeira conduzia a uma visão biologicista e psicológica do ser humano em sua interação com a linguagem, desconsiderando fatores quintessenciais da proposta de Pêcheux, que levará em consideração a psicanálise, freudiana e lacaniana, o Materialismo Histórico marxista e a Linguística saussuriana como pontos fundamentais de apoio para a realização de um estudo sobre o discurso. Quanto à análise de conteúdo já fiz uma breve exposição acima.

A Análise de Discurso preconizada por Michel Pêcheux surge então, nas palavras de Orlandi como uma “ciência de entremeio” (ORLANDI, 2007), tendo um pé postado nas ciências sociais e outro na Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise. O discurso não poderia ser analisado apenas à luz da língua, ou das interações de ordem social, requeria mais, e era a isso que Pêcheux almejava. Estavam aí traçados os sedimentos para uma nova ciência, indiscutivelmente complexa e hermética, mas primordial para a análise dos dispositivos discursivos. Em toda aquela vasta gama de debates intelectuais o espírito científico do autor da *Análise Automática do Discurso* requeria algo mais profundo, intenso, não estaria saciado com respostas superficiais e de pouca profundidade científica, assim, abre mão de um caminho mais fácil por outro mais difícil e revolucionário.

Falo em revolução, pois não me ocorre expressão melhor para designar as transformações constituídas ou fundadas por Pêcheux no campo da Análise de Discurso, como já disse uma ciência de entremeio, profundamente enraizada nos pensamentos e reflexões de ponta na esfera intelectual e que abriria, ou melhor, atravessaria uma grande cortina para o entendimento do discurso, do homem e do pensamento. O elemento maior dessa construção é o ingresso da ideologia no campo da análise. E nesse tema seria de crucial importância o seu contato com a obra de Althusser. Nessa época era marcante e poderosa a influência do estruturalismo sobre as discussões de índole intelectual, e que açambarcavam além de Althusser autores proeminentes do calibre de Foucault, Lacan, Lévi-Strauss e Derrida dentre outros. Essas são as condições capitais para o surgimento da nova ciência que tem como um de seus marcos fundamentais, senão o fundamental em si que é a publicação em 1969 do livro *Análise Automática do Discurso* por Pêcheux. Parte do emprego da informática para a Análise de Discurso visa a uma análise com o maior rigor científico possível e na medida do possível “sem erros” ou contradições, uma vez que a precisão era uma obsessão do mestre. Cabe aqui uma pequena divagação. Pêcheux estabelece este constructo no último ano da década de 60, portanto, muito longe das condições e recursos possíveis hoje por uma Análise de Discurso computacional, muito antes da generalização dos computadores pessoais e do surgimento da Internet e das inúmeras redes sociais que possibilitaram a abertura para um novo campo de estudo da linguagem; este fato é a prova incontestável de sua visão apurada e inovadora, o que não nos deixa de fazer parar para pensar no que poderia estar sendo realizado hoje por ele a partir de tantas inovações no campo da informática, muito embora sua obra tenha deixado aberto o caminho para tal estudo.

Sobre Pêcheux e seu posicionamento recorremos às palavras de François Dosse em sua clássica obra sobre a história do Estruturalismo.

Michel Pêcheux, um íntimo de Althusser, entre os seus discípulos, pensava que a melhor maneira de fazer filosofia nos anos 60 era no campo das ciências sociais. Nesse sentido, era um pouco como uma exceção entre os discípulos da ENS[[11]](#footnote-12). É nomeado no CNRS[[12]](#footnote-13) para um laboratório de psicologia social da Sorbonne Sorbonne, sob a direção de Pagès, numa disciplina que era vista naquela época como o pior dos horrores aos olhos dos althusserianos. Ele integra-se, é claro, em semelhante ambiente como discípulo de Althusser e de Canguilhem[[13]](#footnote-14), numa perspectiva crítica, como cavalo de tróia do psicologismo.[[14]](#footnote-15) (DOSSE, 2007. Pg. 402-403)

Pêcheux está então inserido em uma conjuntura histórico-política que vai absolutamente contra o seu pensamento, ou seja, a escola que segue o psicologismo; todavia já tem em mente, como filósofo, as bases que considera fundamentais para fazer filosofia, Dosse é bastante feliz ao denominá-lo “cavalo de tróia”, não com a conotação de uma eventual sabotagem intelectual, mas sim, em uma posição que marcaria definitivamente Pêcheux contra o psicologismo social e contribuiria para o desenvolvimento de uma ciência tão contrária àquela vertente que viria a colocá-la em cheque.

O filósofo Michel Pêcheux vai cada vez mais se direcionando para o estudo da linguagem, mais precisamente a da Análise de Discurso, com vistas ao discurso político. Retomamos aqui o pensamento de Petri.

O interesse científico, de Pêcheux, sobre o campo das pesquisas lingüísticas era crescente, levando-o à fundação da Teoria do Discurso, tal como a conhecemos hoje (...). Para Pêcheux, as Ciências Sociais seriam ideológicas e, portanto, deveriam ser tratadas como tais, em sua “provisoriedade constitutiva”. (PETRI, 2006)

 Do que foi dito até aqui é bastante importante notarmos as teias de ligação teórica que podemos vislumbrar. A aproximação entre Pêcheux e Georges Canguilhen não se dará em vão, tendo sido este professor e como já acentuado orientador de tese de Foucault, tendo exercido sobre o autor de *A História da Loucura* considerável influência na maneira de pensar a ciência. Mas não só Foucault se inseriu no paradigma em que se alinha Canguilhem, discípulo de Bachelard, o historicismo, também Pêcheux, discípulo de Althusser, aí se inscreve. Canguilhem um seguidor do alemão Nietzsche seria marcante para Pêcheux, sobretudo no campo epistemológico. Essas observações são feitas com a finalidade de acentuar o caldeirão intelectual e ideológico que marcam o início da Análise de Discurso, e como suas perspectivas eram estendidas a partir de um grande número de intelectuais de grande impacto. Citei em um curto espaço Bachelard, Canguilhem, Foucault, Althusser, Lacan, e assim poderia fazer com outros que tiveram de uma forma ou de outra uma importância para o surgimento e desenvolvimento da Análise de Discurso, na medida em que eram contemporâneos de Pêcheux e estabeleceram muitas relações teóricas.

 Após essa exposição acerca de elementos constituidores da Análise de Discurso devo passar para seus alicerces, uma vez que não faz parte de meu objetivo penetrar na imensa profusão de marcos teóricos de nossa ciência.

 A Análise de Discurso é interpretada, como já disposto, como ciência de entremeio por Eni Orlandi (2007), com um estatuto científico próprio e independente da Linguística, como estabelece Pêcheux (1969) no sentido de que possui uma autonomia, não sendo Uma mera aplicação daquela. Pensa o discurso em sua complexidade, não a tomando na valência absoluta do discurso em si próprio. Ele não é colocado como algo evidente, mas sim dotado de uma opacidade, uma espessura que deve ser considerada na realização de sua análise; no mais existe, tão somente, uma “ilusão de transparência” para utilizarmos uma expressão de Eni Orlandi (2010). Quem cai nessa ilusão acaba por resvalar no conteudismo, esquecendo-se das múltiplas possibilidades que são dadas pela riqueza e pluralidades encontradas no discurso, no qual o institucional, o ideológico, o histórico, o político e o social o constituem, o que terá assim significados diversos dependendo da posição de quem o apreende ou de quem o concretizou. Assim vejo a complexidade quase mágica da Análise de Discurso e todas as possibilidades abertas partindo de sua formulação.

 Minha proposta é conjugar desde já o aparato teórico com o analítico, possibilitando que em todas as partes do trabalho possa ser estudada a teoria, o mais fielmente possível, em consonância com a análise que é o objeto principal desta dissertação. Sobre a Análise de Discurso e aquilo que foi dito ou deveria ter sido dito até aqui é magistral a lição de Orlandi, no artigo *Análise de Discurso e contemporaneidade científica,* do livro de sua autoria *Discurso em Análise – Sujeito, Sentido, Ideologia.*

Historicamente, a a análise de discurso, fundada por M.Pêcheux, se dá nos anos 60 do século XX. Filiada teoricamente aos movimentos de ideias sobre o sujeito, a ideologia, a língua, ela marca sua singularidade por pensar a relação da ideologia com a língua, afastando a metafísica, trazendo para a reflexão o materialismo e não sucumbindo ao positivismo da ciência da linguagem. Pós-estruturalista, se beneficia do não conteudismo – seja do sentido, seja do sujeito como origem. Nem formalista, nem funcionalista: materialista. Distancia-se deste espaço da objetividade prática a que os europeus, diz Pêcheux (2011), chamam de *liberalismo* ou *pragmatismo.* Este é um dos seus pontos de ataque: o materialismo. (ORLANDI, 2012. Pg. 37)

 Encontro ao longo destas breves linhas iniciais algumas características da Escola Francesa da Análise de Discurso, ou simplesmente da Análise de Discurso.

1. Vinculação teórica aos três grandes campos de conhecimento desenvolvidos no século XX; o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise.
2. Aversão absoluta ao “conteudismo”.
3. Afastamento da pragmática.
4. Rejeição ao Psicologismo Social.
5. Enfoque da ideologia como elemento primordial para sua prática.
6. Negação da metafísica aplicada à Análise de Discurso e enfoque no materialismo.
7. Não redução do político ao enunciativo.
8. Espaço para a significação do sujeito.
9. Não essencialismo e negação do positivismo.
10. Estudo realizado a partir da noção de opacidade do texto, renunciando a ideia de que tudo está nele, ao contrário possui o discurso uma espessura que deve, necessariamente, ser enfrentada e que se articula à sua exterioridade.

 Esse elenco, coincidentemente decalógico, possui natureza meramente exemplificativa e não exaustiva, uma vez que no entorno teórico da Análise de Discurso encontraremos muitos outros dispositivos históricos e teóricos de grande importância. Entre eles a historicidade do sujeito, que ganha e produz sentidos, não sendo apenas mais um ponto estanque, mas sim, um elemento fundamental para a análise.

Quando escrevo sobre o discurso do futebol posso antever todas essas características passadas em revista para a estruturação de uma análise. Tomo como exemplo o livro *Os 100 Maiores Jogadores Brasileiros de Todos os Tempos,* de André Kfouri e Paulo Vinícius Coelho,publicado pelo selo Pocket Ouro da Nova Fronteira em parceria com a emissora ESPN. Trata-se da escolha de cem jogadores considerados de grande relevância para o futebol brasileiro, organizados em verbetes em ordem alfabética, cada um deles com um texto a seu respeito precedido por uma epígrafe. No espaço consagrado a Antônio Wilson Vieira Honório (1943-), o Coutinho que integrou o grande time do Santos Futebol Clube na década de 60 e conhecido mundialmente como o “Santos de Pelé” apresenta-se a seguinte epígrafe: “Coutinho não era apenas o parceiro perfeito do Rei. Era um driblador tão hábil e um finalizador tão preciso que as pessoas o confundiam com Pelé.” (ob. Cit. pg. 72)

Ao realizar uma análise, mesmo que sucinta do texto, posso perceber como característica um enaltecimento por meio de um apagamento, ou seja, para reafirmar os méritos de Coutinho são evocadas as qualidades superiores de Pelé, os autores acabam por falar mais em Pelé do que no próprio Coutinho; “Coutinho não era apenas o parceiro perfeito do Rei.”/ “as pessoas o confundiam com Pelé.” Na primeira sentença o jogador é citado como “parceiro perfeito”, perdendo assim o protagonismo em detrimento da função de “parceiro”, aqui entendido como “ajudante”, “colaborador”. No segundo enunciado o grande elogio realizado a Coutinho é o fato de ele ser “confundido com Pelé”. Ao contrário do que se poderia supor o grande mérito não é um traço característico e absolutamente distintivo, mas sim a identificação com outro jogador que serve de parâmetro.

Ao estabelecer Pelé como parâmetro, a par da indubitável e universalmente reconhecida genialidade do craque, existe um apagamento dos méritos pessoais de Coutinho que fica a sombra de um atleta considerado maior. Uma leitura superficial do pequeno texto pode ocultar essas marcas, mas ao utilizarmos dispositivos analíticos próprios da Análise de Discurso mostra outra forma de “ouvir o dito”, outra leitura que se aperfeiçoa através de um gesto de interpretação teoricamente sustentado na análise. Por ela podemos dizer que há uma deriva de Coutinho para Pelé que compromete o processo de individuação de Coutinho, o identificando a outro: Pelé. O enaltecimento fica a cargo de uma diminuição perante outro esportista, gerando um apagamento dos méritos intrínsecos a Coutinho. Este tipo de ponderação é comum no discurso do futebol. O imaginário cria modelos superiores aos quais são submetidos os padrões comparativos. Aqui fala o político, substancializado no senso comum, dentro do qual uma posição de inferioridade “ao maior de todos” é parâmetro de excelência, digo o político, pois não se ousaria realizar, se fosse o caso, uma comparação equitativa que iria chamar atenção de forma negativa para os autores que poderiam ser vítimas da acusação geral de “atentar contra o mito”.

A ideologia que aí funciona é a da reafirmação de Pelé como desportista superior e inatingível, que mesmo no verbete de outro atleta deve ser enaltecido.[[15]](#footnote-16) Está presente aqui a opacidade do texto que a princípio parece ser a invocação de Coutinho, mas por fim estabelece a afirmação da superioridade de Pelé como modelo supremo.

2.3 – Interdiscurso; Memória Discursiva; Produção de Sentidos e Efeitos Discursivos

 Alcanço, neste ponto, a questão do interdiscurso, algo que deve ser compreendido de maneira muito específica na Teoria Geral da Análise de Discurso. Ao contrário da análise textual na qual o interdiscurso é, muitas vezes visto, como uma manifestação semelhante à intertextualidade, aqui na Análise de Discurso, o termo assume uma especificidade técnica bem mais sofisticada. Entende-se por interdiscurso tudo aquilo que foi formulado sobre aquele discurso. Para a Análise de Discurso, o interdiscurso confunde-se com

a memória discursiva. Nas palavras de Orlandi:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984)[[16]](#footnote-17), fala uma voz sem nome. (ORLANDI, 2007. Pg. 33-34)

 Não existe, portanto, o sentido a partir do ineditismo, a formação de sentidos depende daquilo que já foi dito, aquilo que integra a memória discursiva. Memória esta que se estrutura pelo esquecimento. Ninguém precisa saber quem disse ou quando disse, mas aquele já-dito cria um vínculo existencial que faz com que o que é repetido forme já sentido. Os enunciados “novos”, não produziriam sentido se já não houvesse esse efeito do já-dito e esquecido de dizeres pretéritos funcionando no processo de significação. A formulação pode ser nova, mas aquilo que concede a ela sentido é já pré-existente. Como diz Michel Pêcheux, definindo o interdiscurso: “algo fala antes, em outro lugar e independentemente”. (2009)

 Importante salientar que a noção de “memória discursiva’” para a Análise de Discurso distancia-se do uso comum dado ao vocábulo memória. Em seu livro romanceado de memórias *José,* o escritor mineiro José Rubem Fonseca escreve:

As memórias preservadas desde a infância e que carregamos durante nossa vida são talvez a nossa melhor educação, diz Alyosha Karamázov. E se apenas uma dessas boas memórias permanece em nosso coração, ela talvez venha a ser, um dia, o instrumento da nossa salvação.

Mas há quem pense o contrário do personagem de Dostoiévski, os que acreditam como Joseph Brodsky, que “a memória trai a todos, é uma aliada do esquecimento, é uma aliada da morte.” (FONSECA, 2011. Pg. 5)

 No texto de Fonseca encontramos na voz do personagem de Dostoiévski uma ideia que discrepa daquela relativa à memória em Análise de Discurso. Ele faz uma referência às lembranças, que são memórias históricas ou psicológicas, e não à memória discursiva em sua acepção científica. No outro parágrafo já posso notar nas palavras do poeta de Leningrado uma certa identificação com a memória discursiva, isso pela correlação feita entre memória e esquecimento. Podemos tomar ainda a morte como simbolismo e completarmos que o reavivamento dessa memória pela repetição do já-dito (já-feito) cria um efeito de ressurreição no nível dos sentidos. O mesmo Fonseca cita Proust na página seguinte “a lembrança das coisas passadas não é necessariamente a lembrança das coisas como elas foram” (FONSECA, ob. cit. Pg. 6). Aqui o conceito de memória, bem característico de Marcel Proust, vem sob a rubrica de “lembrança”, creio não ser absurdo fazer um paralelo entre as três posições. Na primeira temos a memória em seu sentido comum, vulgar. Na segunda de Brodsky temos uma acepção que se não é aquela pertinente à memória discursiva, ao menos permite a elaboração de um raciocínio dentro de seus cânones. Por fim, em Proust, apesar da utilização lexical específica de “lembrança” nos é permitida uma reflexão sobre a memória discursiva.

 Será que podemos tomar tudo o que já foi dito como algo que reaparecerá no discurso com a mesma produção de sentidos? Creio que não, precisamos do já-dito para que ocorra o processo de reconhecibilidade e entendimento, da interpretação, mas esta não se dará necessariamente com a mesma acepção do já-dito, sofrendo uma transformação em razão de fatores ideológicos e de produção discursiva. O já-dito integrará a memória discursiva, mas poderá sofrer “ajustes de sentido” que ampliam a multiplicidade de possibilidades de gestos de interpretação. Gesto aqui significando “ato no nível simbólico” (PÊCHEUX, 1969) Desta forma não teríamos uma estabilização perene da formação de efeitos de sentidos. Substituindo palavras na frase de Proust temos: a **memória** das coisas **já-ditas** não é necessariamente **a memória** dascoisas **como foram ditas.** Substituo com finalidade exemplificativa “lembrança” por “memória”; “passadas” por “já-ditas” e, “como elas foram” por “como elas foram ditas”. Em outras palavras a memória discursiva seria marcada pelo já-dito, todavia, não necessariamente como foi dito. Está presente aí a ideia dos deslizamentos semânticos ou mesmo da fuga de sentidos.

 Para o estudo do discurso do futebol é bom salientarmos que essa proposição pode explicar muitas alterações de constituição de sentido, que formarão efeitos cognoscíveis, mas permitirá uma “volatilidade discursiva” representada pelo re-dizer do já-dito, assim a narrativa de um dado fato, como por exemplo, uma importante partida decisiva não terá uma formação de sentido estabilizada, mas sofrerá a carga de um gesto de interpretação com base no que por disposições de várias ordens, como a ideológica, representam a ideia geral da memória constituída e agora reafirmada com base em uma nova visão-interpretação-percepção consoante um entendimento posterior, com os devidos deslocamentos de efeitos e sentidos.

 No discurso do futebol encontramos situações paradigmáticas a respeito dessa alteração de sentidos centrada em uma base que sofre deslocamentos. Posso dar como exemplo a expressão “domingada” surgida a partir do grande zagueiro Domingos Antônio da Guia[[17]](#footnote-18), conhecido como Domingos da Guia e pelo apelido de “Divino Mestre”. A expressão surge inicialmente pela grande habilidade da qual era dotado o jogador, que mesmo atuando em uma posição defensiva, que visa evitar o momento maior do futebol que é o gol, conseguia praticar dentro de sua própria área de defesa jogadas magistrais e encantadoras[[18]](#footnote-19), no livro *Nunca Houve um Homem Como Heleno,* biografia do mítico atacante botafoguense Heleno de Freitas[[19]](#footnote-20) escrita por Marcos Eduardo Neves, uma passagem sobre Domingos é bem elucidativa:

Heleno podia entrar numa com qualquerum, mas não era besta de se meter com Domingos da Guia. A categoria do “Divino Mestre” era de tirar o sono dos atacantes antes mesmo de se concentrarem. Como narra Mário Filho em *O Sapo do Arubinha[[20]](#footnote-21):* “Uma vez Domingos deu uns vinte dribles seguidos em Heleno de Freitas. Heleno foi para cima dele, Domingos tomou-lhe a bola e com o pé parecia que amolava uma navalha. Heleno acompanhava o movimento do pé de Domingos, ia para cá, ia para lá, Domingos apressando o movimento, mais depressa, mais depressa, a torcida de boca aberta, como se estivesse num circo e a banda tocasse anunciando o salto-mortal de um trapézio de tantos metros de altura, sem rede. Até que Heleno se esparramou no chão.” (NEVES, 2012. Pg.77)

 A palavra “domingada” encontra-se inclusive dicionarizada, no supracitado Dicionário Houaiss, com um verbete de seguinte teor:

Tentativa desastrosa de tentar uma jogada defensiva difícil, do estilo de Domingos da Guia, jogador de futebol da seleção brasileira entre os anos de 1931 a 1947, que driblava da própria área. (HOUAISS, 2001. PG 1075)

A *Lancepédia- Enciclopédia do Futebol Brasileiro* apresenta outra versão para o termo:

O lance mais discutido de sua carreira aconteceu nas semifinais da Copa do Mundo de 1938[[21]](#footnote-22). O Brasil perdia por 1 x0, mas pressionava o adversário em busca do empate.. Aos 17 minutos do segundo tempo, porém, o italiano Piola provocou **Domingos da Guia**, capitão da equipe, que cometeu um pênalti infantil. A partir daí os dicionários de futebol passaram a incluir a palavra “domingada” como uma jogada infeliz. Até sua morte, Domingos garantia que o lance polêmico aconteceu fora da área. (LANCEPÉDIA, 2009. Pg. 71)

Aqui encontramos outra versão sobre a memória do fato e a origem do vocábulo. São inúmeras as referências à domingada na história do futebol, em todas elas é possível achar deslocamentos de sentido, que dão não apenas uma ou outra interpretação, mas sim buscam amoldar o fato ou o termo a um determinado sentido, estamos diante de uma luta ideológica pelo sentido que afeta a memória como fato em si, estamos diante da expressão de Proust acima mencionada. Com o objetivo de remarcar este exemplo que considero importante como campo de análise no discurso do futebol cito uma passagem do livro de Jô Soares *As Esganadas*, em que a memória é conduzida ao universo ficcional e encontra outra versão baseada em uma narração do polêmico lance, efetuada pelo famoso narrador Gagliano Neto[[22]](#footnote-23) do jogo realizado no dia 16 de junho de 1938 no estádio Vélodrome em Marselha:

Que é isso minha gente! Piola dá um violento tranco em Domingos e Domingos revida aplicando-lhe uma rasteira! O juiz apita *penalty*! A pelota estava fora de jogo mas mesmo assim ele assinala *penalty* contra o Brasil! Meu Deus meu Deus meu Deus! Penalty! Sua Senhoria errou! A bola estava fora de campo o máximo que o árbitro helvético[[23]](#footnote-24) poderia fazer era nos punir com a expulsão do *back*! Domingos da Guia apenas revidou a agressão do atacante italiano mas o juiz não viu! (SOARES, 2011. Pg. 125) [[24]](#footnote-25)

Temos então quatro posições sujeito-memória para constituir o mesmo fato, seguramente poderia acrescentar muitas outras, mas seria demasiado extenso e desnecessário para esta curta análise.

1. O fato contado por Mário Filho
2. O verbete do Dicionário Houaiss
3. A explicação da Lancepédia
4. A narração de Gagliano Neto publicada na obra de Jô Soares

Nestes exemplos é fácil perceber o movimento entre a memória e o esquecimento, o já-dito sendo re-significado e produzindo efeitos de sentido, não ocorre linearmente como “aconteceu”, mas sofre um processo de corrosão que empresta ao discurso seu sentido específico em cada um dos casos, a partir de uma narrativa estão estabelecidas as marcas que produzem o sentido, é a memória trabalhando e atuando sobre o discurso.

No texto de Mário Filho temos a escrituração do que é ou era uma “domingada”, a jogada magistral defensiva que ao contrário das expectativas fazia com que um defensor brilhasse mais que um atacante, praticasse o chamado “futebol arte”, ao contrário da célebre expressão “bola para o mato que o jogo é de campeonato”. No verbete do Houaiss já é claro a deriva semântica, no qual a jogada atribuída a Domingos é exaltada, mas o termo assume a conotação de uma tentativa mal feita. No número 3. temos o verbete da Lancepédia que atravessa os sentidos anteriores e imputa à palavra um sentido negativo, completamente pejorativo. O termo está constituído na memória, mas sofre uma transfiguração que desliza de seu aspecto, vejo aí um traço entre o factual da expressão e o esquecimento, ou quase apagamento, das características da jogada que a ele deram nomeação. Por fim podemos acompanhar a narração de Gagliano Neto, no exato momento em que ocorria o lance, ele desmente ao menos de forma parcial aquilo que 71 anos depois seria descrito como o fato que dá origem a palavra “domingada”, esta como já vimos tem sua natureza a partir das belas e arriscadas jogadas do Divino Mestre e não por uma falta que originou um pênalti de marcação controversa. A expressão mantém-se em sua ambigüidade e indecisão. Temos o “sentido em fuga” (ORLANDI, 2012)

A partir de um mesmo vocábulo tão pronunciado no discurso do futebol temos uma miríade de possibilidades de formação de efeitos e sentidos que estão relacionados à repetição (interdiscurso) e as falhas de memória que passam a construir sentidos paralelos. De certa maneira fica aberto um campo semântico para a formulação de **efeitos discursivos**, aqui não falo da história, de seus fundamentos imanentes, outra finalidade buscada pelas Ciências Sociais, mas de uma historicidade discursiva que permite a formulação de discursos diversos e compreensíveis em sua diversidade. O ideológico e o político vão atuar e criar o deslizamento de sentidos que é alvo de estudo pela Análise de Discurso.

Os deslizes são compreendidos como efeitos metafóricos, entendidos aqui na acepção orlandiana, que situa a questão na relação do discurso com a língua, citando ainda Pêcheux que chama de “efeito metafórico” um efeito semântico ocorrido após uma substituição de contexto (ORLANDI, 2007) os enunciados derivam para outro significado, temos uma corrente ininterrupta que age a partir do dito, é transformada pelos efeitos de sentido e criam feixes propícios à interpretação, ou mais precisamente, gestos de interpretação. Devo realçar que à luz dos dispositivos analíticos não se trata de uma “variante linguageira”, mas sim de uma composição que atravessa o dito por um leitor-intérprete e reescrita e re-dita conforme as nuances entre o funcionamento memória-esquecimento. Daí surge o patrimônio discursivo, algo como um conjunto perceptível e passível de apreensão pelos sentidos que torna o dizer compreensível e ampliável. Jogos de esquecimento-memória que irão perpetuar o discurso e suas formas de interpretação. Aqui não há lugar para o estático, o definitivo, o sedimentado ao qual aspira a História. Tratamos de um material que se não é amorfo, é multiforme, nem verdade nem mentira, simplesmente discurso. A autoria flutua e ganha novas concepções.

Devo retornar à teoria, pois se falo de memória devo esclarecer suas múltiplas faces, ou ao menos deixar claro como existe, e salientar que o meu interesse é o papel da memória na Análise de Discurso. Sobre o tema, aliás, um opúsculo exatamente com esse nome: *Papel da Memória foi* publicado no ano de 2010 pela Editora Pontes, com textos de Pierre Achard, Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux e Eni Orlandi, com tradução de José Horta Nunes. Este pequeno livro de 71 páginas carrega noções fundamentais e de alta relevância para a compreensão da memória no discurso. No artigo de Achard encontro uma passagem que exemplifica bem aquilo que busquei neste tópico:

Um outro exemplo desse fato foi discutido sobre os manuais escolares: ainda que se considere que eles constituam uma vulgata em relação a textos mais “elaborados”, o exame dos manuais concretos e sua confrontação permite colocar em evidência não somente que eles estão sujeitos à crítica, apresentam variações consideráveis de um a outro, são insatisfatórios para o que se espera deles, mas ainda que é ao nível dos implícitos supostos por eles chegam a constituir uma vulgata. (ACHARD et. al, 2010. Pg. 13)

No caso da análise que fiz, o discurso vai reunir estes elementos e adequar-se à época e a ideologia que o pressiona, e de certo modo o condiciona, por meio de uma cadeia de implícitos que realiza desde um dado ponto uma retomada e por sua vez uma outra retomada, e assim consecutivamente até praticamente criar um discurso autônomo partindo do inicial.

A língua inscrita na história passa a significar, temos a interpelação do sujeito pela língua e sendo o sujeito necessariamente ideológico, toda a inteireza da memória discursiva sofrerá esse aporte ideológico na formação do interdiscurso e na produção dos efeitos discursivos. Não é por outra razão que nessas idas e vindas, com o apagamento da memória, o silenciamento, encontramos sobre a “domingada” aspectos discursivos díspares e paradoxalmente vinculados por um liame histórico-discursivo comum.

2.4 – O Discurso Fundador

 Não seria possível realizar uma empreitada que aborda perspectivas fundacionais do discurso do futebol brasileiro sem dedicar um espaço, mesmo que pequeno, a questão do discurso fundador. Não realizarei aqui um estudo amplo e pormenorizado, partirei das noções já estabelecidas com mestria por Orlandi e que tecem orientações preciosas para a natureza do discurso fundacional.

 Neste sentido o livro *Discurso Fundador – A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*, organizado por Orlandi (2003) possui sesquipedal importância e desempenha com vigor e papel de destaque o estudo do tema em nosso país. Já no prefácio, a organizadora do volume, traça algumas linhas acerca da natureza do discurso fundador:

O Discurso Fundador, tal como o tratamos nessa reflexão conjunta, não se apresenta como já definido, mas antes como uma categoria do analista a ser delimitada pelo próprio exercício da análise dos fatos que o constituem, observada sua relevância teórica.

Mais especificamente em relação à história de um país, os discursos fundadores são discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país. E a nossa tarefa é então mostrar como é que eles se estabilizam como referência na construção da memória nacional. (ORLANDI, 2003. Pg. 7)

Muito importante, para o que trato aqui, esses que são os dois parágrafos iniciais do prefácio da obra. Importante por delimitar e apontar para a natureza do Discurso Fundador e, sua relação tão íntima com a construção da memória do país. Quando busco elementos indicadores de um discurso fundador do discurso do futebol no Brasil, não estou em busca de um texto xamânico, simbólico e quase sagrado que institua esse discurso e o crie, ou recrie, mas sim um conjunto de disposições discursivas que sejam por mim categorizadas e delimitadas, como bem asseverado por Orlandi (2003), e que possibilitem o encontro de sua relevância teórica e a construção de sentidos e memórias em relação ao nosso futebol.

A análise da carta de Pero Vaz de Caminha, e a extração da célebre frase jamais escrita “em se plantando tudo dá” (ORLANDI, 2003. Pg. 14) fornece uma ideia bem consistente das alterações de sentido que pode sofrer um discurso fundador. Na carta, originalmente, temos: “Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por causa das águas que tem”, este trecho da famosa carta tem sua formulação e seu sentido alterado, principalmente, pela supressão à referência feita “ás águas que tem”, torna-se um enunciado político de vitalidade e força, garantindo assim sua natureza fundamental. O dito é remontado e a partir daí ganha novos sentidos, produz outros efeitos e vai se encaixar no imaginário nacional, no imaginário do “ser brasileiro” e irá reverberar em uma cadeia interdiscursiva, atuando sobre a memória coletiva como marco fundador de um discurso sobre o Brasil.

Outro exemplo que cito é a famosa frase de Hamlet[[25]](#footnote-26) no ato I cena V da célebre peça de Shakespeare, quando aquela personagem conta a seu amigo Horácio a aparição do espírito de seu pai: ”Há mais coisas entre o céu e a terra Horácio, do que sonha nossa vã filosofia”, no original inglês temos: “There are more things in heaven and earth, Horatio,/ Than are dreamt of in your philosophy.”, a tradução literal, como realizada por Millôr Fernandes em 1988 é “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, Do que sonha tua Filosofia.” A título de exemplificação, a tradução portuguesa por Carlos Alberto Nunes trás: “Há muita coisa mais no céu e na terra, Horácio, do que sonha a nossa pobre filosofia.”

Na versão clássica, mais conhecida e cristalizada no Brasil, temos um inegável deslizamento semântico, uma alteração de sentidos que concederá às palavras do bardo elisabetano um tom de sobrenatural que não condiz com a proposição original extraída de uma tradução literal, como a realizada por Millôr. A colocação de “entre” no lugar de “no” e “na”, e também a troca de “tua” por nossa, além da adjetivação “vã” alteram acentuadamente os registros de sentido. Não posso deixar de estabelecer que essa passagem de *Hamlet* é uma das mais populares em todo o mundo, no Brasil muitos a confundem com um provérbio popular.

Dessa forma entendo que a partir da tradução tornada clássica e citada até por aqueles que desconhecem sua origem é criado um “discurso fundador shakespeariano à brasileira”, a alteração e movimentação de sentidos produz um outro de ordem sobrenatural além daquela formulada pelo notável dramaturgo. Estende-se para formar um novo discurso que está consubstanciado na memória coletiva. O que passa a importar não é o dito, mas o re-dito a partir do gesto de interpretação e tradução que foi corporificado na mêmesis coletiva. Originalmente Hamlet ataca o espírito cético de Horácio (sonha tua filosofia), no novo discurso ele se insere e acrescenta uma pobreza a esta filosofia, como se existisse uma outra mais reveladora, menos compreensível e mesmo metafísica (sonha nossa vã filosofia). Como na carta de Pero Vaz o nunca dito torna-se o dito “oficial”. Em Caminha temos um apontamento para o discurso fundador nacional; na tradução de *Hamlet*, a partir do momento em que esta versão ganha especificidade e entra na história, um discurso fundador sobre o pensamento de Shakespeare é cristalizado.

A filósofa francesa Simone Weir (1909-1943), cujo vigoroso pensamento é infelizmente bem pouco conhecido em nosso país chamou a atenção no início dos anos quarenta para a imprecisão nietzchiniana quanto à oposição entre Apolo e Dionísio; em carta a seu irmão, o matemático André Weir, chamou tal proposição de “pura fantasia” (PUENTE, 2011 Pg. 52). Fundamentado na visão de Weir e na proposição de Nietzsche, posso conceber a partir deste uma criação que origina um discurso fundante que marcaria poderosamente a filosofia do século XX, a partir de uma específica interpretação do discurso helênico. Não cabe aqui, evidentemente, uma observação mais específica acerca do pensamento do filósofo alemão, assim como o de Heidegger e de outros que encamparam a visão de Nietzsche neste sentido. Todavia, é de se notar o surgir de um discurso. Um ponto inicial que conduzirá a uma formação dada de sentidos e que perdura em outras formações discursivas.

Retorno ao pensamento de Orlandi:

Não há ritual sem falhas, segundo Pêcheux, por isso é possível a ruptura. Instauração de uma nova ordem de sentidos. O que caracteriza como fundador - em qualquer caso mas precipuamente neste[[26]](#footnote-27)- é que ele cria uma nova tradição, ele re-significa o que veio antes e institui aí uma memória outra. É um momento de significação importante, diferenciado. (ORLANDI, 2003. Pg.13)

 Temos assim a ideia de discurso fundador como algo que inicia uma nova tradição, interpreto como uma inovação no discurso, e dele, renovado, re-significado, surgirá uma nova memória instituída. Nesse aspecto encontro uma crônica de João do Rio (1881-1921) sobre a inauguração do primeiro campo de futebol do Clube de Regatas do Flamengo[[27]](#footnote-28), na qual podemos ler a seguinte passagem:

Não! Há de fato uma coisa séria para o carioca – o futebol! Tenho assistido a *meetings* colossais em diversos países, mergulhei no povo de diversos países, nessas grandes festas de saúde, de força e de ar. Mas absolutamente nunca eu vi o fogo, o entusiasmo, a ebriez da multidão assim. Só pensando em antigas leituras, só recordando o Colosseum de Roma e o Hipódromo de Bizâncio. (JOÃO DO RIO, 1971. Pg. 61-62)

 Na crônica de Paulo Barreto[[28]](#footnote-29) posso vislumbrar traços discursivos que remetem a um Discurso Fundador do Brasil como “o país do futebol”. Muito embora esse epíteto só surgisse muitos anos depois, aqui já percebo elementos que elevam a importância do esporte, isso em uma época de pouca divulgação, todavia, produzido o texto em 1916 por um cronista e jornalista já consagrado e muito lido na então Capital Federal, joga um olhar atraente sobre o esporte, que certamente atrairia a atenção e assinalaria a memória de muitos leitores.

 O começo do parágrafo marcado por uma veemente interjeição “não!”, e a afirmação seguinte de que há “**uma** coisa **séria** para o carioca – o futebol!”, (grifos meus) já possibilitam entrever o patamar em que o jogo da bola é inserido. Existe claramente a vontade de deixar ao leitor a ideia de que para o carioca não existem coisas sérias, ou ao menos mais sérias, obviamente uma licença poética do cronista que aqui também se vale de uma construção de memória que atravessa o tempo e chega até nossos dias, a ideia do carioca como povo bonachão, despreocupado, menos afeito a “coisas sérias”. Pois é exatamente aí que incide a pena de João do Rio, ao escrever que existe sim, uma coisa séria para o carioca, e que esta coisa é o futebol, e o diz não de qualquer maneira, mas com uma ênfase que marca profundamente o gesto de leitura. Utiliza exclamações, traz ao texto uma grandiloquência descobridora, um recurso para atrair todas as atenções e reafirmar seu ponto de vista, uma elevação da importância daquele desporto. Estes elementos têm, e tiveram, o poder de penetrar na memória do leitor e lá se cristalizar, para que ele começasse a dar uma especial importância ao futebol.

 A comparação com jogos em outros países e no Brasil faz um contraponto, entre a frieza com que de certa forma era por lá recebido. Em contrapartida, para caracterizá-lo aqui invoca palavras como “fogo”, “entusiasmo” e recorre até a exemplos de sítios históricos em que determinadas práticas exerciam um verdadeiro poder hipnótico, absoluto sobre os espectadores. Assim cita o Coliseu e o Hipódromo de Bizâncio, o que caracteriza um efeito de remissões míticas. Mais uma vez a memória é atingida. Aqui não temos apenas um estádio, temos templos desportivos para a prática do futebol. Discursivamente estamos sendo remetidos a uma importância única, que transcende o esporte e torna-se vital, realço a expressão, **como em nenhum outro lugar no mundo,** o futebol seria encarado como no Brasil, logo se o Brasil é o país que mais se importa com ele, este é “o país do futebol”. Como análise cabe explicitar que há, principalmente pela época em que foi escrito, um exagero maior do que possa nos parecer nos dias de hoje. Naquela época o futebol no Brasil era muito mais um evento social, e mesmo que, sem dúvida, já existissem os fanáticos torcedores, nem de longe poderíamos comparar com a transformação adquirida ao longo dos anos, mais ainda, em países como a Inglaterra e outros que compõem as ilhas britânicas, ou na Itália, onde é chamado de cálcio, o futebol era visto com muito maior entusiasmo. Nem precisamos ir tão longe, nossa vizinha Argentina já possuía, até mesmo pela fortíssima influência britânica, um sentimento bem mais forte, arrebatador, em relação ao futebol. Mas essa posição faz parte do jogo discursivo, o cronista faz a apologia do futebol e o eleva, para, seguramente, impressionar seus leitores, transforma o comum em epopéia, e dessa forma realiza marcas que serão agregadas ao patrimônio memorial popular e ajudarão a formar e sintetizar a ideia do “país do futebol”. Por essa razão citei o trecho da crônica, ela nos liga a elementos que embasam um Discurso Fundador, rompendo com os fatos, criando falhas ritualísticas e elevando o *status* do futebol.

2.5 – O Discurso do Futebol

 Para complementar o presente capítulo abordarei a partir de agora o “discurso do futebol”, ou seja, como em linhas gerais se dá esta construção discursiva, quais as suas especificidades e como podemos tratar especificamente de tal discurso como tratamos do religioso; do político ou do pedagógico.

 Com base naquilo que já foi posto, nas noções de discurso, discursividade, discurso fundador, posso dizer de maneira ampla que as características gerais que lhe concedem especificidade não divergem daquelas que dão essa especificidade a outros discursos.

 Temos sobre este esporte uma construção discursiva, que age trabalhando na memória, sofrendo as ações do interdiscurso e produzindo sentidos. A ideologia e a política da forma entendida pela Análise de Discurso também estão presentes. Podemos destacar as pressões sofridas pelo sistema capitalista, já que estamos nele inseridos, também a ideia de gestos de interpretação, as “coleções” de sentido, as falhas de memória, a ideologia manifestada, sobretudo, no clubismo, mas também nas aferições de sentido que virão se estender para além do jogo em si, ou seja, seus conceitos de validade, aprovação e desaprovação. Como em todo discurso temos um entrelaçamento forte de múltiplos aspectos conjunturais, não é tão somente o lugar do linguajeiro, mas sensivelmente um vértice no qual o dizer, o já-dito, as condições de produção vão funcionar para montá-lo de forma a ser apreciável do ponto de vista analítico.

 Para uma compreensão breve, mas não superficial do discurso do futebol, recorro à tipologia dos discursos elaborada por Orlandi, e que apresenta três tipos ou espécies de discurso, a saber: o lúdico, o polêmico e o autoritário. Essa terminologia deve ser compreendida dentro da rigorosa metodologia científica apresentada pela autora e não como vocábulos esparsos em seu sentido dicionarizado, no qual o lúdico, por exemplo, seria a brincadeira, e o autoritário um ato ditatorial. Vou então prosseguir tendo em mente o posicionamento tomado pela citada autora, e antes de começar devo salientar uma particularidade, o discurso do futebol preenche estas três espécies referidas. Não é como o discurso religioso que, por excelência, exemplifica o discurso autoritário, ou a literatura que de modo geral encerra o discurso lúdico. Para tal elaborei uma pequena análise sobre excertos que podem corroborar com esta ideia, em seus três níveis.

 Primeiramente vou às características fundamentais de cada discurso estabelecidas por Eni Orlandi e apresentadas em *Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos[[29]](#footnote-30)*

a.discurso autoritário: aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor;

b. discurso polêmico: aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos;

c. discurso lúdico: aquele em que a polissemia está aberta, o referente está presente como tal, sendo que os interlocutores se expões aos efeitos dessa presença inteiramente não regulando sua relação com os sentidos. (ORLANDI, 2007. Pg. 86)

 Como já referido uma das mais marcantes peculiaridades do discurso do futebol, é que ele pode apresentar-se em qualquer uma das três possibilidades do rol estabelecido por Orlandi, o discurso do futebol não pode ser previamente enquadrado tipologicamente em uma das categorias, devemos analisar a produção de sentidos e a situação do referente, aí sim enquadraremos o discurso dado em um dos tipos. O discurso de um apaixonado por um clube, que queira mostrar ao leitor a superioridade de sua agremiação, ou um fato relevante em que ela se mostra superior, calando os efeitos polissêmicos, é de natureza autoritária.

Em crônica publicada no Jornal do Brasil do dia 24 de junho de 1982, Carlos Drummond de Andrade escreveu[[30]](#footnote-31):

A esta altura dos acontecimentos, falar em Santo Antônio, São João e São Pedro como os três santos de junho talvez seja anacronismo. Não faltará quem conteste, afirmando que os verdadeiros três santos do mês se chamem São Éder, São Sócrates e São Toninho Cerezo. Já outros porão em dúvida a terceira devoção, preferindo soltar fogos em honra de São Paulo Isidoro, enquanto outros ainda reclamarão: “E São Zico, se esqueceram dele?” Um altar imprevisto vai sendo providenciado para São Oscar. (ANDRADE, 2002. Pg. 175)

As condições de produção deste discurso estão relacionadas à Copa do Mundo de 1982 realizada na Espanha e que teve como campeã a seleção italiana, que nas quartas de final vencera por 3 a 2 o selecionado brasileiro, então considerado franco favorito para a conquista do título.[[31]](#footnote-32)

 O texto de Drummond se apresenta em um contexto bem claro de discurso lúdico. Encontramos uma polissemia aberta, não há regulação entre os sentidos, trata-se de um texto de natureza literária, aqui o autor não está preocupado com um posicionamento fixo ou definitivo em relação ao futebol ou a Seleção de futebol. Drummond tece uma comparação entre os santos das festas juninas e os jogadores do Brasil que estavam na Espanha para disputar a Copa do Mundo. Deixa ao alvitre do leitor a escolha de seu “santo”, não estabelece um melhor, apenas cita e dessa forma cria um efeito dialógico em que o referente não é disputado pelos leitores, podem ser apreciados e escolhidos, não há uma imposição de sentidos.

 As referências ao futebol são bastante amplas nas mais diversas obras, um autor como o britânico Richard Dawkins, biólogo especializado em etologia, grande entusiasta e defensor do darwinismo e um militante ativo do ateísmo escreveu, naquele que é seu livro mais célebre, *God Delusion*, traduzido para o português como *Deus um Delírio*, ao abordar questões relativas ao preconceito situa o preconceito clubístico e contra torcidas de determinados times de futebol como uma manifestação grave de preconceito:

A religião é um *rótulo* para a inimizade entre integrantes do grupo/forasteiros e para a vendeta, não necessariamente pior que outros rótulos como a cor da pele, a língua, ou **o time de futebol preferido**, mas frequentemente disponível quando outros rótulos não estão disponíveis. (grifo nosso, a palavra em itálico é do original) (DAWKINS, 2011. Pg. 334)

Não nego que as poderosas tendências da humanidade para a lealdade dentro do grupo e a hostilidade a forasteiros existiriam mesmo na ausência da religião. **Torcedores de times de futebol são um exemplo em menor escala.** Até mesmo os torcedores às vezes se dividem pele religião, como é o caso do Glasgow Rangers e do Glasgow Celtic.[[32]](#footnote-33) (grifo nosso) (DAWKINS. Ob. Cit. Pg. 336)

As citações de Richard Dawkins envolvem um tema bastante controverso, ou seja, até que ponto o preconceito contra torcedores de um clube pode ser equiparada às mais fortes formas de preconceito existentes? Trata-se de um tema controverso e que tem bastante pertinência com o estudo do discurso do futebol. O autor faz uma comparação que pode ser refutada com argumentos diversos daqueles que foram utilizados por ele, aqui encontramos uma polissemia controlada, o referente como fica claro, pode ser disputado e a relação entre os sentidos é tensa. Conforme a taxionomia de Orlandi, temos um discurso polêmico. Ele está em um grau bem diverso daquele visto no texto do poeta mineiro, em Dawkins há uma proposição que ele considera correta, ao mesmo tempo permite a refutação pelo leitor, a polissemia não está aberta, nem tão pouco fechada, ela está contida e pode ser alvo de uma disputa pelo leitor ou de uma disputa entre diversos leitores com opiniões divergentes, um perguntaria: mas seria possível equiparar o preconceito linguístico ao preconceito contra alguém que torce para determinado time? Não seria uma forma exagerada de encarar o problema? Por outro lado há uma absoluta possibilidade de se considerar perfeita a colocação de Dawkins, sob a afirmação, por exemplo, de que a dor, os males causados são os mesmos ou muito similares. Outras posições podem ser consideradas, não há um caráter definitivo, a luta pelo referente existirá sempre e será determinada e acolhida pela visão de quem leia, no livro mesmo a proposição está em uma relação exemplificativa, não uma taxatividade, uma apropriação absoluta do sentido.

Ainda encontramos com bastante frequência o discurso autoritário do futebol, este se encontra, sobretudo, a partir das posições apaixonadas do torcedor que defende seu clube e ataca outros com veemência sem permitir ser contraditado. Interessante notar que esse discurso autoritário, muitas vezes, vai ao encontro do preconceito referenciado por Dawkins, pois para provar a superioridade de sua agremiação o locutor exerce uma pressão contrária a outros times e muitas vezes a extravasa em direção aos adeptos, torcedores daquele outro clube. É comum no futebol este “discurso do desmerecimento” que vai buscar em última análise aviltar os clubes rivais e seus torcedores para obter um efeito de sentidos que admita ou reforce a suposição da maior grandeza do clube defendido.

Um exemplo passível de análise encontro no livro *Atlético Mineiro –Raça e Amor*, escrito por Ricardo Galuppo. Em determinado momento ele descreve, segundo seu entendimento, o jogo entre Atlético Mineiro e Flamengo, realizado no Estádio Serra Dourada em Goiânia no ano de 1981 e que decidia em jogo extra qual das duas equipes passaria para a segunda fase da Copa Libertadores da América, o campeonato de futebol da América do Sul[[33]](#footnote-34):

Era um novo encontro entre o Galo e os chapas-brancas. A partida serviria para decidir quem prosseguiria na Libertadores de 1981. No certame daquele ano, os dois times já haviam se encontrado em duas oportunidades – e ambas terminaram 2x2. Marcou-se a terceira partida, e, para apitá-la, ficava muito mal chamar o manjado José de Assis Aragão. Mandaram outro da mesma laia: um certo José Roberto Wright.

As cenas presenciadas naquele estádio foram de alto descaramento. Na opinião de quem viu de perto, Wright não parecia sóbrio. Na partida do Maracanã, Aragão expulsara Reinaldo depois que ele fez dois gols. Wright foi mais previdente. Sacou o cartão vermelho e o mostrou ao artilheiro logo aos 10 minutos do primeiro tempo. (Galuppo, 2005.Pg. 175)

As marcas discursivas encontradas no texto não deixam dúvida quanto à natureza autoritária do discurso, nele o autor apaga por completo o referente, não há relação de interlocução, a polissemia é contida. O Flamengo é pejorativamente denominado “chapa-branca”, o muito conhecido árbitro Wright, tendo inclusive tendo sido eleito pela FIFA o melhor da Copa de 1990 é chamado de “um certo José Roberto Wright”. Utiliza também o termo “descaramento”, afirma sem indicar qualquer fonte que o árbitro “não parecia sóbrio”, e ainda utiliza o argumento “na opinião de quem viu”, muito embora não tenha como foi dito, citado ninguém que teria visto. Também distorce um fato objetivo, determinando o momento da expulsão bem antes do realmente acontecido.

O autor do texto traz para si o monopólio absoluto do que escreve, não é possível contraditá-lo. Trata-se de um típico discurso, muito corrente na cultura desportiva, especialmente futebolística, nacional da não aceitação da derrota e da imputação da culpa a um terceiro. No caso os argumentos utilizados, com referências negativas ao árbitro, ao oponente e até a um árbitro que apitara partida anterior, José de Assis Aragão, chamando o denegrido Wright de “da mesma laia”. Encontramos outro elemento importante que traduz a natureza do discurso no emprego do verbo “mandaram”, o que configura a visão de que houve uma manipulação. É a criação pelo torcedor de uma teoria conspiratória, porque em seu entendimento a superioridade de sua agremiação é tão grande que só forças ocultas poderiam dela retirar a vitória.

Desta maneira fica estabelecida uma característica muito peculiar do discurso do futebol, a possibilidade do aparecimento do discurso em seus três níveis; o lúdico, o polêmico e o autoritário.

Outro ponto que não pode ser esquecido, ao contrário deve ser realçado ao extremo, é a característica mítica do discurso do futebol. Na grande maioria das vezes ele possui uma extrema discrepância em relação à História. Muito embora esteja contido em grande parte em textos ditos “históricos”, é possível afirmar que a discursividade constituída a partir do futebol é uma contradição ao ideal da busca da verdade por aquela ciência. De certa forma isto é decorrente de uma característica do discurso e leva a uma particular consequência.

A característica é que a íntima relação entre discurso e ideologia, presente em qualquer discurso, é neste discurso muito aparente, aliás, não só do discurso como da relação língua e ideologia, como estudada por Pêcheux em *Semântica e Discurso* (Pêcheux, 2010. Pg. 77-84). No caso do discurso do futebol a ideologia é marcada pelos laços e até paixões que ligam quem escreve ao objeto da escrita. Não há um limite para esta carga ideológica fortíssima, seja no discurso lúdico, polêmico ou autoritário, ela aparecera e impedirá de modo determinante uma descrição dita objetiva da realidade, esta é uma característica do discurso, que no futebol mostra-se com ainda maior nitidez e força.

No discurso autoritário não há a intenção de se “esconder” a carga ideológica, ao contrário ela é manifestada largamente e até mesmo apregoada, no entanto no discurso polêmico e lúdico a ideologia clubística se mostra subjacente. O autor quer muitas vezes distinguir sua obra ou escrito por uma “neutralidade”, o que na prática discursiva torna-se irreal e até mesmo desastroso. Mesmo sem perceber, e exatamente não percebendo como é peculiar na relação ideologia-discurso, o locutor assume uma posição de defesa de sua posição ideológica. Esta carga não pode ser sofreada e vai aparecer continuamente no discurso estudado.

A consequência, a que chamei de “particular consequência”, nas linhas acima, é a absoluta mitificação do discurso do futebol, dentro de uma conjuntura discursiva. É ele muito seguramente um dos que mais se afastam da faticidade; o discurso do futebol é quase sempre ficcional, quando não pela própria natureza das interseções língua – ideologia, pela própria necessidade da criação de uma grandiloquência que dê a sua discursividade um suporte de engrandecimento dos fatos. Não há lugar para o pequeno, para o acanhado acontecimento, tudo será descrito com poderosas lentes de aumento. É um discurso que por natureza trai a verdade mais que qualquer outro. Possivelmente ele sequer existiria, ou então não exerceria qualquer poder de sedução, se assim não fosse, portanto esta mitificação extremada é A propriedade não apenas imanente, mas necessário à sua sobrevivência, como veremos no capítulo 4 destinado a estudar a presença da memória e do imaginário nas formações discursivas do futebol. Atletas, jogos, dirigentes, a história em si sofre um “processo discursivo de desconstrução”, para ser alicerçada sobre “novas realidades” que de certa forma são responsáveis pela manutenção do interesse popular no esporte. É notável sua inserção aqui porque trata-se de um processo genuinamente discursivo, com a presença das ciências que estão no entorno da Análise de Discurso. O Materialismo Histórico, a Linguística Saussuriana e a Psicanálise.

**3 – O DISCURSO DO FUTEBOL NO BRASIL**

 Ao iniciar este capítulo, cabe uma rápida explicação, utilizo a expressão “discurso **do** futebol”, mas se trata, como quase sempre usado neste trabalho de uma relação entre discurso **e** futebol, abrangendo tanto o discurso **do**, quanto o discurso **sobre** o futebol.

 O primeiro é aquele com formulações que partem do próprio esporte, o segundo são conjunções discursivas criadas a partir do futebol. Muitas vezes o discurso sobre o futebol possui características especulatórias, envolve muita das vezes questões de natureza não esportiva, como política ou economia; já o discurso do futebol estará, normalmente, mais voltado para o jogo em si. Exemplificando:

Em 1971, como demonstração de que, para o governo militar, a interação futebol-poder não se limitaria à Copa do Mundo, tinha início um campeonato com clubes da maioria dos estados brasileiros, substituindo a fórmula anterior, que só agregava os cinco maiores estados da federação. (AGOSTINO, 2011. Pg. 162)

Temos acima um excerto do livro *Vencer ou Morrer*, de Gilberto Agostino que caracteriza bem aquilo a que chamamos **discurso sobre o futebol**, não trata de questões específicas do jogo, mas de circunstâncias dele decorrentes ou que surgem a partir de sua existência.

No mesmo livro encontramos a seguinte passagem:

Em campo, Stabille e Monti comandaram a vitória Argentina por 6X1,[[34]](#footnote-35)com a maioria dos gols marcados no segundo tempo. O árbitro da partida, o famoso belga Jan Langenus, que registraria suas impressões sobre a Primeira Copa do Mundo em um livro de reminiscências, ficou deslumbrado com a atuação argentina, chegando a considerá-la simplesmente a apoteose da perfeição em campo. (ob. Cit. Pg. 49)

 Neste trecho, já notamos um direcionamento específico do discurso para o futebol, o jogo em si, ao descrever a extraordinária capacidade do time da Argentina e as fortes impressões causadas no árbitro belga. Temos aí nitidamente um **discurso do futebol**.

 Para não criar dissidências de sentido exageradas, optei por denominar amplamente, ambas as situações, de discurso **do** futebol, que abrangerá este em sentido estrito e aquele (**sobre**) em sentido amplo. A expressão “discurso e futebol” poderia trazer uma formação de sentidos que daria ao leitor a falsa impressão de se estar tratando de temas distintos, daí a opção do título.

3.1 – Breve Histórico do Futebol no Brasil

Como já está estabelecido pelo próprio subtítulo, serei extremamente conciso neste escorço histórico do futebol no Brasil. Farei tão somente uma mínima introdução para situar o leitor e a partir daí iniciar o que realmente me interessa neste capítulo: a feitura de análises.

O introdutor do futebol em nosso país foi o paulistano Charles Willian Miller nascido em 24 de novembro de 1874, filho do engenheiro escocês John Miller e da brasileira, filha de ingleses, Carlota Alexandrina Fox Miller. Seus antepassados haviam sido atraídos para o Brasil pela prosperidade de São Paulo, a partir da segunda metade do século XIX. Seu pai, um engenheiro, veio trabalhar na São Paulo Railway. Charles foi mandado para a Inglaterra em 1884, com dez anos incompletos para estudar em Southhampton, na Banister Court School. Ao longo dos dez anos que permaneceu no Reino Unido tomou contato com o futebol. Ao retornar, em 1894, trouxe para o Brasil a primeira bola de futebol; seguramente não tinha ideia que o objeto trazido em sua bagagem tornar-se-ia o centro de uma das maiores paixões e identidades de seu país[[35]](#footnote-36). O primeiro campo oficial de futebol em terras brasileiras estava situado no bairro do Bom Retiro em São Paulo e era originalmente um campo para a prática do popularíssimo jogo de Críquete entre os ingleses.

Curiosamente, o futebol impalanta-se no Brasil como desporto elitista, bem diversamente do que ocorria na Inglaterra onde o esporte era praticado por operários em sua maioria, que praticavam um jogo duro, violento, bem diferente da forma comportada e cheia de espírito esportivo com a qual nascia no Brasil.

O críquete era visto como o jogo da elite inglesa e seus clubes no Brasil eram extremamente refratários à participação daqueles que não fossem súditos da rainha, ao contrário do futebol, que por sua própria natureza popular nas Ilhas Britânicas permitia uma aproximação entre ingleses e brasileiros. Oficialmente Charles Miller é o pioneiro, o pai do futebol no Brasil. A praça em frente ao Estádio do Pacaembu em São Paulo foi batizada em sua homenagem. Cabe realçar que tal direito à paternidade não vem apenas do fato de Miller ter trazido a primeira bola e organizado os primeiros eventos buscando tornar o futebol conhecido de seus amigos brasileiros. Charles era também adepto da técnica do “dribbling”, em oposição à escola do “passing”, ou seja, o primeiro representando a maneira de passar pelos adversários com o molejo do corpo, o drible. Já o outro, bem mais característico do futebol na Inglaterra, se caracterizava pelos passes intermináveis e, tantas vezes monótonos que davam preferência pela posse da pelota ao invés das belas jogadas plásticas e incisivas. Talvez esta vertente seguida por Miller tenha uma certa responsabilidade na rápida difusão do esporte, mas aí estamos apenas no campo especulativo, não há nada que possa confirmar essa versão.

Aos jovens de origem britânica, logo se juntaram os filhos da elite cafeeira, dando força à ideia de esporte elitista. O primeiro estádio para a prática do futebol foi construído em 1901 sobre aquilo que originalmente era o velódromo paulistano que fora construído nove anos antes por iniciativa do Conselheiro Antonio Prado.

No Rio de Janeiro Oscar Cox retorna da Suíça onde fora estudar e traz em 1897 a primeira bola de futebol para a então capital da República. São Paulo é, portanto, a cidade pioneira do esporte que se tornaria ao longo dos anos o mais popular do país, precedendo em três anos o Rio, se tomarmos como base a chegada em suas terras do elemento primordial para a sua prática: a bola.

Logo, em São Paulo e no Rio, surgem clubes voltados para o novo esporte, inicialmente em São Paulo, com agremiações como o Internacional, o Clube Atlético Paulistano e o São Paulo Atletic Club, que não se confunde com o atual São Paulo Futebol Clube fundado em 1935.

Futebolistas cariocas foram convidados a realizar jogos contra os paulistas, e, nessas excursões, apesar da maior organização do desporto em São Paulo, houve uma surpreendente equivalência de forças, o que motivou Cox a fundar no Rio de Janeiro o Fluminense Foot-ball Club (PEREIRA, 2000. Pg. 28), a data histórica é o 21 de julho de 1902, e Oscar seria seu primeiro presidente. Dois anos depois surgem na Capital outros três clubes de futebol influenciados pela iniciativa de Cox, o Botafogo, o América e o Bangu, até hoje existentes e integrantes da galeria dos mais tradicionais clubes de futebol do Rio.

O primeiro campeonato disputado no Brasil foi o Paulista, seguido pelo Baiano (GUTERMAN, 2009. Pg. 21-22). O primeiro Carioca data de 1906 e foi vencido pelo Fluminense. Estava dado, literalmente, o pontapé inicial para o desenvolvimento de um dos traços constituintes de nossa memória e identidade, com uma força de produção discursiva que Miller e Cox jamais poderiam minimamente almejar ou sequer imaginar.

3.2 – Primeiras Inscrições Discursivas

 Na medida em que o novo esporte se difundia, surgiam as primeiras inscrições discursivas, todas elas hoje agregadas ao interdiscurso, ou memória discursiva de nosso futebol. De início, pelas ruas, em conversas sobre a novidade e logo alcançando as páginas dos jornais. Do ponto de vista teórico, é necessário salientar que aquilo que foi “falado” e não “escrito” é impossível de ser recuperado textualmente, mas com certeza foi discursivamente contemplado por meio das notícias escritas, ou seus implícitos.

 O início é marcado com o posicionamento do esporte, como de fato, com a natureza de algo estrangeiro, as expressões utilizadas são em grande parte anglicismos, não havia ainda expressões em nossa língua para denominar os aspectos do esporte, desta forma escanteio era corner, goleiro goal kipper, ou simplesmente kipper, zagueiro era back e assim sucessivamente. Para conceder ainda mais caráter estrangeiro, o jogo ou “encontro” entre times era usualmente chamado de “meeting”. Em discurso o já-dito faz sentido, através dos processos de esquecimento. No caso do futebol, ou football naqueles tempos, ainda não existiam inscrições discursivas anteriores e era necessária a utilização dos termos correntes na Grã-Bretanha. O aportuguesamento de algumas palavras, como beque, por exemplo, ou a tradução literal de outras como mid-field (meio campo) foi a solução encontrada em alguns casos. Em outros houve a criação de um léxico próprio como goleiro ou arqueiro, na maior parte do país, ou guarda metas em algumas regiões do sul. Em Portugal utiliza-se a expressão guarda redes.

 Naturalmente não havia um “arquivo nacional” a ser lido, assim como não havia o dito prévio a conceder sentido a novas expressões e a já natural tendência da época para anglicismos e galicismos caiu como uma luva para os jornalistas que abordavam o novo esporte. Só com o passar dos anos, e com o já citado processo de dito/esquecido/compreensão do já-dito, as formulações produzindo sentidos podem ser concretizadas na constituição das jogadas. O certo é que a abundância de palavras em língua inglesa tornava o esporte mais restrito, transmitindo um efeito de sentidos de elitismo, afastando o povo da novidade e criando a imagem de “esporte de pernósticos”, talvez na mesma proporção que se faça hoje, muito erradamente, em relação a esportes como o golfe. Mais uma vez estamos diante do funcionamento ideológico da língua, e dos sentidos depreendidos a partir dela.

3.2.1 – O Futebol e a Imprensa

 Como já foi assinalado, os jornais foram os primeiros a criar um arquivo discursivo sobre o futebol, e com características linguísticas bem marcantes. Como toda a novidade, o futebol era notícia e espalhava-se pelas cidades por meio das páginas de diários que eram os responsáveis por suas primeiras inscrições discursivas. Inicialmente em pequenas notas e pouco a pouco ganhando espaço. Transcrevo abaixo a descrição do jogo entre São Paulo Atlhetic e Paulistano feita pelo jornal *O Estado de São Paulo*, na página 2 de sua edição de 16 de outubro de 1902, partida que decidia o primeiro torneio paulista de futebol. Trata-se de um dos primeiros textos jornalísticos sobre o futebol brasileiro, o já então significativo “Estadão”, fundado em 1975 com o nome de *Província de São Paulo,* e que, naquele ano, já na condição de o mais lido em São Paulo, passaria definitivamente para as mãos da família Mesquita. Dedicava, em uma página importante, generosas linhas sobre o novo esporte, em grande parte, não duvidemos, para agradar à elite paulistana envolvida na novidade[[36]](#footnote-37):

O Snr. Egydio de Souza Aranha dá sinal para o início da luta. João da Costa Marquez, forward do Paulistano, é logo vítima dum desastre, destroncando o braço. Coube ao Paulistano dar o 1º Kik, porém com tal infelicidade que resultou um Corner. Após conquistada a bola pelos ingleses que conduzem-na até a linha de 11 Yards, é daí shootada por Rubião. Boyers do Athetico, consegue levá-la além da linha de 11 Yards, donde passa-a a Charles Miller, que com belo shoot, marca o primeiro goal para o Athletico. A luta torna-se, então, renhida de lado a lado. Após o 1º goal é a bola atirada para fora do campo por um do Paulistano, cabendo a Biddel atirá-la para dentro. Biddel, com grande perícia, entrega-a a Motandon, que por sua vez passa a Charles Miller, que, com extraordinário shoot rasteiro, marca o 2º goal para seu clube. Logo após momentos, é dado o sinal de halftime. Depois de um rápido descanso dá-se início ao 2º tempo, com ataque mais desenvolvido e forte do Paulistano. A bola volta para perto do goal do Paulistano, donde é muitas vezes shootada pelos ingleses e rebatida por Jorge Miranda Filho. Os forwards do Paulistano, em belos passes, levam-na até a linha de 11 Yards, donde é passada a Alvaro Rocha, que, com magistral shoot, marca o 1º goal para seu clube. Logo em seguida o referee dá signal de terminado o jogo, com a vitória do Atlhetico, cabendo-lhe a taça de 1902. Após o jogo esta foi solenemente entregue aos vencedores. Em brinde aos jogadores é servido champagne na Taça, onde todos beberam, e a bola que serviu durante o match foi banhada também no champagne. (GUTERMAN, 2010. Pg. 30)

 Estamos aqui diante de um dos primeiros textos escritos sobre um jogo de futebol no Brasil, como já foi dito podemos notar as marcas discursivas de língua inglesa que permeiam o texto. Todavia o que mais salta aos olhos ao analisarmos o discurso é que, muito provavelmente, quase com certeza, este texto pode muito melhor ser compreendido nos dias de hoje do que na época em que foi escrito.

 A maioria esmagadora das pessoas que leram a página 2 do *O Estado de São Paulo* naquele distante dia 16 de outubro de 1902 jamais havia ouvido falar em grande parte dos termos utilizados. Como sabemos, o sentido tem uma relação constitutiva com o já-dito. Como então compreender o “nunca antes dito”? Tudo novo, sem em tempo algum mencionado anteriormente. Não há condições de falarmos em esquecimento daquilo que não foi dado ao conhecimento. O texto poderia soar como fictício ou de extrema ambiguidade; fala em “marcar um goal” e depois “a bola volta para perto do goal”, não se sabia do deslizamento semântico que faz gol ser ao mesmo tempo sinônimo de tento, ponto e meta, ou seja, as três balizas que determinam o objetivo a ser alcançado. No entanto, da experiência dessas formulações postas no jornal o não-sentido começa a fazer sentido.

“Ataque mais desenvolvido e forte do Paulistano” é outra expressão de difícil interpretação para a época, o fator fundamental desta ausência de sentidos encontra-se justamente no “nunca-dito”. Hoje os termos são, indiscutivelmente obsoletos, mas já foram um dia pronunciados e o efeito já-dito/esquecimento/re-dito, concede ao texto um efeito de sentidos apreensível. O discurso mostra que a sua formação ou não de sentidos não está sujeita à temporalidade específica, mas sim a constituição de um saber discursivo que esteja integrado ao interdiscurso. Começava aí a ser produzida a memória discursiva do futebol brasileiro. Antes temos um espaço do não-dito que não possibilita a formação de sentidos e que causará um estranhamento ao leitor que deverá se familiarizar com a nova terminologia, que aí sim, filiada a um interdiscurso, passa a fazer sentido no discurso.

Outra característica discursiva notada no texto é sua natureza lúdico-descritiva, que salta momentos do jogo para se fixar em alguns escolhidos pelo autor, no caso, aqueles que redundaram em gol. Não há uma preocupação narrativo-discursiva sistêmica que posicione o leitor em face da realidade do jogo. A falta de intimidade com o novo esporte faz com que o articulista ainda não tenha desenvolvido uma técnica narrativa que aperfeiçoe a produção de sentidos. O texto é fragmentado, escapulido de um momento a outro ao bel prazer de quem escreve. Trata-se de uma característica de textos que definem um discurso em formação, sem pontos de apoio, que possam direcioná-lo a melhor compreensão do leitor.

A maioria dos atletas é denominada pelo nome, na maioria das vezes nome e sobrenome, ou apenas o nome de família, mas, em determinado momento, surge a expressão “um do Paulistano”, há um apagamento do jogador, que passa a ser “um” a mais e não identificado em sua individualidade. Este “um” “atira” a bola para fora, mas qual o sentido produzido por “atira”? Hoje sabemos que a bola foi colocada para a lateral, mas naquele ano, sem conhecimento das regras ou dos termos futebolísticos poderiam ser muitos os sentidos atribuídos a “atirar para fora”. Em seguida, “Biddel atira-a para dentro”, agora o jogador do Atlhetic é identificado, mas o leitor continua sem saber como foi dado este “tiro para dentro”. Sabemos, atualmente, que foi com as mãos, como prevê a regra para cobrança de laterais, mas à época ficava bastante vaga esta produção de sentidos.

Existem também duas referências aos “ingleses”, ou seja, aos jogadores e ao time do Atlhetic, todos de origem britânica. Há aí uma dicotomia discursiva entre o elemento estrangeiro e o nacional. Na verdade, o Paulistano havia sido fundado por jogadores que pleitearam ingressar nos quadros “ingleses” e não foram aceitos, criando um outro clube, que deixa clara sua origem brasileira. Não é apenas o Paulistano, mas “é paulistano”, carrega o toponímico, “é” da terra, é paulista, paulistano, brasileiro. O Atlhetic é “São Paulo” por uma contingência que é a de ter sido fundado naquela cidade, tanto assim que é conhecido tão somente como Atlhetic, ao contrário de seu oponente, que ostenta e é conhecido pela denominação que identifica os nascidos na capital paulista, ou pertencentes a ela; há um vínculo muito mais forte com a terra, com o local.

Discursivamente, é de se notar ainda no texto de 1902 uma certa confusão entre clube e time, ao menos para os padrões atuais. A referência aos times é sempre feita a “clube”; “marcou para o seu clube”. Interessante notar que àquela época o clube se resumia a um time de futebol, ao contrário de hoje onde temos clubes poliesportivos com vários times em vários esportes.

Curiosamente hoje se pergunta usualmente a alguém “qual o seu time”, quando na verdade temos relações mais amplas. Um torcedor do Cruzeiro, não é apenas “um torcedor do time do Cruzeiro”, ele possui um vínculo afetivo, formal ou não com a instituição, isto é, o clube. Ele **torce** para o Cruzeiro Esporte Clube, e isso vale para o futebol, vôlei ou basquete, assim como pelo engrandecimento do clube como um todo.

Houve um processo de inversão de sentidos no discurso, o “time” do Paulistano era denominado “clube”, assim como hoje o “clube” Cruzeiro é denominado “time”. É um processo de formação discursiva, e como tal atrelado, influenciado, pela memória, que pensa hoje no time de futebol e toma a parte (o time), pelo todo (o clube)

Dez anos depois é publicado um texto na *Gazeta de Notícias* sobre o campeonato carioca de 1912, redigido da seguinte forma:

No jogo São Chiristóvão x Bangú deram-se fatos gravíssimos, originando-se, até, um grave conflicto, que motivou a prisão de algum dos contendores.

Á Liga Metropolitana de Sports Athleticos compete agir energicamente, afim de punir com extrema severidade os culpados das scenas degradantes domingo desenroladas no campo do S. Chiristóvão. Se assim proceder, teremos a moralisação do foot-ball association, no caso contrário, não! (ABINADER, 2010. Pg. 78-79) [[37]](#footnote-38)

Neste recorte é possível notar uma mudança de posição das notícias esportivas: já existe uma preocupação maior com a informação, com um certo jornalismo crítico que não observa apenas o lúdico, mas tem o objetivo de manter seu leitor a par dos acontecimentos e exercer uma postura de imprensa fiscalizadora.

O curioso é que este centenário texto, não fosse a grafia dos vocábulos, poderia perfeitamente ser confundido com textos atuais da imprensa. O denuncismo de “fatos gravíssimos” que levaram às prisões, a pressão exercida sobre a Liga para tomar providências de “extrema severidade”, a busca da “moralisação” do futebol, estão todos inseridos na conjuntura do atual discurso do futebol no Brasil.

É de se notar que até mesmo as marcas lexicais são idênticas ou muito próximas, o que causa estranheza por se tratar de tão antigo texto. Ao final o enérgico “não!”, dá ao artigo uma característica panfletária que por muitas vezes aparece no discurso futebolístico. A leitura do arquivo de cem anos nos remete aos dias de hoje, ao contrário da notícia do jornal paulista que nos lança a um mundo do futebol absolutamente discrepante do atual. Este, de 1912, possui um assustador indicador de contemporaneidade. No discurso não há coincidências, o estudo científico de seus mecanismos nos faz ver como o dito-hoje é uma reprodução do já-dito, como trabalha a ideologia através da língua, na estabilização e permanência dos sentidos. Um estudo de matiz sociológico poderia conduzir a um parecer diferente, que aproximaria a matéria da coincidência; mas, se analisarmos discursivamente vamos chegar a uma condição de produção de discurso que se encaixa no chamado “espírito nacional”. O citado denuncismo, o discurso moralizante, que dita regras a serem seguidas sob pena de desastres caso não haja uma “atitude enérgica”, e o “não!” final acentuando uma posição, não são frutos meramente do acaso, são posições discursivas que nascem de uma propensão cultural e são formalizadas na memória atual que repete aquilo em que foi pautado seu desenrolar constitui assim uma formação discursiva. Hoje, temos a ação da memória discursiva, o esquecimento trabalhou para que o discurso de ontem não fosse lembrado, mas fizesse sentido através do já-dito presente no interdiscurso.

3.2.2 – Crônicas Iniciais e Polêmicas

 A partir dos textos jornalísticos inaugurais, o futebol vai ganhando força, não só entre os rapazes “bem nascidos” das elites, mas entre as massas populares, que mesmo deslocadas e impedidas de vivenciar diretamente a prática do esporte, são por ele afetadas e se apaixonam e vão buscar apreciar seu desenrolar da maneira que lhes é possível. Não de cartola, em posição fidalga nas tribunas do Fluminense, mas, sem dinheiro para o ingresso, empoleirados em muros e árvores, o povo excluído da festa não se faz de rogado e impõe sua participação, à semelhança do que vemos hoje em desfiles de escolas de samba no carnaval, nos quais a massa financeiramente excluída da festa vai perscrutá-la pelas frestas das arquibancadas, do alto do viaduto, ou do lado de fora do sambódromo esperando para ver carros alegóricos e foliões que recém desfilaram.

 De uma forma ou outra o povo se faz impor, por sua força gigantesca e por ele desconhecida, dribla a aparelhagem ideológica de estado, impondo-se ante os poderosos. O materialismo histórico atua silenciosamente e permite que o elemento primordial de tudo, o povo, possa dar cores à realidade, possa atuar discursivamente, possa fazer sentido em meio à opressão do sujeito capitalista. Os espaços são abertos com dificuldade, mas, uma vez, abertos são preenchidos, são ocupados por essa gama variada de excluídos que podem ser privados de quase tudo, mas não ficarão fora da produção discursiva desse acontecimento.

 A nascente popularização do “jogo inglês” passa a preocupar muitos e encantar outros, e surgem as polêmicas tão em voga no primeiro quarto do século passado. Também as primeiras crônicas. Instalam-se mais formas de produção discursiva.

 Um dos primeiros entusiastas do futebol foi o escritor Coelho Neto, fortemente vinculado ao Fluminense. O autor de *Inverno em Flor* foi um dos primeiros a enaltecer o esporte, tornando-se um grande apologista da nova prática.

 Por outro lado destacava-se como seu ferrenho oponente Lima Barreto, que não poupou linhas ou mediu palavras para desencorajar a participação dos brasileiros no jogo de futebol.

 Na década de dez no Rio de Janeiro estes dois literatos são os principais cronistas do futebol, escrevendo com bastante regularidade sobre o assunto e chegando a travar uma acirrada polêmica. Curiosamente, o literariamente conservador escritor maranhense, que viria a ser praticamente sepultado pelo modernismo[[38]](#footnote-39) era um propagandista do futebol, ao contrário de Lima, este um homem considerado literariamente liberal para os padrões da época, com uma obra sem preocupações com o então vigente “casticismo” e aberto a uma gama plural de debates que envolviam desde o feminismo à Revolução Russa, passando por cinema e questões urbanas do Rio de Janeiro. Em questões futebolísticas, as posições se invertiam e o conservador se tornava liberal, ao passo que o liberal demonstrava uma forte rejeição conservadora e contrária a sua implantação no Brasil[[39]](#footnote-40). Mauro Rosso publicou em 2010 um livro que teve como tema comentários a uma coletânea de crônicas por ele escolhidas e intitulada *Lima Barreto Versus Coelho Neto – Um Fla-Flu Literário*. Para fim de análise utilizarei alguns excertos desta obra para analisar discursivamente essas crônicas, que podem ser consideradas crônicas inaugurais sobre futebol no Brasil. Para facilitar o entendimento da análise irei contextualizar os escritos e numerá-los.

1. Em janeiro de 1919 Coelho Neto faz um discurso por ocasião da inauguração da piscina do Fluminense Futebol Clube; em determinado momento, faz a apologia da educação física (muito desprezada por Lima Barreto e boa parte dos opositores do futebol) realizando uma comparação entre vencedores e vencidos na I Guerra Mundial:

Saímos de uma longa e trágica demonstração de valor da saúde: a grande guerra. Quais foram os heróis da vitória? Os taciturnos? Não! Os vivazes, os sãos: o gaulês, que peleja cantando; o bretão, aluno do oceano, cavaleiro da vaga; o italiano, filho do sol; gente criada ao ar livre, nas montanhas, nos sertões, nas arenas e no mar largo; gente treinada em exercícios, e alegre. Foi o duelo grandioso entre o profissionalismo guerreiro e a educação esportiva. (ROSSO, 2010. Pg. 71)

1. No Jornal *A Noite* do dia 25 de março de 1920, Coelho Neto relata em crônica a notícia de que uma mulher havia se suicidado pelo fato de seu marido dar mais atenção ao futebol que a ela:

Que uma mulher se mate porque o marido a despreza por outra, porque a maltrata com injúrias e bordoada, ou porque não lhe dá o necessário à vida, deixando o lar sem fogo, a despensa vazia, sem ao menos o pão e a laranja, que são os últimos recursos, no dizer do povo, é um pouco violento; enfim, compreende-se, mas que, em gesto desprendido e trágico, emborque a taça do veneno por causa de uma bola de couro, é muito!

Pois foi o que se deu ali num subúrbio.

Certa dama, ainda na flor dos anos, desgostou-se da vida e dissolveu-a num vidro de lysol, porque o marido, que aqui ficou, viúvo, dando as cartas, por ser correio, ao deixar a mala da correspondência, em vez de atirar-se amorosamente nos braços da criatura, enfiava os calções e ia para o campo *shootar a goal* com seu *team.* (ROSSO, 2010. Pg. 141)

1. Em referência ao mesmo fato, Lima Barreto escreveu, baseado em notícia dada “há tempos” pelo *Jornal do Comércio*:[[40]](#footnote-41)

Afirma ou não semelhante fato a sedução formidável que tão glorioso exercício físico está exercendo sobre os espíritos de elite de nossa sociedade? Essa senhora que tentou suicidar-se – essa é um coração fraco que não está a par das conquistas modernas da civilização. (ROSSO, 2010. Pg. 137)

1. Na edição de Brás Cubas de 15 de agosto de 1918 Barreto escreve sobre uma leitura que fizera sobre futebol :

Continuei a ler a descrição do jogo, mas não entendi nada. Parecia-me tudo aquilo escrito em inglês e não estava disposto a ir à estante, tirar o Valdez e voltar aos meus doces tempos dos “significados” Eram só *backs, forwards, kicks, corners*; mas havia uma “chutada”, que eu achei engraçado. Está aí uma palavra anglo-lusa. (ROSSO, 2010. Pg. 63)

1. Em o *A.B.C.* de 1º de outubro de 1921 o que incomoda Lima é a questão racial:

Quando não havia futebol, a gente de cor podia ir representar o Brasil em qualquer parte, mas apareceu o futebol dirigido por um “ministreco” enfautado e sequioso de celebridade, logo, o tal esporte bretão, de vários modos, cavou uma separação idiota entre os brasileiros. É a missão dele. De modo que ela, a tal separação, não existia no Senado, na Câmara, nos cargos públicos, no Exército, na magistratura, no magistério, mas existe no futebol. Benemérito futebol! (ROSSO, 2010. Pg. 154)

 No excerto 1 Coelho Neto aproveita-se da recém encerrada I Guerra Mundial para tecer comparações entre os vencedores e sua aproximação com os esportes. Trata-se de um discurso com marcas bem características da época, dentre eles a higienização.

 A guerra é chamada de “trágica demonstração de valor da saúde”, ou seja, no discurso de Neto a guerra é vencida pelo “mais saudável”, que tem como efeito de sentido “aquele que faz esportes”. Cita então franceses, ingleses e italianos. A prática esportiva é concomitantemente relacionada à força e a alegria. Os franceses cantam nas batalhas, os italianos são da “terra do sol” e o inglês “aluno do oceano” e “cavaleiro da vaga”. Discursivamente, sol, canto e a imagem de cavalgar ondas conferem um traço de beleza e prazer nos exercícios físicos, os elementos música, luminosidade solar e o mar sendo cavalgado **transferem** esta ideia de beleza, de imaginário de uma completude da prática de esportes.

 Por outro lado, há um apagamento absoluto da importância intelectual e da visão das batalhas exercida pelos generais, assim como da potencialidade das armas que cada força armada detém, e as condições em que a guerra foi travada. Tudo deixa transparecer, como para enaltecer o esporte, o discurso “se esquece” de importantíssimos aspectos que determinam o vencedor ou o perdedor de uma guerra. Na verdade, aquilo que poderia ser compreendido como esquecimento é, na verdade, silenciamento (ORLANDI, 2007) uma forma de produção de efeitos de sentido a partir do silêncio, que quebraria o sentido do discurso, o enfraqueceria. Podemos notar que os germânicos, com larga tradição militar, não são citados, aparecem sob as expressões “taciturnos” e “profissionalismo guerreiro”. Esta última é clara referência aos militares prussianos, conhecidos pela força, competência e pragmatismo na guerra, uma espécie de espartanos do século XIX. A citação nominal do perdedor (alemão-prussiano) iria por certo deslocar por completo a noção a ser passada, causaria estranheza e faria o argumento perder a força. Ideologicamente, então, o nome é substituído e em seu lugar aparecem expressões genéricas. Entendo como outra forma de obter sentido pelo silenciamento discursivo.

 Ocorre também na formação discursiva uma aproximação entre a guerra e o esporte. Este tipo de associação não é incomum, mas aparece em formações de efeitos metafóricos: o esporte adquire o sentido de uma “guerra simbólica”, que não acarreta dores ou morte, ao contrário, promove a harmonia e a saúde. Aqui, no entanto, não é isso o que acontece. O discurso faz uma associação efetiva entre guerra e esporte na qual o desportista treinado e apto será o vencedor da luta. Para enaltecer o esporte, Coelho Neto realiza o completo apagamento das características exigidas pelo militar, especialmente o militar profissional, tratado de “profissionalismo guerreiro”, e que na verdade é até demasiadamente exigido do ponto de vista físico, porque árduos treinamentos atléticos são demandados em sua formação. Nesta formação discursiva percebo o silêncio como formador de sentidos,

 Nas passagens 2 e 3 temos a perspectiva discursiva de um mesmo fato, o suicídio de uma mulher, provavelmente[[41]](#footnote-42)causado pela ausência do marido que entregava-se com fervor ao jogo de futebol. Ambos os autores abordam a questão e dão um sentido diverso ao fato para demarcar sua posição ideológica em relação ao esporte. É certo que tal episódio teve repercussão pública e chocou a opinião geral, portanto tornando-se um objeto bastante suscetível a um discurso que envolvesse prós e contras do futebol, ou especulações sobre até que ponto ele poderia influenciar a sociedade.

 O escritor maranhense mitiga a importância do jogo para defendê-lo, o carioca utiliza ironia ao agigantar a importância do esporte que tanto combatia. Matar-se por “uma bola de couro, é muito!”, escreve um, “essa é um coração fraco que não está a par das conquistas modernas da civilização”, diz o outro. Nas duas assertivas temos o trabalho de efeito de sentido alcançado por meio de uma noção contrária àquilo que cada um pensava.

 Coelho Neto que, na inauguração da piscina do Fluminense, não pensara duas vezes antes de estabelecer uma relação de causa e efeito entre a prática desportiva e a vitória em uma das mais cruentas guerras já travadas, cuja mera lembrança de seus homens entrincheirados e face a face com a morte é capaz de causar calafrios um século depois, pega o objeto central do jogo de sua paixão e a cita de forma banal. O que marca o efeito de sentido não é a simples denominação. De fato, trata-se de uma bola de couro, e a mesma expressão poderia ser apologética, como em uma formação tal qual “a magnífica e endeusada bola de couro”, mas, no discurso analisado, a expressão sofre um aviltamento, um menosprezo que é determinado na sequência pela afirmação “é muito!”, esse “muito” seguido por forte exclamação diz da bola “é pouco!”. Para seu leitor, o sentido será “estão fazendo muito alarde por essa desproporção entre o suicídio e o futebol”. No entanto não utilizara o mesmo discurso quando traçou linhas de aproximação entre a I guerra e o desporto. Nos dois casos, ficou bem claro o trabalho ideológico através da língua. Maximizando ao extremo a importância quando necessário, e minimizando-o quando conveniente.

 Lima utiliza o recurso oposto, confere, com ironia, uma grande importância ao jogo; “Essa senhora...coração fraco...conquistas modernas da civilização.” A expressão “essa senhora” já banaliza a suicida, soa como “essa (senhora) qualquer”, ou “uma mulher”, expressão que fica mais forte seguida pela adjetivação “coração fraco”. Em Coelho Neto o tratamento é diferente; “Certa dama”, seguida pela adjetivação lisonjeira e piedosa “ainda na flor dos anos”, e “conquistas modernas da civilização” está em paralelismo com “desgostou-se da vida”. Assim temos:

 Coelho Neto Lima Barreto

**certa dama essa senhora**

**ainda na flor dos anos coração fraco**

**desgostou-se da vida conquistas modernas da civilização**

A causa do suicídio em um é o “desgosto pela vida”, um deslizamento semântico que retira a nocividade do futebol; para outro, “conquistas modernas da civilização”, ou seja, “o futebol gera isso, se acostumem”. Ainda sobre o excerto, significativa é a apropriação de ideias, por Neto, que podem ser consideradas justas causas para um suicídio, em detrimento da causa inofensiva, desproporcional e sem razão.

O número 4 e 5 também devem ser analisados conjuntamente, o 4 representa uma causa suposta para Lima Barreto desgostar o futebol, mas o 5, no qual ele menciona o forte racismo existente no futebol, deixa, discursivamente entrever a razão de sua ojeriza especial pelo novo esporte.

Primeiro, temos a argumentação do anglicismo, que não deve ser lido ou analisado discursivamente sob a ótica sociolinguística; este seria um natural primeiro passo fora do pensamento que pauta a Análise de Discurso. Aqui temos o sentido além do texto, o estrangeirismo combatido não é o linguístico, mas sim o sócio-antropológico. Em um funcionamento metonímico, não é o Back que incomoda, mas o (Oscar) Cox, não são os forwards, mas sim os Charles (Miller). O esporte da elite fala inglês, mas, sobretudo **é** inglês, e mais que isso tende a uma cultura do embranquecimento, o que era demais e inaceitável para o defensor das causas sociais e da igualdade de classes que foi Barreto. Ainda mais, ele mesmo um mulato, bisneto de uma africana de origem cabinda.

É no quinto fragmento que vêm à tona os reais motivos de seu desamor raivoso pelo futebol: a segregação racial. Não eram os problemas familiares, os barbarismos (os bárbaros um pouco), a violência do futebol, ou a propensão geral na época de uma grande camada da intelectualidade reprovar as práticas desportivas, como perda do precioso tempo que poderia ser aproveitado entre livros e não entre chutes e pontapés.[[42]](#footnote-43)

Como veremos, os primórdios do futebol no Brasil são marcados por um forte elitismo e extrema segregação racial. O plano discursivo a ser analisado possui uma importância inegável, pois carreia para o discurso uma carga de matizes psicanalíticos. Lima, o negro, suburbano por nascimento e depois orgulhosa opção, o bisneto da escrava de Angola, aquele que ao contrário de um Machado de Assis nunca ocultou suas origens de África, e ao contrário, lutou por elas, via surgir um esporte que ao mesmo tempo passava a ser popular e endeusado, mas cujos clubes praticavam sistematicamente o racismo declarado.[[43]](#footnote-44) O esporte já atraía as massas, mas o protagonismo ficava distante e defeso aos chamados “homens de cor” pela sociedade racista.

O que salta aos olhos, até causa choque na leitura do texto, é o apagamento realizado por Lima Barreto em relação ao racismo amplamente existente na sociedade. O autor utiliza um escapismo, talvez subconsciente para varrer toda a realidade de injustiças e disparidades sociais. “Quando não havia futebol...” esta primeira frase reverberará como um mantra em todo o discurso.

 “**QUANDO NÃO HAVIA FUTEBOL...”**

...negros eram juízes e professores

...militares e funcionários públicos

...deputados e senadores.

O discurso aqui mostra Lima interpelado de tal forma que argumenta contraditoriamente ao seu próprio pensamento sobre o racismo no Brasil. Está ele embrenhado pelos caminhos discursivos que apagam todos os males do preconceito em geral para jogá-los às costas do futebol. O discurso, em seu vigor ideológico, tende algumas vezes a essas veredas complexas, nas quais para defender um marco ideológico presente no sujeito, e não por ele escolhido, sofre um desvio no qual a defesa de uma causa se faz por argumentos discursivos distanciados dos fatos. Nele funciona a ideologia, no registro do inconsciente. O discurso encerra em si uma guerra pelo domínio, detenção dos sentidos, e para vencer essa guerra aceita-se, **sem se perceber**, qualquer aliado.

Por fim, uma nota de ironia histórica, destacada pelo jornalista Juca Kfouri na orelha do livro de Rosso. Coelho Neto, o elitista defensor do futebol (para brancos de “bom berço”) escreveu *O Rei Negro*, anos depois ele viria em forma de Édson Arantes do Nascimento, que seria o “Rei do país do futebol”. Se oráculos previssem, talvez neste “Fla-Flu” teríamos os mesmos contendores em lados opostos.

3.3 – O Livro *O Negro no Futebol Brasileiro*

O jornalista pernambucano Mário Filho (1908-1966) radicado desde cedo no Rio, filho de um famoso dono de jornais e jornalista, irmão de Nelson Rodrigues, e que a partir de sua morte em 1966 passou a nomear o estádio do maracanã, foi um visionário. Foi ele quem apostou e envidou os maiores esforços para a construção do gigantesco estádio como principal palco da Copa de 50, criou os “Jogos da Primavera”, a sigla Fla-Flu, desenvolveu o *Jornal dos Sports* tornando-se o pai da imprensa esportiva especializada no Brasil, e até mesmo foi o responsável pela criação de quesitos que julgavam as escolas de samba, criando sem saber, uma das maiores festas do mundo[[44]](#footnote-45).

 Mário publicou em 1947 aquele que se tornaria o maior clássico literário sobre o futebol no Brasil, o livro *O Negro no Futebol Brasileiro*. Um livro que busca através do futebol estabelecer o processo de formação identitário brasileiro.

 O livro conheceu duas edições em vida de seu autor: a primeira, pela Irmãos Pongetti Editores trazia 4 capítulos, a segunda, da Editora Civilização Brasileira, é datada de 1964 e está acrescida de mais dois capítulos. A primeira tinha o título *O Negro no Foot-Ball do Brasil*, a segunda trazia o título definitivo. Os 4 capítulos da primeira edição eram os seguintes: I - *Raízes do Saudosismo;*II - *o Campo e a Pelada;* III - *a Revolta do Preto;* IV - *A Ascensão Social do Negro.* A edição de 1964 se completa com: V - *A Provação do Preto e* VI - *A Vez do Preto.*

Observamos que na primeira edição existem referências nos capítulos a “negro” e “preto”, já no segundo ambos os capítulos adicionais escolhem o vocábulo “preto”. Em 1947 o “preto” se revolta, 17 anos depois o mesmo “preto” tem sua provação e vez, mas a **ascensão social** é do “negro” e não do “preto”, assim como é do “negro” o título do livro desde sempre. A época em que foi escrito não havia ainda, seguramente, a preocupação “politicamente correta” de se chamar o homem de origem africana de negro, eram utilizadas indistintamente as duas palavras, assim como “homem de cor”. No entanto uma análise da denominação suscita uma pergunta, até que ponto já naquela época a palavra “negro” concedia maior dignidade ao homem? Seria mero acaso a “ascensão social” ser do “negro” e não do “preto”? O discurso cientificamente analisado não permite especular com as “coincidências” com o “acaso”, ele está ali e parte de uma voz, que a seu turno foi antecedida por outras vozes que darão sentido ao que foi dito. Isto nos leva a pensar que, nas práticas discursivas, já se elaborava em suas formulações distintas formas de dizer a “cor” ou “raça”

 No livro de Mário Filho a palavra “preto” aparece muito mais que “negro”, esta última com pouquíssimas aparições, todavia, “preto” pode caracterizar um traço positivo ou negativo, já “negro” aparece sempre em seu sentido de enaltecimento. Vejamos os recortes a seguir, todos retirados da quarta edição de *O Negro e o Futebol Brasileiro*:

O sururu levava o branco pobre, o mulato, o **preto**, para o campo. Não os levava, porém, para a arquibancada. (Pg. 63)

Mas o mulato e o **preto** pagavam por isso. Ninguém se lembrava dos brancos cachaceiros: só dos mulatos e **pretos.** (Pg. 243)

Somente em 48, depois de um título que demorara treze anos a chegar, é que voltou. Para quê? Para ver a senhora Helena Matarazzo, branquíssima, riquíssima, grã-finíssima, conversando com o **negro** Ávila. (Pg. 281)

O mulato e o preto eram, assim, aos olhos dos clubes finos, uma espécie de arma proibida. (Pg. 120)

Aragão foi logo avisando que não gostava de negro de bigodinho. **Negro** usava cara raspada, como ele, cabelo rente na cabeça, não usava bigodinho, cabelo repartido ao meio. (Pg.174)

Por isso ressonava, enquanto Fausto, sem quê nem para quê, soltava um palavrão. A diferença entre Jaguaré, o “dengoso”, e Fausto, a “Maravilha **Negra**”. (Pg. 170)

As flores os presentes, só para Leônidas, os outros jogadores feito bobos, pano de fundo da glória do “Diamante **Negro**” (Pg. 327)

 O “preto” é citado para fazer companhia ao “mulato” e ao “branco pobre”, também uma referência á fama de cachaceiros que alguns tinham, ao contrário do branco, que mesmo bebendo nunca era chamado assim. A própria palavra “cachaceiro” já é em si pejorativa, dando a entender que se trata de um bêbado, alguém com vida desregrada e sem responsabilidade. Assim como “preto” aparece para designar o racismo reinante no qual por melhor que fosse era “arma proibida”.

 Já o vocábulo “negro”, com bem menos aparições ao longo da obra, nas poucas vezes em que aparece serve para designar um traço positivo, Ávila que conversa de igual para igual com uma senhora rica da sociedade é um “negro”, assim como Aragão, orgulhoso de sua cor. Nos apelidos que ganhavam para glorificar suas grandes carreiras Fausto dos Santos se tornou a “Maravilha Negra”, e Leônidas da Silva recebeu o epíteto de “Diamante Negro”, até hoje nomeando um conhecido chocolate.

 O livro de Mário é considerado por muitos um documento fundamental para o entendimento do futebol e sua relação com a identidade brasileira. Na verdade, tomado à luz da Análise de Discurso, não se trata de documento explicativo, ou interpretativo, mas sim aparece como verdadeiro discurso fundador, ele busca criar a identidade e não desvendá-la, como um Herder fez na Europa romântica, como de certa forma fizeram intelectuais brasileiros na alvorada do século passado. O intrigante, o realmente diferente é a utilização do futebol, não só como objeto desta formação identitária, mas principalmente a visão a partir da qual é o negro que luta pelo seu espaço, que abre os caminhos para entrar no mundo fechado do elitismo futebolístico. É um processo de resistência.

 Normalmente encontramos outro viés, a posição do Brasil como o lugar da igualdade, da miscigenação, uma construção social e identitária que se dá a partir do processo de colonização e da “mistura igualitária” entre o português, o índio, o negro e depois de outros imigrantes. Esta posição não deixa de ter seu fundo de verdade como fato sociológico, mas não acontece e nem existe com essa sonhada harmonia. A identidade nacional passa a ser lembrada como a do português que descobriu o Brasil e passa a ser nosso antepassado, como escreve Orlandi em *Terra à Vista*. Ocorre aí um apagamento do índio (ORLANDI, 2008). Da mesma forma, o discurso histórico oficial também apaga o negro e sua luta. Mário Filho nos dá uma história contada a partir da visão e do sentimento do negro, segregado, agredido, insultado.

 A narrativa, cujo início se confunde com o início do século passado, mostra um esporte elitista, que na Inglaterra era visto como esporte de operários, mas no Brasil ganhou *status* de esporte de lordes. Em voga estava a eugenia, a ideia concebida de uma nova raça de jovens e de um povo que deveria se confundir com a pátria. No entanto este “povo” não incluía negros, mulatos e pobres, ou seja, um povo brasileiro que traz em si, em suma, a própria ausência do sentido de povo. O futebol é a chance de se criar uma base de identidade branca e que pertencesse no mínimo à classe média do centro e da zona sul, daí a fúria de um Lima Barreto. O futebol não abria espaço entre os “progressistas”, mas sim era utilizado como instrumento de um conservadorismo que até para a época parecia demasiado.

 Podemos aí observar a ocorrência do processo Althusseriano, pelo qual a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos, e nos chama a atenção para o fato da necessidade de conhecermos o jogo dos efeitos ideológicos (ALTHUSSER, 2001). O negro se vê em seu assujeitamento, fora do jogo, seja o jogo da bola; da vida; dos sentidos. Ele vai buscar sua inscrição histórica no processo social e quando faz, o faz a seu modo. Se, para o branco, o futebol era uma paixão, um divertimento, um modo de vida ou uma forma de operar uma política sectária, para o negro, era a forma de se impor, mas antes até a forma de “entrar no jogo dos brancos” e desarrumá-lo, causar uma bagunça proposital, como aquele que não foi convidado e penetra na festa para desorganizá-la. O negro recebia dinheiro para jogar em pleno amadorismo. Foi assim com o Vasco de 1923. Muitas vezes era acusado de “se vender”, aceitar propina para facilitar o jogo. É inegável que muitas vezes isso aconteceu: de um lado o corruptor branco, do outro, o negro que ainda não havia se apropriado do esporte. Para o branco, a vitória de seu time era uma questão de honra, o negro via aquilo como uma bobagem; recebia de um, deixava-se subornar por outro e assim se vingava de dois brancos de uma só vez.

 A obra não se detém só na questão negra, mas aborda campos muito instigantes para estudos sobre discursividade. Citarei dois deles, dentre muitos. O primeiro diz respeito á relação entre Olavo Bilac e o esporte mais popular daquele início de século, o remo. Mário Filho escreve:

Diante daqueles músculos, daqueles corpos atléticos, Olavo Bilac se transportava para a Grécia. Inflamava-se, não se continha. Músculos assim tinham vencido a batalha de Salamina

Já diante de um jogador de futebol, de chuteiras, de meias grossas de lã, de calções afinando no joelho, de camisas de mangas compridas, quase nada de fora, o poeta de Via Láctea ficava frio. (MÁRIO FILHO, 2003. Pg. 48)

 É muito provável que ninguém tenha tratado a sexualidade de Bilac de forma tão nítida, direta, sem uma única vez utilizar o termo homossexual, ou sinônimo. O texto se significa por si só, com o jogo de sentidos produzido através da língua. Bilac não está vendo o esporte, a regata, mas sim músculos e corpos atléticos; ao contrário, ao ver um jogador de futebol todo vestido “ficava frio”, não era tocado pelo esporte, mas sim pela beleza de corpos que o atraíam, e desnudos o “inflamavam”.

 Outro ponto de interesse discursivo é a questão do machismo, do “esporte de homem”. O autor, ao citar a relação inicial de superioridade do remo sobre o futebol, escreve:

Podia-se marcar uma regata para um dia de futebol, nunca um jogo de futebol para um dia de regata. Quem era do remo tinha, portanto, a sua razão para olhar de cima quem era do futebol.

Principalmente porque considerava o remo mais másculo. Ainda não nascerá a expressão “futebol é jogo p’ra homem”. Esporte para homem era o remo.

Era com desconfiança que o remador via entrar, numa g*arage*, um jogador de futebol. O futebol tinha, para o remador, uma delicadeza de ballet. Jogadores correndo atrás de uma bola, levantando a perna, dando saltinhos. (MARIO FILHO, 2003. Pg. 48-49)

É colocado o debate sobre o “jogo de homem”, a formação de sentidos desta formulação não está no esporte em si, mas na valoração social que ele recebe, o jogo de maior prestígio será o de homem. Um resultado evidente do jogo de poder na sociedade machista, preconceituosa. Não é algo que tenha a ver com virilidade ou masculinidade, mas com o topo da pirâmide de prestígio estabelecida, o esporte que ocupar o topo será o “esporte de homem”. Por sinal, nos EUA o soccer é “coisa de mulher”. No Brasil de hoje, tanto o futebol quanto o seu equipamento estão por isso associados à masculinidade e, mais ainda ao homem, daí o apelido pejorativo de “Maria Chuteira” dado às mulheres que estão interessadas em relações amorosas, com jogadores de futebol. Chuteira assume o papel de símbolo fálico, e inseridas na sociedade capitalista, a mulher, aqui generalizadamente chamada “Maria”, não deverá, na visão da sociedade que joga o jogo sujeito-capitalista estar em busca apenas de uma relação amorosa, mas de prestígio, dinheiro e até um conveniente casamento.

O erotismo vislumbrado por Bilac estava no dorso nu e musculoso do remador, aí sim com um apelo de natureza masculina que o agradava, mas a expressão “jogo de homem”, ou “esporte para homem”, esta é relacionada ao poder exercido pelo esporte dentro da sociedade. Assim como para a sociedade capitalista, boa profissão é aquela que proporciona maior renda. São variações ideológicas, muito embora possam passar despercebidas. Cito Althusser: “o que aparentemente ocorre fora da ideologia (mais exatamente na rua) ocorre na realidade na ideologia. Portanto o que ocorre na ideologia parece acontecer fora dela”. (ALTHUSSER, Ob. Cit. Pg. 97)

Por fim saliento a orientação no sentido do não entendimento da obra de Mário Filho como uma história em que o negro vence o racismo. Fico com a posição de Antonio Jorge Soares, que é comentada por Helal e Godon Jr em *A Invenção do País do Futebol – Mídia, Raça e Idolatria.*

Não acreditando no texto de Mário Filho como uma obra histórica e recusando a importância do idioma racialista no futebol, Soares também rejeita a interpretação segundo a qual, o futebol serviu, em alguma medida, como domínio de “democratização” e ascensão social de parte da população negra. Considerando a obra do jornalista como construção literária de um processo. (HELAL et Al. 2007. Pg. 63)

De fato, a importância do livro de Mário Filho não está nas indicações históricas, nem tampouco o futebol libertou o negro de seus grilhões, ecos macabros do processo escravagista vivido em nossa sociedade. O futebol não acabou com o racismo, nem o negro obteve seu estatuto de igualdade, mas o livro é primordial para tecer um processo de formação identitário nacional e colocá-lo dentro deste processo, sem os habituais apagamentos de memória e história.

3.4 – Discurso do Futebol e a Construção de Processos Identitários

Face ao que foi analisado não resta dúvida quanto à parcela de participação do futebol na construção do processo identitário brasileiro, do ser brasileiro, da chamada brasilidade. Este processo aconteceu, sobretudo por uma manifestação de natureza antropofágica, na qual a cultura do colonizador, no caso do estrangeiro inglês, que, àquela altura, se colocava em um papel de neo-colonizador, é metaforicamente engolida ao ser absorvida pelo colonizado: dá-se um efeito metafórico, deriva. Os sentidos deslizam e produzem uma mexida na filiação da memória (PÊCHEUX, 2008)

 Aqui, este processo terá um interessante desdobramento, porque começa com a antropofagia exercida pela elite que se aproveita do esporte para ter o “seu próprio” esporte nacional, depois em mais um ato antropofágico, o negro e outros integrantes de classes historicamente excluídas também se inserem nesta conjuntura para, da sua maneira, transformar em “seu” o esporte que era inglês e foi absorvido primeiramente pelas camadas sócio-econômicas dominantes.

 É a criação de uma formação identitária, por meio, de um ato de recriação, fundação que conduz à formulação de um futebol à brasileira, que incorpora, pelo menos no imaginário popular, uma série de elementos constitutivos do ser brasileiro, da ginga do samba ao passo de frevo até a arte da capoeira. Também o clubismo que identifica, como veremos mais a frente, uma natureza do “ser brasileiro”. Por vários lados o futebol está inserido neste conjunto de coisas que faz do Brasil, algo “brasileiro”, aqui não entendido como uma obviedade, mas sim como processo identitário, aquele que dá ao nacional, ao povo, uma consciência de pertencimento, ou ás vezes, mesmo uma ilusão de pertencimento.

 O processo de apropriação identitária, ou seja, a tomada do esporte estrangeiro como parte do patrimônio cultural do povo brasileiro, e sua busca para criar raízes com o desporto, se dá rapidamente, e pode ser visto por vários e significativos traços.

 O inglês empurrava seu time para o ataque utilizando sua língua e dizia “go”. A forte presença da língua francesa fazia com que alguns, mesmo não sendo francófonos, impulsionassem sua equipe através do grito de “allez”. Surge então o primeiro “grito de guerra” tipicamente brasileiro: “aleguá”, ou também “aleguá-guá”, a junção de “allez”, “go” e o indígena ”ack”, todos significando “ir a frente”

 Para Guterman tal iniciativa estava calcada no espírito antropofágico que marcaria a intelectualidade brasileira nos anos seguintes. (GUTERMAN, 2009. Pg. 31). O “aleguá” foi inicialmente utilizado pelos adeptos do Paulistano, logo depois, chegaria ao Fluminense, e não são poucos os registros que mostram o grito sendo abraçado por torcedores de Corinthians e Flamengo. Em 2011, Filipe Gonçalves e Fernando Wanner lançaram um livro ilustrado, dedicado ao público infanto-juvenil, com o título *Aleguá guá Corinthians*, que tinha como propaganda: “Em 2011... um antigo grito ecoará”.

 Em 1918, Francisco Teles e Pedro Sá Pereira compuseram a marcha

*Alê-Guá*, que falava sobre futebol, mas de nenhum clube especificamente; e tinha como estribilho: “Como é! Como é! Como é!/ É!... É... É./Alê-guá. Guá. Guá./ Alê-guá. Guá. Guá./ Hurrah! Hurrah!”, neste ano de 1918, ficava claro, o grito já havia sido adotado por todas as torcidas. Não tinha um pertencimento, era uma das primeiras manifestações discursivas futebolísticas criadas por torcedores de futebol em nosso país, e trazia em si a marca do amálgama cultural, da multiplicidade e mistura que ajudariam a fomentar o processo de identificação entre o Brasil e o futebol.[[45]](#footnote-46) O fato nos remete a um artigo de Pêcheux (2008), em que é analisado o estribilho *on a gagné (*ganhamos), entoada por partidários de François Mitterand, em 10 de maio de 1981, após sua vitória nas eleições presidenciais francesas. O grito é repetido exaustivamente. Materialmente temos o nós (*on)*, inscrevendo o sentido de identificação com a vitória da esquerda, por meio da aliança socialista-comunista. No “Aleguá-guá” temos também uma formação de sentidos de identidade. O *on gagné*, retirado das torcidas de futebol concedia a marca eufórica da vitória. O “aleguá-guá”, concede a marca de uma outra “vitória”, a do nacional sobre o estrangeiro através da criação de um “grito de guerra” brasileiro, próprio, em substituição ao inglês (*go)*.

 O *Jornal do Brasil* em sua edição de 13 de junho de 1912 publicava a seguinte entrevista: (os grifos são nossos)

As faces de uma formosa **patrícia**, que estava no *ground* do Fluminense, estavam afogueadas... com o ardor do seu partidarismo, quando indagamos:

- A senhorita tem apreciado o jogo?

Sta. X – Não me agrada muito...

Repórter -... porque o Paysandú tem 1 *goal?* Ainda restam 40 minutos e*...*

X (frenética) – Não é pelo tempo (tristemente) Eles são tão pesados...

R – O peso não influi, Senhorita, a agilidade é que...

X – Qual, eles são franzinos; olha os dois *in-sides.*

R – Pensa que a vitória sorrirá para o Flamengo?

X – O equilíbrio é evidente; só a sorte mas... ela é tão ingrata.

R – É partidária do Flamengo?

X – Não. (**altiva**) Sou partidária de todos os ***teams* nacionais[[46]](#footnote-47)***.*(ABINADER, 2010. Pg. 91-92)

 No texto da entrevista, é possível identificar traços de um processo, ainda incipiente, de inserção do futebol na identificação com o “ser brasileiro”. O repórter faz uma referenciação especial à torcedora, chamando-a de “patrícia”, para distingui-la de torcedoras de “clubes estrangeiros”. A moça entrevistada ao ser perguntada por qual equipe torcia, toma uma posição de “altivez” e diz torcer para todos os “nacionais”.

 A posição sujeito-nação, parte do repórter, que faz questão de identificá-la como uma brasileira, ao estabelecer o adjetivo “patrícia” como especificação da condição da entrevistada, essa por sua vez diz torcer para todos os clubes brasileiros, sem especial predileção,[[47]](#footnote-48) e ao enunciar essa característica, ela que até então se mostrava pouco animada, torna-se “altiva”, fato destacado pela reportagem, o que faz transparecer a importância dada pelo jornalista ao fato dela se encher de brios ao se dizer adepta dos times do Brasil.

Assim, em um encadeamento temos: A individualização da moça como brasileira e não uma “estrangeira”, pressupondo esta palavra mais que uma nacionalidade, o fato de se identificar com um clube de origem local ou formado por ingleses. Depois, a sinalização ao leitor da altivez, orgulho que toma a moça ao responder por qual clube recai sua torcida, e o motivo do orgulho é de índole nacionalista, ou seja, “torcer para *teams* nacionais”. É de se considerar discursivamente a metalinguagem estrangeira, utilizada pela entrevistada, ao se referir a “teams” e não times, aportuguesamento que só seria efetuado depois. Neste momento vai acontecendo um escorregamento discursivo que se encaixará no discurso nacionalista do “aleguá”. A metalinguagem estrangeira vai tomar corpo de linguagem brasileira.

É o início da formação de um sentimento identitário, o torcedor brasileiro torcendo para um time de sua pátria, e se mostrando orgulhoso por fazê-lo.

Da mesma forma, este processo identitário se daria com João do Rio. Em 1908, portanto, quatro anos antes da entrevista com a jovem torcedora publicada no *Jornal do Brasil,* a Argentina, com um futebol na época bem mais desenvolvido que o brasileiro, veio ao nosso país para disputar três partidas amistosas. Seria vencedora de todos os jogos, mas independentemente do resultado, as primeiras partidas envolvendo um selecionado brasileiro contra um estrangeiro, mexia com o patriotismo da população.

No dia 12 de julho de 1908 Paulo Barreto escreve uma crônica que vai às páginas do jornal *Gazeta de Notícias*, na qual em determinado momento explana:

(...) Estarei eu em vésperas dessa doença inexplicável que se chama patriotismo? Patriotismo por quê? Patriotismo limitado a um campo de foot-ball? Entretanto é verdade... (...)

E do desânimo eu caio na ansiedade à espera que nós-“nós”- vençamos no campo do Paissandu. (PEREIRA, 2000. Pg. 108)

 O cronista experimenta, perplexo, um sentimento incomum para a época, o patriotismo surgido por meio de um esporte. Podemos ainda ver mais, João do Rio não possui, ou não considera legítima a ideia de “patriotismo”, tanto é assim que chama o sentimento de “doença inexplicável”. Todavia, tal sentimento poderia aflorar, quem sabe, em questões políticas, guerras, disputas territoriais, ou até mesmo pelo orgulho artístico ou de produção econômica.

 No entanto ele surge em Barreto decorrente de uma partida de futebol. Ele, mais uma vez se embaraça, pergunta: “Patriotismo limitado a um campo de futebol?”, como quem dissesse que outras questões, assim como aquelas acima arroladas, pudessem até justificá-lo, mas um jogo de futebol, isso não. Mas era verdade, o escritor estava tomado de um entusiástico patriotismo advindo do futebol

 Um sentimento capaz de causar, segundo suas próprias palavras, “ansiedade”. E, logo surge o processo identitário; o time, ou seja, “eles”, torna-se “nós”, que é enfatizado entre aspas **“nós”.** O torcedor passa não apenas a ser representado por “eles”, mas se inclui entre os desportistas, se insere no time; agora somos “nós”. Aqui fica evidenciada a formação de processo de identificação. O time passa a abranger o torcedor, ou melhor ainda, todos os torcedores, e de forma mais incisiva **todo** um povo. A referência na primeira pessoa do plural envolverá o time, João do Rio e todos os brasileiros, daí “eles”, se tornam “nós”, e nós nos tornamos mais nacionais, com mais um ponto efetivo de ligação, de identificação.

 A construção do processo identitário se dá por uma conformação, por uma dada harmonia, entre o sujeito, ou sujeitos e o vínculo identitário, no caso o vínculo identitário é o time de brasileiros que enfrentará o time de argentinos. **Nós**,brasileiros, contra **eles**, argentinos. Dentro desta construção de identidade não há lugar para “eles”, que não seja o do oponente, o nosso time, os nossos patrícios, a nossa gente, esses somos “nós”. E esse vínculo não se resume a um torcedor identificado com um, ou o time, mas sim da múltipla identificação. Identificação entre time-povo-jogadores-torcedor-outros torcedores. O time somos nós, e nós somos ao mesmo tempo uma individualidade e a coletividade ao nosso redor.

 No ano de 1931 encontraríamos um processo parecido de identificação, este aparecendo em crônica[[48]](#footnote-49) escrita por Carlos Drummond de Andrade. O poeta escreve sobre um confronto realizado no Rio de Janeiro, envolvendo a seleção mineira e a local.

 Ao passar de bonde pela Avenida Afonso Pena, Drummond avista uma aglomeração de cerca de duas mil pessoas, verdadeira multidão para a, então, jovem e bucólica capital mineira, curioso o poeta desce do bonde e vê que são mineiros reunidos para escutar pelo telefone o desenrolar da partida e torcer pela seleção de Minas.

 De início não compreende como poderia se estabelecer tal ajuntamento de pessoas para ouvir pelo rádio um jogo de futebol. Mais ainda, fica estarrecido com o sentimento envolvido: “Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas”. (Drummond, 2002. Pg. 23) O poeta até admite que o jogo visto ao vivo possa eletrizar, mas pelo rádio, isso causa em Drummond uma sensação de estupefação: “Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso.” (Ob. Cit. Pg. 24)

 Em seu texto Drummond faz três referências a pátria: “Quando chegou a notícia da vitória de nossos **patrícios”[[49]](#footnote-50)**; “ Os meus **patrícios**, porém, rasgaram-se anteontem de gozo...”; “ ...em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola, ( que era escutado pelos torcedores) e experimentavam uma **patriótica** emoção.” (grifos meus)

 Da mesma forma que em 1912 na entrevista com a moça, ou em 1908 em João do Rio, o sentimento é o mesmo: “patriotismo”. A moça exercia o seu ao torcer pelos “clubes brasileiros”. João do Rio, ao vibrar pelo selecionado brasileiro, e o povo de Belo Horizonte ao ficar extasiado e magnetizado pela seleção de Minas.

 Certo é, que, o patriotismo, apesar de suas históricas vicissitudes e condução a inúmeras guerras e sentimento de superioridade sobre o outro, é de maneira indiscutível uma forma de processo de identificação. O sujeito interpelado pela sua origem, sua história, ou aquilo que julga sê-la, se acomete de amor ardoroso por um território, povo ao qual pertence, ou julga pertencer e, por um fetiche pelo Estado, o **seu** “Estado Nacional”.

 No futebol, essa noção de pertencimento, essa formação de identidade, ultrapassa as barreiras nacionais, ou melhor dizendo, se estrutura em sub-barreiras, que podem ser a unidade federativa a qual pertencem, a cidade, o bairro, o clube,a rua, ou algo até mais intangível, menos palpável. Assim pessoas diversas, de origens diversas e das mais diversas influências sócio-ideológicas encontram um ponto comum de afinidade. Esta afinidade coletiva que molda a noção de pertencimento é a pedra de toque da construção do processo identitário por meio do futebol.

 As expressões “pátria” e “patriótico”, ou outras a ela alusivas ganham um novo sentido, através de um efeito metafórico. Mais ainda, podemos falar em “fuga de sentidos”, pois a pátria deixa de significar o torrão natal e passa a designar ou, mais precisamente para a Análise de Discurso, significar, um sentimento que pode ser traduzido e entendido como um sentido de identificação, um liame que transcende a noção anterior e adquire contornos de uma forma peculiar de identificação.

 O discurso do futebol e seus efeitos de sentido são uma inferência singular da ideologia contida com o “ser”, no sentido de “pertencimento”. Daí surge e vai se figurando a ideia de identidade, mais do que nacional, ela é intra e inter nacional. É a identidade do imigrante com o clube que representa sua colônia, do paulista, carioca ou mineiro com um selecionado que represente seu estado, ou sua cidade.

 E vai mostrar-se ainda mais nítida, quando estabelece laços identitários que unem o esporte a sua própria convicção, a sua própria paixão ou sentimentos múltiplos. Porque, se por um lado o torcedor abraça a causa de seu estado, por outro ele a renega em prol do clubismo, e aí temos uma individualização do processo identitário. O mesmo paulista que briga pelo selecionado local, é aquele que por ser palmeirense, vai torcer contra o Corinthians no campeonato nacional. Também, por exemplo, o mineiro que orgulhoso de suas origens, não estará adstrito aos clubes de seu estado, mas torce, até em grande medida por equipes de outros lugares.

 O que, aparentemente, poderia ser visto como uma contradição na construção identitária, é, na verdade, a sua consagração. O indivíduo se identifica com um clube, independentemente de sua localização, temos aí um conjunto de formações ideológicas que transcendem o bairrismo, e até mesmo o nacionalismo, é uma identificação que tem uma ligação direta entre torcedor e entidade. Este processo ocorre por vias, necessariamente, ideológicas, sejam aquelas cultivadas em família, por amizades, ou mesmo exposição em meios de comunicação de massa. A construção e afirmação da identidade pelo futebol, não caracteriza, necessariamente um nacionalismo, ou sentimento congênere, mas sim a uma relação de pertencimento.

 No futebol, servirá como conexão entre o povo e o pertencimento a um conjunto de hábitos e tradições brasileiras, que, muito especificamente em nossa conjuntura, vai ocupar o lugar de outras, mais antigas existentes em outras sociedades, como alguns laços de pertencimento ancestrais (mesmo que fictícios) que encontramos em nações da Europa ou da Ásia, por exemplo.

**4 – O IMAGINÁRIO E A MEMÓRIA NAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DO FUTEBOL**

Neste capítulo proponho-me a estudar as relações entre o imaginário a memória e a natureza das construções discursivas do futebol. É certo que de forma muito marcante a memória e o imaginário atuam sobre a discursividade do futebol. O que é narrado, escrito, está permanentemente sob a ação destas duas forças, por meio delas ocorre a cristalização do discurso, o posicionamento do sujeito em face do acontecimento e como este acontecimento será textualizado. No discurso do futebol geralmente importa muito pouco o que de fato aconteceu, mas sim como as projeções imaginárias e da relação com a memória. O cerne da discursividade, segundo Pêcheux, estaria na ideologia, daí a proposta de uma semântica discursiva, conforme Orlandi em Cidade dos Sentidos, Pg. 50. Escolho então alguns tópicos que servem como alvo de análise para percorrermos o discurso futebolístico e sua natureza, além é claro de demarcar o papel da memória e do imaginário em seu contexto.

4.1 – Os Clubes Como Instituições de Memória

 Pegamos aqui emprestada a noção clássica de Nora sobre os lugares de Memória (1984) e aplicamos aos clubes de futebol. Em sua característica discursividade os clubes que participam do futebol, que nele possuem sua atividade principal e por ele são conhecidos, tornam-se instituições de memória nacional. Seus feitos, sua história são frequentemente descritos como componentes indissociáveis não apenas de nossa memória de ordem esportiva, mas sim dela como um todo, de forma mais abrangente, trata-se de um processo de constituição que vai transformando o clube em parte indissociável dos elementos discursivos presentes em uma cidade, estado ou mesmo país. Para a concretização deste fato não importará muito a grandeza efetiva de um clube ou uma equipe, mas sim a referenciação que se fará deles.

 Orlando Cunha e Fernando Valle escreveram em 1972, *Campos Sales, 118 – A História do América.* O livro que teve a apresentação do consagrado escritor, e fanático torcedor do clube Marques Rebelo, conta a história do América Futebol Clube, agremiação carioca fundada em 1904. Em sua primeira parte é contada a origem mais remota do clube, quando ainda se chamava Clube Atlético Da Tijuca, analisemos o primeiro parágrafo:

A origem mais remota do América Futebol Clube deve ser buscada no antigo Clube Atlético da Tijuca, uma simpática sociedade da muda, vizinha do Colégio Regina Coeli, destinada fundamentalmente à prática de dois esportes, na ocasião, muito em voga no Rio de Janeiro: as corridas a pé, realizadas em torno da caixa d’água do bairro, e o ciclismo. Foi um sério desentendimento entre dirigentes e grande número de associados atleticanos que provocou o sopro criador do América. (CUNHA; VALLE, 1972. Pg. 13)

Ao lembrar as origens do clube existe uma evocação que se confunde com a história da cidade, o início no bairro da Muda, vizinho à Tijuca, e sua caixa d’água, a citação de dois esportes populares na época, o ciclismo e as corridas a pé. Um detalhe discursivo não pode passar despercebido. O América foi durante muitos anos considerado “o segundo time de todo torcedor carioca”. No texto há uma referência “a uma **simpática** sociedade na Muda”. Posso ler aí um elemento bem claro de memória discursiva trazido para o texto, a simpatia que caracterizaria e seria largamente explorada pelo América Futebol Clube é levada até a sua pré-história, sendo o clube que lhe deu origem considerado uma simpática sociedade. Na verdade não há nenhuma referência ao pouco conhecido Clube Atlético da Tijuca que evoque sua eventual simpatia, mas o interdiscurso e o imaginário levam os autores a nomear aquele clube como “simpático”, que aqui aparece como efeito do já construído, ou seja, se esta é uma característica do América, discursivamente não poderia deixar de ser do seu clube mater. É uma interferência nítida do discursivo sobre o histórico, aqui não vai se buscar as qualidades que poderiam conceder simpatia ao extinto clube, mas simplesmente atribuí-la por ser característica do clube que dele foi originado. A propalada simpatia da equipe americana é levada discursivamente a um nível de extensão tão elevado que alcança um clube a ele preexistente, isto é, efeito do pré-construído.

O Brasil, assim como os países frutos de processo colonial em geral, possui uma inegável particularidade. Esta se mostra mais nítida em nosso país que nos demais. A fortíssima presença de imigrantes e a multiplicidade cultural deles advinda, a vastidão territorial, uma história de construção relativamente recente, todo um processo de formação nacional e consequentemente de uma discursividade brasileira se dá de uma forma bem diferente do que em países nos quais existe uma coincidência, ou quase coincidência entre as noções de povo, nação e estado, casos, por exemplo, de Suécia, Holanda ou Mongólia, entre muitos outros. Nós somos filhos de uma grande diversidade, herdeiros de múltiplas culturas, vivemos longe de uma identidade unívoca. Ao contrário esta se mostra extremamente plural. Não é por essa razão que deixaríamos de criar processos identificadores próprios que constituam a nossa identidade nacional. Em outros países essa identidade vai se mostrar por meio de guerras ancestrais, pela continuidade de uma história comum, por uma sociedade homogênea. Nós, ao contrário, somos tocados e marcados pela heterogeneidade, nossa identidade vai aparecer na música, em nossas festas populares, telenovelas, enfim em construções com fortes marcas discursivas que vão sendo aperfeiçoadas ao longo do tempo e que fazem do Brasil, brasileiro.

Uma destas construções, indiscutivelmente, é o futebol, e muito especialmente seus clubes, que dão cor e vida a esta identificação. Brasileiros espalhados pelo mundo utilizam a camisa de seus times, levam suas bandeiras para festas e shows. Mesmo em eventos completamente diversos do futebol, elementos a ele associados estarão presentes. Uma bandeira do Corinthians no Brazilian Day em Nova York, uma camisa do Cruzeiro em uma competição de tênis, ou uma outra do Vasco na Praça de São Pedro no Vaticano, em pleno Ângelus, são bastante fáceis de se achar. Ali o brasileiro desfralda sua identidade, a de ser brasileiro, a de pertencer a uma instituição brasileira, com suas marcas, sua história, sua memória. Cria-se uma forma de identificação visível, simbólica e palpável. O ato de vestir a camisa ou empunhar a bandeira vai muito além de mostrar aos olhos dos outros uma simples preferência clubística, é uma inscrição do histórico, de um pertencimento, de uma identidade própria, que mesmo dividida por muitos se torna um traço distintivo de grande força,

Não é à toa que na maioria dos hinos de nossos clubes mais populares são pródigas as referências ao Brasil, por exemplo, o do Corinthians que diz “(...) tu és o orgulho dos desportistas do **Brasil**.”; Vasco: “(...) és um traço de união **Brasil** - Portugal.”; Botafogo:” (...) em todos os esportes estás presente, honrando as cores do **Brasil** de nossa gente.”; São Paulo:” Salve o Tricolor Paulista, amado clube **brasileiro** (...). Estas referências ao orgulho, união, honra e amor, entrecruzadas pela busca ou afirmação de uma brasilidade são marcas discursivas fortemente ideológicas, componentes de uma vasta memória, tanto afetiva quanto de arquivo, que deve receber um gesto de leitura condizente com sua complexidade, aqui citamos Pêcheux:

Logo, nos encontramos diante de uma nova divisão do trabalho de leitura, uma verdadeira reorganização social do trabalho intelectual, cujas conseqüências repercutirão diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória histórica. (Pêcheux et al. Org. Orlandi, 2010. Pg. 54)

O excerto de Michel Pêcheux, no artigo *Ler o Arquivo Hoje,* em *Gestos de Leitura*, organizado por Eni Orlandi (2010) vem ao encontro da ideia da imprescindibilidade de uma leitura ou um especial gesto de leitura sobre as letras dos hinos dos clubes, nelas há o trabalho da ideologia, o jogo com a historicidade, daí depreendemos seu caráter identificatório do clube com a “brasilidade”, cada um deles almeja ser “mais brasileiro”, onde este ser “mais brasileiro” significa uma extensão da grandeza do clube, de um maior contato e proximidade com seus torcedores. É um processo de ida e vinda, pois ao mesmo tempo em que busca a partir da letra engrandecer o clube pela sua contextualização nacional, também é influenciado por ela, pela identidade transmitida pela instituição e que os criadores do hino apreenderam do próprio clube.

Por sinal, a expressão “ser brasileiro” encontra-se textualmente no hino do Palmeiras: “ (...) que sabe **ser brasileiro**, ostentando a sua fibra!”. Aqui temos um exemplo dos mais genuínos da busca pela identidade. A Sociedade Esportiva Palmeiras, clube dos mais tradicionais e vitoriosos do Brasil, com sede em São Paulo, surgiu em 1914 fundado por imigrantes italianos e com o nome de Palestra Itália. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra o Eixo, que incluía a Itália houve uma grande perseguição a instituições originárias daquele país e de seus imigrantes, assim o Palestra muda de nome e passa a se chamar Palmeiras, mas sem perder os traços de sua origem, o novo nome do clube tem como acróstico SEP, seus **renomeadores**, italianos e brasileiros de origem italiana mandavam uma mensagem mais que subliminar, **S**eremos **E**ternamente **P**alestra. O hino palmeirense mais que qualquer outro por motivos bem claros enfatiza o “ser brasileiro”. Todavia dá margem para um jogo de interpretação. Logo após, o hino é encerrado com a expressão “ostentando a sua fibra!”, que fibra é esta que é ostentada? Uma leitura rápida nos remete a fibra de ser brasileiro, mas levando em consideração a forte identidade italiana, a tradição de fibra (entre as quais o trabalho do imigrante), raça dos desportistas e do povo daquele país nos conduz a uma compreensão ideológica mais aguda, quando a mensagem contém a duplicidade do ser brasileiro, da brasilidade do clube, mantendo (ostentando) a fibra (italiana). Na verdade não há aqui nenhuma divisão, nenhuma dicotomia, mas sim uma das mais claras e perceptíveis manifestações do processo identitário brasileiro, isto é, o imigrante que é brasileiro, se considera brasileiro, mas não abre mão de suas origens, que são em última análise uma das grandes forças fundadoras do “ser brasileiro”, neste aspecto, talvez mais que qualquer outro a leitura da letra do hino palmeirense traduza como nenhuma outra o processo de memória e identidade de um clube de futebol. Os clubes de futebol e seu discurso, vencida a fase inicial de grande divisão, são instituições que individualizam os sujeitos que, uma vez envolvidos, se identificam com o brasileiro

A memória histórica de uma origem italiana, encontrando uma identidade nacional brasileira produz uma discursividade riquíssima, na qual o jogo imigrante-nacional opera com muita vitalidade esta aparente dualidade, que na verdade é marca indissociável de nosso país. É uma das formas com a qual o Palmeiras estabelece seu papel de instituição de memória, trazida pelos imigrantes e vivificada na “alma brasileira”. Nesta leitura, o ser italiano é o ser brasileiro. A identificação dá-se por um processo de construção nacional a partir do imigrante, que inserido com sua cultura e tradições dá forma ao jovem país. Há também neste ponto uma **aparente e falsa** luta contra a aparelhagem ideológica do estado, que quer trazer para si uma “brasilidade pura”, independente do imigrante, na verdade, o estado se serve disto, absorvendo esse conflito. Há uma burla contra esse apagamento histórico-discursivo, no qual a fusão entre a fibra do italiano e a alma brasileira faz do clube um perfeito demonstrativo de identidade nacional brasileira.

No hino do Vasco da Gama, não noto a presença desta necessidade de “burla”, trata-se de outro clube de imigrantes, mas imigrantes portugueses, apesar de colonizadores e da natural dificuldade de aceitação deste processo e das rusgas históricas, a memória funciona de outra maneira, um Brasil como sendo uma extensão, uma continuação do país ibérico, ou como nos versos de Ruy Guerra “um grande Portugal”, então ao contrário do apagamento o que temos é uma declaração de “união Brasil-Portugal”, outra forma de manifestação da memória, outro jogo ideológico. Quando abordo o hino do Palmeiras enxergo o logro a uma dada formação ideológica que poderia ser prejudicial ao clube e seus torcedores, ao contrário, o hino vascaíno, possibilita duas análises distintas, opera uma relação ideológica de resgate da memória harmônica com um país que está há muito mais tempo vinculado com o Brasil, e que teve logo após a independência um português assumindo sua coroa. É também uma reafirmação da suposta, e falsamente alardeada, igualdade racial brasileira que une negros (África), mulatos (Brasil) e brancos (Portugal). Por outro lado pode ser analisado enquanto processo antropofágico, no qual o país absorve a identidade do colonizador.

O clube de futebol cumpre, entre outros, o papel importantíssimo de instituição de memória, é o que afirmo, uma espécie de fio condutor entre o passado e o presente, sujeito sempre a uma série de forças e manipulações ideológicas que o recriam através de um imaginário que ao tecer uma identidade específica para um clube acaba por transmudá-la em uma realidade sensível, aqui temos o ponto de encontro entre a memória e a atualidade, é o acontecimento discursivo. O clube não é o que é, mas o que dizem dele, e seu papel como instituição de memória estará atrelado a esse já-dito, a essa formação discursiva e a memória discursiva, isto é, o interdiscurso.

4.2 – Jogadores

 No discurso do futebol o atleta, o praticante, ou mais precisa e popularmente, o “jogador”, assume um papel da mais grave importância. Existe toda uma formação discursiva **sobre e do** jogador, a começar pela própria escolha lexical. Quando alguém pergunta a um menino o que ele deseja ser e recebe como resposta “jogador”, já intui que se trata de um atleta praticante do futebol. Jogador é uma economia linguística por redução da expressão “jogador de futebol”. Se essa resposta fosse obtida de um pequeno canadense por certo seria seguida da pergunta: mas jogador de quê? No Brasil, nossa formação discursiva torna essa pergunta desnecessária, jogador, quando dito só jogador é de futebol. Para outros esportes há a necessidade de um complemento, jogador de basquete, jogador de vôlei.

 A palavra jogador já está tão imiscuída, inserida no discurso, que o objeto de evidência é imediato. uma carga semântico-discursiva que traduz por si só a ideia de um atleta profissional do futebol. É um discurso já cristalizado na memória nacional, em nosso imaginário. Seja em uma conversa de botequim, seja na vasta possibilidade de leituras de arquivo, o jogador aparece como tema de grande relevância para a Análise de Discurso quando o tema é o futebol.

 A figuração do atleta no imaginário e na memória é frequente e abundante, sendo um dos pilares da formação discursiva do esporte bretão. No discurso, o jogador desempenha um papel mítico, cada um a sua maneira, seja o grande craque, o responsável por uma derrota ou o jogador de várzea aspirante eterno a uma carreira profissional. Muito embora, na prática, a maioria esmagadora dos jogadores sejam subempregados, recebendo salários que muitas vezes precisam ser complementados com outra atividade, quando a palavra “jogador” é pronunciada, quase invariavelmente surge na memória constituída a ideia de dinheiro, vida confortável, glamorosa e repleta de emoções e possibilidades. O jogador e seu sucesso estão na arena teórica e analítica do implícito.

 O sentido se estabelece também pelo silêncio, como tão bem estudado por Orlandi (2010). Ao fazer menção à grandeza, importância e status do jogador, mesmo aqueles que elaborem pensamentos divergentes tendem a um silêncio que reforça essa visão. O próprio jogador de clube menos valorizado, com baixo salário e más condições de trabalho, prefere o silêncio referendador de sua importância a uma fala que a desmistifique em prol da busca por melhor tratamento.

Orlandi em *As Formas do Silêncio – No Movimento dos Sentidos*, relata o caso do cantor e compositor Chico Buarque de Hollanda, que em sua música *Jorge Maravilha* canta o estribilho “você não gosta de mim, mas sua filha gosta”, a interpretação geral foi no sentido de uma referência à Amália, filha do General-Presidente Ernesto Geisel dos fatídicos anos de chumbo, quando, na verdade Chico se referia às filhas de todos os agentes da repressão, e não apenas à filha do militar que então usurpava a presidência da República. O compositor silencia em relação à verdadeira intenção da música, e assim faz parte, integra a formação de seu (novo) sentido. (ORLANDI, 2010. Pg. 123).

 O silêncio, agora do atleta, ou do interlocutor de uma conversa, não vai inaugurar um sentido como no caso de Chico, mas vai reforçar o sentido. No imaginário e na memória “jogador” só faz sentido sendo grandioso, até mesmo na sua derrota, como Barbosa, um grande goleiro acusado de falhar no gol que em 1950 deu aos uruguaios contra o Brasil o título de campeões da Copa do Mundo de 50 em pleno Maracanã[[50]](#footnote-51). O próprio Barbosa se considerava o “único brasileiro a cumprir uma pena de prisão perpétua”, ou do trágico e já citado Heleno de Freitas, o craque galã, frequentador da alta sociedade, rico e bonito, mas irascível dentro de campo e, no fim quase abandonado e desfigurado em um manicômio de Barbacena, no qual pereceria aos 39 anos vitimado pela sífilis.

 Existe uma vasta discursividade sobre o jogador de futebol. Thiago Arantes em seu livro sobre os dez maiores jogadores da história do Santos Futebol Clube escreve:

Pode ser lenda, pode ser verdade, mas quando se trata de Pelé as duas coisas costumam se confundir. Nos anos 1980, havia em um manual de redação da CNN, a maior rede de notícias do mundo, uma recomendação expressa: há três pessoas que dispensam identificação em qualquer reportagem – são elas o papa, o presidente dos Estados Unidos e Pelé. (ARANTES, 2011. Pg. 83)

 O discurso produzido já se inicia com uma dúvida “pode ser lenda, pode ser verdade”, o autor não cita fontes e simplesmente fugindo a qualquer metodologia científica apresenta uma “informação” carecedora de todos os elementos de fidedignidade. Continua afirmando “mas quando se trata de Pelé as duas coisas costumam se confundir”. O discurso é ambíguo, desliza semanticamente, pode ser isto ou aquilo, também diz que quando se trata de Pelé as duas coisas (lenda e verdade) costumam se confundir. Ele não afirma que lenda e verdade se confundem, mas sim **costumam** se confundir. Logo após diz “nos anos 1980 **havia**”, não diz como **“diziam haver”,** que seria muito mais aceitável e até lógica a partir das considerações iniciais. Com isso o discurso se inicia plantando uma dúvida, a seguir estabelece a dúvida como normal, por fim narra o improvável fato como se fosse verdade absoluta.

 O discurso é mítico, visa a uma apologia do atleta, a manutenção do mito acima de qualquer coisa. É um discurso que segue uma das marcas bastante comuns nas abordagens de grandes jogadores: o conservadorismo. Quanto mais lendário é o jogador, menos iconoclasta aparece o discurso, trata-se de um empenho em manter o *status quo,* não é admissível a quebra hierárquica. O craque representa um ente intangível, que se torna maior que toda realidade, aqui posso identificar a presença mesmo inconsciente do sujeito capitalista e seu modo de operar. Pelé vende como mito, como imagem de reflexo inexpugnável, inatacável. O discurso é sempre categórico e não permite a disputa pelo referente, os “fatos” são colocados como verdadeiros e não admitem controvérsias, o discurso apresenta-se como autoritário. O homem deve ser super-humanizado, o que é uma forma de desumanização para ser reverenciado. O arquivo, compreendido no conceito pêcheuxtiano, aqui só vai admitir uma forma de leitura, uma leitura que se aproxima dos textos dogmáticos religiosos. Há um medo implícito em se perder a referência do deus. Humanizar, criar uma estrutura discursiva aberta e capaz de aceitar a falibilidade não é aceitável, e assim vai se repetindo e criando uma filiação ao interdiscurso como algo monótono, tudo o que se fala do ídolo é bom, é para engrandecê-lo ainda mais, a menor dúvida é uma profanação.

 Eduardo Galeano escreve sobre Pelé:

Cem canções falam seu nome. Aos dezessete anos foi campeão do mundo e rei do futebol. Não tinha vinte anos quando o governo do Brasil proibiu sua exportação. Ganhou três campeonatos mundiais com a seleção brasileira e dois com o Santos. Depois de seu gol mil, continuou somando. Jogou mais de mil e trezentas partidas, em oitenta países, uma partida atrás da outra em ritmo de pancadaria, e fez quase mil e trezentos gols. Uma vez, deteve uma guerra: a Nigéria e Biafra fizeram uma trégua para vê-lo jogar. (GALEANO, 2010. Pg. 132)

 A força ideológica da formação discursiva sobre Pelé não encontra limites, o pensamento de Galeano foi construído por uma interpelação tão forte, que foi tomado pelo sentido, o que reforça o poder da interpelação pelos sentidos. Alguns poderiam supor que até mesmo um intelectual do porte do autor uruguaio seria capaz de passar pelas mais contundentes barreiras da lógica para perpetrar o mesmo discurso de sacralização, mas trata-se de uma consequência evidente da força da interpelação dos sentidos. O grande jogador passa a não mais existir como alvo de opiniões ou debates, ele se torna o próprio discurso tecido a seu respeito, homem e discurso se confundem, não há lugar para mais nada que não seja a louvação, e a esses vão se somando cada vez mais e mais formações que cristalizam este sentido.

 Em 1963 Mário Filho publicou o livro *Viagem em torno de Pelé.* Vou me ater a uma análise apenas do título. Nele, Pelé é colocado como um centro, no qual pode se viajar ao seu redor, como a circunavegação de um astro cósmico. Pelé não é desafiado pelo título, é simplesmente alvo de uma viagem ao seu redor, não há lugar para uma construção biográfica, apenas para um vôo ao seu derredor que, naturalmente o descreve como algo único, inalcançável, insuperável para todo o sempre. Mais que uma viagem por um planeta, é uma viagem ao redor de uma galáxia, pois assim é mensurável o discurso constituído sobre ele. O ídolo não erra, não falha, mas para isso é necessário um doloroso processo de coisificação, o abandono do humano.

 A produção discursiva sobre grandes jogadores tende a esta grandiloquência. João Máximo e Marcos de Castro escreveram ***Gigantes*** *do Futebol Brasileiro* (grifo nosso), o livro apresenta um passeio biográfico pela vida e carreira de 21 atletas de futebol. O título ao mencionar “gigantes” não poderia ser mais fiel à discursividade que é produzida a partir de ídolos do futebol.

4.3 – Acontecimentos

 Outro objeto que desperta o interesse da análise de discurso do futebol são os “acontecimentos”, fatos que ocorrem no esporte e ganham uma intensa vida discursiva. Não importa qual a sua verdadeira grandeza, mas sim o discurso produzido a seu respeito, gestos de interpretação que suscita tais fatos podem ter ocorrido há muitos anos, ou mesmo nem terem ocorrido, todavia continuam mantendo uma impressionante força como discurso. Tais acontecimentos são verdadeiros “acontecimentos discursivos”, cada um com vida própria e capazes de adquirir força com o tempo. Aqui mais uma vez observo o jogo entre o histórico e a ideologia, em uma tentativa eterna de monopolizar o dispositivo do discurso.

 Tais ocorrências, ou como chamamos, acontecimentos, também são caracterizadas pela sua aparição nos três níveis de discurso da taxionomia orlandiana, o lúdico, o polêmico e o autoritário. Uma partida, um lance, um suposto erro de arbitragem, uma jogada de grande qualidade, ou até mesmo a participação de uma torcida em um prélio futebolístico, enfim a mais variada gama de possibilidades pode conquistar as atenções e gerar um discurso vigoroso, muitas vezes filiado à mais profunda memória discursiva, ou seja, a rede do interdiscurso.

 Eduardo Coelho, professor de Geografia e História, e um apaixonado torcedor do Fluminense Futebol Clube, escreveu um livro intitulado *Carioca de 1971 – A verdadeira História da Vitória do Fluminense sobre a Selefogo Alvinegra.* Trata-se de obra sobre a polêmica final do campeonato de futebol do então Estado da Guanabara naquele ano. Após abrir larga vantagem de pontos sobre os adversários, o grande time do Botafogo que contava com um número expressivo de craques, dentre os quais alguns campeões mundiais de 70, como Paulo César Lima, Carlos Alberto Torres, Jairzinho e Brito, daí o apelido de Selefogo, perdeu pontos nas rodadas finais, chegando ao último jogo no dia 27 de junho de 1971 contra o Fluminense, precisando de um empate. Sofreu a derrota com um gol de Lula aos 43 minutos do segundo tempo, em lance que segundo reclamam até hoje os botafoguenses, o lateral esquerdo Marco Antônio do Tricolor teria cometido falta no goleiro Alvinegro Ubirajara Motta, falta essa ignorada pelo árbitro José Marçal Filho e que redundaria no tento do título do clube das Laranjeiras.

 Este lance, este único lance acarretaria uma discursividade que acompanha até hoje nosso futebol. Eduardo Coelho escreveu o citado livro com 127 páginas passando em revista todo o campeonato daquele ano para demonstrar que o Botafogo fora beneficiado por arbitragens ao longo de toda a competição, e que se não fosse isso, mesmo com um empate ou até vitória naquele jogo não seria o campeão.

 É digno de análise, sobretudo, o jogo entre os mesmos contendores no dia 18 de abril, quando o Botafogo saiu vitorioso por 1 a 0 com um pênalti erroneamente assinalado pelo Juiz Carlos Costa e convertido por Paulo César aos 31 minutos da segunda etapa. Para comprovar seu entendimento o autor cita manchetes estampadas em jornais cariocas do dia seguinte: “Botafogo venceu o Flu com pênalti de presente”; “Juiz decidiu o jogo: 1 a 0”; “Quando o jogo estava para ser decidido para o Flu, surgiu o pênalti absurdo”. (COELHO, 2011. Pg. 56). Formam estes enunciados uma família parafrástica: **foi injusto** Dois dias após o jogo, o notório botafoguense Armando Nogueira escreveria em sua coluna no *Jornal do Brasil:* “É muito cômodo despejar contra o árbitro todas as culpas de uma derrota...”.

 No dia seguinte ao da grande final, o jornalista Fernando Horácio escreveu no *Jornal dos Sports:*

Naquele dia, o juiz inventou um pênalti a favor do Botafogo. Pênalti tão inexistente e tão maldoso que o próprio Jairzinho, que sofrera a suposta falta, dois dias depois, na televisão, declarou que não fora derrubado. Essa derrota de 1 a 0 para o Botafogo foi a única sofrida pelo Fluminense no campeonato. **A memória, em futebol é fraca**. Tivesse o jogo do turno terminado empatado, quem jogaria ontem pelo empate seria o Fluminense. Os tricolores teriam menos um ponto perdido e o Botafogo mais um. (grifo nosso) (COELHO. Ob. Cit. Pg. 110)

 O tricolor Eduardo Coelho encerra o livro com as mesmas palavras utilizadas por Armando Nogueira em sua crônica sobre o primeiro jogo: “É muito cômodo despejar contra o árbitro todas as culpas de uma derrota.”

 Em todos estes excertos e breves comentários fica muito clara a posição de jogo ideológico no discurso, da língua se inscrevendo na história, todo um livro, uma abordagem por vezes minuciosa para provar ou tentar fazer crer que seu clube não foi beneficiado na conquista de um título. A utilização da mesma frase de um torcedor do clube adversário para terminar o livro é uma marca discursiva característica do produzido pelo futebol, “o feitiço vira-se contra o feiticeiro”, aquele que utilizou um argumento para não ter sua vitória menosprezada, agora tem que ouvir o mesmo argumento em seu desfavor[[51]](#footnote-52)um acontecimento, transformado em acontecimento discursivo e que mostra de forma clara a natureza do discurso do futebol.

 Nele estão presentes a determinação de nunca ter perdido, se não o jogo, ao menos o debate. O que passa a importar foi levado pelo tempo, não está mais no gramado, mas sim na batalha discursiva que passa a ser travada, e a discussão e consequentemente o discurso são perpetuados, o jogo da bola cria ao seu redor um outro jogo, este infindável, o jogo pelo domínio discursivo, pelo domínio da memória. Curiosamente, Fernando Horácio em sua crônica escreveu que “a memória em futebol é fraca”, na verdade nada menos verossímil: o futebol em sua discursividade se mostra muito mais uma competição pela memória do que pela vitória nos gramados. Parafraseando Nelson Rodrigues poderíamos dizer que o que importa é o discurso, o resto é paisagem. A memória, ao invés de ser curta ou fraca, como tantas vezes afirmado se mostra o elemento fundamental que vai fazer deste esporte um patrimônio nacional; por ela se luta, busca-se seu controle, quem detiver o “controle discursivo” terá a vitória, por isso tantas discussões, artigos, polêmicas, mesas redondas televisivas, livros, filmes e tudo o quanto puder estar no governo do domínio dos sentidos.

Em 2012 Fluminense e Botafogo quarenta e um anos depois voltaram a disputar uma final de campeonato carioca, mais uma vez vencida pelo Fluminense, e todos os fatos envolvendo aquela célebre final de 1971 vieram à tona com grande força. Ficou clara a força da memória, do trabalho histórico do discurso, que de certa forma tem o poder de criar e recriar a história.

Pêcheux em artigo escrito com Jacqueline León e publicado em *Análise de Discurso – Michel Pêcheux,* com textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi faz uma referência a este tipo de alteridade discursiva tão presente no futebol, quando conclui o que considera ser um “problema crucial da discursividade” , isto é: “a relação entre identidade e alteração na produção discursiva do sentido.” (PÊCHEUX, 2011. Pg. 172)

O filósofo francês prossegue:

Vem se tornando progressivamente claro para nós que essa produção discursiva do sentido se encontrava entre dois pólos opostos, quais sejam: aquele mesmo (da identidade, da repetição, assegurando a estabilidade da forma lógica do enunciado) e aquele da alteridade (da diferença discursiva, da alteração do sentido induzido pelos efeitos de espelhamento e de deriva evocados agora mais acima) (PÊCHEUX. Ob. Cit. Pg. 172)

 No discurso que envolve o campeonato carioca de 1971 e mais especificamente sua final enquanto acontecimento temos esta relação entre a identidade e a alteridade na produção discursiva dos sentidos. Ela está presente nos olhares sobre o jogo em si, e suas explicações, ou melhor dizendo, na busca pela obtenção da vitória discursiva na fixação de um sentido entre várias opiniões. Não há um sentido pré-fixado, ele sempre estará em jogo e no jogo, a repetição parafrástica terá um papel fundamental em sua afirmação.

 Muitos outros exemplos de acontecimentos são dignos de uma análise, como é o caso dos jogos entre as chamadas grandes equipes, sobretudo quando da mesma cidade, o que no jargão futebolístico é chamado de “clássico”. Roberto Assaf e Clóvis Martins publicaram em 1999 pela editora Relume Dumará o livro *Flamengo X Vasco – O Clássico dos Milhões,* contendo estatísticas, curiosidades, além das súmulas de todos os jogos realizados até então e o nome, número de jogos e gols assinalados por todos os atletas que disputaram o clássico. O livro trás também um resumo de alguns jogos considerados os mais importantes. O prefácio coube a dois craques dos respectivos clubes, Zico pelo Flamengo e Roberto Dinamite pelo Vasco. Discursivamente existem dois pontos a serem abordados, o primeiro é a utilização do recurso por parte dos autores de inserirem nos textos fatos marcantes do período em que ocorreram os jogos considerados merecedores de um resumo, o outro é a posição tanto de Roberto quanto de Zico de enaltecer o clássico como “o mais importante”, este segundo fato ganha relevo quando comparamos a outros clássicos que também reclamam para si este título.

 Assim demarquei algumas passagens que ilustram essa mistura entre jogo-cotidiano-historicidade. Os recortes a seguir são todos do livro citado e estão numerados e datados para a posterior análise:

1 - Flamengo 4 x 0 Vasco – 3 de dezembro de 1939

2 – Vasco 4 x 1 Flamengo – 26 de novembro de 1950

3 – Flamengo 2 x 1 Vasco – 27 de agosto de 1964

4 – Flamengo 1 x 0 Vasco – 6 de maio de 1973

5 – Flamengo 1 x 1 Vasco – 1 de maio de 1994

1. O Regime de exceção que se instalara no Brasil em 10 de novembro de 1937, com a implantação do “Estado Novo” promulgado por Getúlio Vargas provocara descontentamento e a consequente detenção de centenas de contestadores do governo. Apesar de tudo, o futebol não perdia importância. Quando o Flamengo goleou o Vasco por 4 a 0, conquistando seu primeiro Campeonato Carioca na história do profissionalismo, 24 presos políticos confinados em Fernando de Noronha, litoral nordestino, fizeram questão de enviar significativo telegrama à sede do rubro-negro, no Rio, felicitando o clube pelo título. “Afastados nesta ilha longínqua não deixamos de nos interessar pelo movimento sportivo nacional. Portanto, ao grande Flamengo, Club mais Querido do Brasil, o nosso vibrante hurrah!” Dizia parte da mensagem, assinada pelo “coletivo de detentos.” (Pg. 44)
2. O Presidente da República eleito, Getúlio Vargas, vascaíno confesso, reservou a tarde de domingo para ir ao Maracanã acompanhar uma das grandes exibições do “Expresso”.[[52]](#footnote-53)O time fez 4 a 0 no primeiro tempo, permitindo que o adversário diminuísse o placar no finzinho da partida, na cobrança de um pênalti que quase nenhum rubro-negro assistiu. (Pg. 50)
3. Naquela quarta-feira, a Secretaria de Segurança do Estado da Guanabara comunicara oficialmente à direção das emissoras de TV que as novelas, “tendo em vista os abusos e as licenciosidades”, só poderiam ser apresentadas após às 21h. A medida, ainda provisória, ganharia texto definitivo em setembro, quando o Código de Ética criado para “regular as diversões públicas” decidisse os espetáculos, “a bem da absoluta moralidade”, seriam “cancelados”. (Pg. 56)
4. Uma das principais notícias do domingo é estimulante: o Ministro das Comunicações, Higino Corsetti, anuncia que dentro de um mês as lojas estarão oferecendo aparelhos de TV a cores “por preços populares vão girar em torno de Cr$ 3 mil” – o salário mínimo era de Cr$ 180,00. (Pg. 63)
5. No finzinho da manhã daquele domingo houve a confirmação de que Ayrton Senna morrera no circuito de Ímola. Embora a tragédia tenha deixado muita gente em casa, de olho pregado na TV, para acompanhar o desfecho da tragédia, quase 80 mil pessoas dispuseram-se a ir ao Maracanã, pois quem vencesse ficava a um passo do título estadual. O Maracanã presenciou um espetáculo cada vez mais raro: durante 10 minutos, as torcidas de Flamengo e Vasco, em coro uníssono, prestaram emocionante homenagem a Senna. (Pg. 81)

Os autores ao praticarem uma aproximação entre o clássico carioca e eventos relacionados à política, à censura ou ao dia-a-dia inserem o jogo em um contexto extra e até supra desportivo. O futebol é retirado de seu eixo comum e recolocado como acontecimento, contextualizado como tal, onde a discursividade sobre o jogo ganha novos contornos, aqui não é tão somente um jogo, uma partida, mas um acontecimento inserido em um painel de historicidade que faz o “fazer sentido”.

No excerto 1, o telegrama de congratulações ao Flamengo por presos políticos descreve uma relação de grande proximidade entre o futebol e os mais variados tipos de pessoas, até mesmo aqueles que se encontravam em 1939 na distante ilha de Fernando de Noronha privados da liberdade por razões relacionadas a convicções contrárias à ditadura de Vargas. Trata-se de um espelho do futebol na memória brasileira, na identidade de seu povo, uma forma discursiva curiosa e singular de demonstrar afeição ao esporte, a um clube.

No número 2 temos a expressão que se refere a Vargas “vascaíno confesso”. Para um político no Brasil a importância identitária do futebol é tão grande que chega a ser inconfessável para um político, um homem que precisa angariar a simpatia do povo e evitar ao máximo qualquer coisa que possa trazer rejeição. Ao estabelecer lexical e discursivamente o Presidente Getúlio como vascaíno “confesso”, existe aí uma marca discursiva importante para a análise do discurso do futebol. Deixa entrever a importância do clubismo para o brasileiro, que considera tal predileção como um traço ideológico bastante relevante. Recentemente fez o mesmo o Presidente Lula, ao assumir sua paixão pelo Sport Club Corinthians Paulista, inclusive vestindo a camisa do clube e entrando em contato com atletas de seu clube do coração. Em outras ocasiões presidentes populistas e ditatoriais fingiram um amor pelo futebol, como o gaúcho e gremista Médici, que frequentava o Maracanã com um radinho de pilha colado ao ouvido e dizendo-se torcedor do Flamengo para agradar a torcida do clube mais popular do país. Era uma tentativa clara de se aproximar do povo, mostrar ser do povo. O futebol como parte da identidade e do processo de memória nacional faz com que mesmo aqueles que não gostem de futebol, finjam apreciá-lo. Neste discurso, o não gostar é ser “menos brasileiro”, “menos patriota”, enfim alguém estranho a cultura e ao gosto popular. “Coragem”, para confessar seu clube e apoiá-lo é um traço que pode trazer riscos, mas também excelentes dividendos políticos. Mesmo Vargas, que tinha como esporte preferido o golfe, segundo consta em seu diário publicado pela FGV.[[53]](#footnote-54) (1995)

Os recortes 3 e 4 demarcam uma aproximação do futebol com fatos corriqueiros dos tempos da ditadura militar, a censura que buscava em 1964 garantir a “incolumidade moral da família brasileira” proibindo a exibição de obras artísticas e em outro caso (4) a ironia destilada pelos autores sobre o Ministro das Comunicações que, em 1973, considerava um preço cerca de dezesseis vezes o do salário mínimo “popular” para a aquisição da recém lançada TV a cores no Brasil.

São enunciados aparentemente sem importância para a natureza do livro, mas que uma vez significados conjuntamente com o futebol criam uma relação discursiva de produção de sentidos entre o jogo e o cotidiano nacional; algo como dizer “mesmo com todo este absurdo a bola não parou de rolar”, o brasileiro acostumava-se a ler manchetes jornalísticas que faziam voltas entre o ridículo e o escandaloso, além do silêncio discursivo perturbador e ia depois ao seu jogo de futebol. Do ponto de vista da intervenção do político no discurso do futebol caberá uma indagação sobre seu papel de contribuir com o distanciamento entre povo e política, uma espécie de novo ópio para a massa. No entanto tudo depende não de uma visão abstrata, mas sim da posição sujeito-torcedor adotada. Ter um clube, gostar de futebol não é uma indicação de alienação política e, muitas vezes, podia trazer em si uma carga de posição ideológica contrária à ditadura. Afinal, no período mais agudo do silêncio, era uma forma de quebrá-lo, indo aos estádios gritando e esbravejando indeterminadamente. Em um período em que “a autoridade constituída” ganhava poderes sacramentais, ir ao campo e vaiar e xingar o juiz pode discursivamente ser tomado como uma forma de desabafo, o simbolismo de estar indo contra o poder instituído, mesmo que este poder esteja entregue a um árbitro de futebol.

Por fim o recorte 5 lembra a morte de Ayrton Senna, um dos mais fortes acontecimentos discursivos esportivos brasileiros na década de noventa. A aproximação entre a trágica morte do piloto e o jogo a tarde no Maracanã expõe um futebol, uma torcida, ou no caso duas, em luto conjunto, coisa rara no esporte ainda mais se considerando duas torcidas de grande rivalidade, mas que unidas pela dor da perda do ídolo comum se manifestam gritando por dez minutos o nome de Senna, fato este, que naquele domingo foi repetido em todos os estádios brasileiros. A morte e a dor quebram por algum momento a tensão discursiva de cantos provocativos de parte a parte e dá início a uma saudação conjunta, de desespero, dor, martírio. Discursivamente se fez o apagamento momentâneo de “ser vascaíno” ou “ser flamengo”, a linguagem unívoca da perda falou mais alto que qualquer rivalidade. Pelo menos antes da bola rolar.

Ao mesmo tempo os recortes mostram uma natural inserção do futebol na identidade nacional, nas relações de falha que produzem a memória e dão ênfase aos sentidos, a índole da notícia diária se mistura com absoluta harmonia com a essência do futebol, seja o frugal, o ridículo, o trágico ou o burlesco, os fatos se enquadram com o corpo do esporte com absoluta naturalidade. Torna-se bem mais fácil contrastar discursivamente o histórico com o futebol do que com qualquer outro esporte.

**5 – O DISCURSO DO FUTEBOL HOJE**

Após observações realizadas sob a perspectiva do trabalho histórico, discursivo e da memória no futebol através do tempo e de fatos cristalizados em discurso, chega o momento de analisarmos suas características, suas nuances nos dias de hoje: como nosso tempo realiza e comporta o discurso do futebol? Ou, em uma pergunta tecnicamente mais adequada: como foi ocorrendo e se desenvolvendo o trabalho discursivo na relação com o interdiscurso?

Passados mais de um século da implantação do futebol em nosso país e, portanto, passado igual tempo de produção discursiva, como se encontra a discursividade do futebol no Brasil é a matéria a ser explorada nos tópicos deste quinto capítulo.

5.1 – Efeito Interdiscursivo e Traços da Memória

 A partir da noção de interdiscurso, estabelecida por Pêcheux, podemos ver nos dias de hoje como seus efeitos estão presentes. Assim como os traços da memória que acompanham o futebol e suas zonas de interseção.

 O discurso de ontem produz sentido hoje, é trabalhado hoje e continua a reverberar sentidos. Da mesma forma, a memória constituída faz e integra este mesmo sentido. Tornando compreensível o “hoje-dito” por meio do “aquilo-que-foi-dito-ontem”.

 Expressões de origem inglesa como “*corner*”, ganham um sentido hoje por aquilo que representaram no passado, foi esquecido, e reaparece. Para grande parte do povo brasileiro, desconhecedor da língua inglesa, a palavra “*corner*”, tem o sentido de “tiro de canto”, “escanteio”, ou seja, como expressão do futebol. Neste caso, abrasileirou-se. Fora deste contexto e aplicada no sentido comum daquela língua (canto, esquina), haverá uma incompreensão, a palavra sai do inglês, entra na língua portuguesa, pelo futebol, e assim ganha sentido, “sentido pelo futebol”; mas, ao retornar à língua de origem e ser, eventualmente, reutilizada em nosso idioma ela perde o sentido: “eu conversei com ele no ***corner***”, aqui, essa sentença que buscaria adequar o sentido inglês do vocábulo em uma citação cotidiana; “eu conversei com ele na **esquina**”, perde o seu sentido, torna-se ininterpretável. Da mesma forma que qualquer um já ouviu a expressão “boteco da esquina” e ficaria perplexo, sem entender, uma tentativa de reaproximação que estabelecesse “boteco de *corner”.*

Escrevendo sobre tema absolutamente diverso, a Nomenclatura Gramatical Brasileira, Lauro Baldini gera uma elegante formulação que pode servir como base para algumas análises acerca do presente tópico:

Assim, o aparente fechamento do texto, sua não-contradição, sua progressão em termos de um início e um fim, são efeitos discursivos da função-autor tal como ela se dá historicamente num período dado. **Nesse sentido, podemos fazer um paralelo entre a** **divisão social do** **trabalho da interpretação e do processo da autoria**. Negar a autoria e também negar a possibilidade de colocar-se como leitor é impedir o trabalho histórico da interpretação. (BALDINI, 2009. Pg. 31) (grifo nosso)

 Se tomarmos o discurso do futebol, hipoteticamente, como um texto; e a noção de interdiscurso como conjunto de tudo o que já foi dito sobre algo, é possível considerar que estamos diante de um gigantesco “texto aparentemente fechado”. Surgirá, então, o trabalho histórico da interpretação, e a divisão deste trabalho. A autoria, no discurso estudado, está presente desde suas primeiras inscrições, e vai se recriando possibilidades re-interpretativas de um todo, ao mesmo tempo, em constante construção.

 As presenças de traços da memória servirão como alicerces dessa construção, e o efeito interdiscursivo a modelará, não de forma unívoca, mas inserida na concepção de “produção discursiva”, a qual se agrega, a partir e com base no constructo anterior.

 Uma das características, ou aspectos presentes na linguagem do e sobre o futebol é o discurso do atleta, de técnicos e outros profissionais do esporte. Tudo vai se tornar mais claro, quando do conhecimento de que tais discursos estão há muito presentes. Não existe uma “inovação específica”, uma nova criação, mas sim a repetição, ou melhor, retomadas, de linhas anteriormente suscitadas. Mário Filho em seu livro *Histórias do Flamengo*, utiliza como personagem Perácio[[54]](#footnote-55), artilheiro do Flamengo, que se torna uma espécie de modelo precursor das anedotas sobre jogadores. Este artifício, depois se tornaria uma constante, que se multiplicaria na produção discursiva do futebol. Com o jogador, e em certos casos o dirigente, como o presidente corintiano Vicente Matheus, servindo como base para um discurso cômico a partir do futebol. O jornalista Sandro Moreyra, faria o mesmo com Garrincha. As “pérolas”, supostamente ditas por essas personagens integram até os dias de hoje o imaginário do esporte, e sempre haverá um novo jogador para servir como fictício autor.

Quando estudamos o efeito interdiscursivo e os traços da memória, objetos deste item, não podemos deixar de lado a importante questão suscitada por Baldini (2009) e, que fizemos questão de grifar: **“Nesse sentido, podemos fazer um paralelo entre a divisão social do trabalho da interpretação e do processo da autoria”**

Pêcheux escreve sobre o tema:

Logo, nos encontramos diante de uma nova divisão do trabalho de leitura, uma verdadeira reorganização social do trabalho intelectual, cujas consequências repercutirão diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória histórica. (IN ORLANDI et, al. 2010. Pg. 54)

 No mesmo artigo, Ler o Arquivo *Hoje*, o autor explica:

Uma divisão social do trabalho de leitura, inscrevendo-se numa relação de dominação política: a alguns, o direito de produzir leituras originais, logo “interpretações”, constituindo, ao mesmo tempo, atos políticos (sustentando ou afrontando o poder local); a outros, a tarefa subalterna de preparar e de sustentar, pelos gestos anônimos de tratamento “literal” dos documentos, as ditas “interpretações”... (Ob. Cit. Pg. 52)

 No discurso do futebol, e suas interpretações, encontramos as mesmas características descritas por Pêcheux e Baldini. A luta pelo domínio interpretativo, e a determinação de assegurá-lo, como forma de detenção do processo histórico de autoria. Uma forma política e social de apreensão definitiva, ou buscando a definitividade do efeito interdiscursivo, por meio de ocupação dos espaços caracterizados como traços da memória discursiva.

 Os novos cronistas, historiadores, comentadores, enfim todos aqueles que detêm o poder de escrever sobre o futebol hoje, irão, não apenas valer-se daquilo que já foi dito. Como lutar pela prevalência de suas posições. No primeiro passo, valer-se do que foi dito, tratamos de uma necessidade de formação de sentidos pela integração interdiscursiva, no outro, a luta pela prevalência de suas posições, encontramos o trabalho político e sua instrumentalidade, que vão se sobrepor aos traços da memória. A luta pela hegemonia[[55]](#footnote-56) discursiva será uma luta pela autoridade sobre a memória.

 Nos escritos de hoje sobre futebol, essa luta pelos sentidos, pelo direito e primazia de realizar a “leitura oficial do arquivo” se mostra fulgente e tem como objetivo o monopólio da memória oficial, do discurso oficial, aquele que predominará e conquistará *status* de autoria em detrimento de outras leituras[[56]](#footnote-57), outras interpretações. A batalha pelo sentido e seu domínio é um reflexo inexorável da consideração do materialismo histórico, da dialética materialista.

 Norman Mailer escreveu *A Luta,* livro que conta a história, ou pretendefazê-lo*,* do grande embate pugilístico ocorrido em 1974 no Zaire e que opôs o desafiante Muhammad Ali, a George Foreman. O subtítulo é esclarecedor: *A História da Maior Luta de Boxe do Século XX: Muhammad Ali versus George Foreman.*

Mailer carreia para sua obra o signo oficial da História, e não apenas de uma história ou estória, mais que isso a engrandece como “a maior”. A luta do autor pelo referente, pelo domínio do arquivo, é uma mostra da luta pelo poder da oficialidade, da “verdade legítima” ou real. A disputa pela “titularidade” do arquivo hoje é um reflexo da disputa pela memória e pelos sentidos. Se esta é “a história” da maior luta, essa deve ser necessariamente a maior história.

 Pressupostos inerentes ao marxismo e a Psicanálise se juntam a Linguística para dar forma a uma dada construção discursiva. De um lado (marxista) a luta de classes e o processo da historicidade, de outro a Psicanálise, com o estudo da consciência, e de sua consequente **percepção** e **representação**, ligadas e condicionadas à língua.

 Em análise, ou para seu efeito elucidativo, podemos trazer exemplos, por meio de excertos, que corroboram com essa perspectiva.

 Flávio Carneiro, em seu livro *Passe de Letra – Futebol e Literatura,* escreve sobre um episódio, por ele vivido, quando da exibição do Canal 100, antigo intróito jornalístico às exibições cinematográficas, e que tinha uma parte dedicada ao futebol:

Não havia volta. Aquelas pessoas reunidas na sala de cinema eram a nata do manicômio, e o grande louco, na verdade era eu. Eu era o próprio Bacamarte,[[57]](#footnote-58)era o estrangeiro, o estranho no ninho e só havia um jeito de salvar minha alma. E este jeito tomou forma quando surgiu a ocasião: um zagueiro do Flamengo deu um carrinho por trás, uma entrada criminosa no centroavante do Botafogo, e o juiz nem falta marcou. Então me levantei, convicto, e do alto da minha doida sanidade gritei a plenos pulmões: ladrão! (CARNEIRO, 2009. Pg. 55)

 O autor luta pelo “domínio do arquivo”, e o faz duas vezes, a primeira dentro do cinema, quando ergue a voz para testemunhar a sua verdade, seu time fora prejudicado pela arbitragem. Os torcedores do Flamengo ali presentes deveriam ter conhecimento disso, mesmo que assistindo a mesma cena, então surge a necessidade de um arroubo que possui natureza demarcatória: foi falta, foi violenta e, sobretudo, não foi marcada. Ele diante de uma maioria flamenga (“era o estrangeiro, um estranho no ninho”), afronta o “poder local” como nas palavras de Pêcheux.

 Depois, ao escrever seu livro, ele coloca o acontecido no papel, conferindo ainda maior legitimidade a sua leitura do fato. Está aí consubstanciada a sua “leitura original”, ou ao menos aquilo que ele pretende que a seja. Uma leitura que fará sentido, e ao mesmo tempo determinará uma forma de interpretação do fato: foi falta, o juiz errou, o Botafogo foi prejudicado.

 Ele luta pela História, e o faz através de sua consciência. Primeiro a **percepção** do fato, depois sua **representação** mental e exteriorização, e tudo, por meio da língua.

É, a nosso ver, uma inserção do fato de hoje (pelo menos o ocorrido naquele momento), no interdiscurso, realizando um efeito. Paralelamente ou concomitantemente, cria laços de memória hoje, que vão se unir à memória histórica, ou seja, toda a interdiscursividade dos erros de arbitragem. O suposto erro de hoje se une aos de ontem e forma traços que sustentam o discurso.

5.2 - Transição das Condições da Produção Discursiva e Novas Mídias

Ao analisarmos o discurso do futebol hoje, não seria possível ignorar as revoluções midiáticas ocorridas, desde a chegada do futebol ao Brasil e, principalmente, aquelas que se avolumaram em anos mais recentes.

O discurso do futebol foi a princípio veiculado por periódicos, depois pelo rádio, a televisão veio a seguir. Sem nos esquecermos do discurso literário, cinematográfico, dentre outros. Todos esses meios são caracterizados por linguagens diferentes, formas diversas de realizar a construção do processo linguístico. Cada um deles pode, e deve ser estudado de per si, com suas características próprias e sua natureza.

Todavia, nenhuma outra mídia foi tão radical e rápida em termos de transição de linguagens quanto aquelas que surgiram com advento e popularização dos computadores pessoais e o surgimento, pouco depois, da Internet.

Este tópico é dedicado, justamente, a esse fenômeno, e como ele interferiu e interfere no discurso do futebol, conferindo a ele uma contemporaneidade específica, sem perder, é claro, a conectividade com todo interdiscurso, é o que será alvo de análise a seguir.

5.2.1 – O Discurso do Futebol na Internet

 A vinda da Internet propiciou o surgimento de uma série de redes de relacionamento social, voltadas para os mais diversos interesses. O futebol não foi exceção e ganhou, até mesmo por sua natureza apaixonante e polêmica, um espaço considerável nessas redes.

 Desde sites, privados ou institucionais, passando por blogs e uma parcela bastante considerável de participação no Facebook. A Grande Rede tornou-se mais um polo difusor do discurso do futebol, agregando ao discurso já produzido, novas possibilidades e linguagens. O torcedor que tinha sua voz restrita a discussão entre seus pares, ou no máximo, a página de jornal dedicada a leitores, ganha um veículo próprio, no qual pode manifestar-se, opinar, criticar ou provocar as torcidas adversárias.

 A Internet cria, ao menos aparentemente, um ambiente democrático para a emissão de opiniões e, ao mesmo tempo, não tem o rigor editorial para publicações de jornais e revistas. Assuntos, das mais diversas índoles, que seriam impedidos de publicação naqueles meios, são francamente abordados; é o lugar do dissenso, do “politicamente incorreto”, da opinião aberta, escrita sem as “correções gramaticais” dos órgãos de imprensa, o povo escrevendo como realmente escreve, manifestando-se como de fato gostaria. É também o lugar em que sisudos jornalistas, deixam em seus blogs e twitters, opiniões que não são usuais em seus jornais, têm uma liberdade maior de se aproximar com o torcedor, ou mesmo, confundir-se com eles.

 O blog *Brutos Verdes*. Autodenominado “Fórum de palmeirenses brutões – fórum oficial do Palmeiras Brasil.” e que tem como dístico: “Palmeirenses comentando sobre tudo, inclusive sobre aquilo!”, é um exemplo de blog de torcedores, que têm como traço em comum o amor por um determinado clube, e é claro, o ódio comum por outros.

 O lema citado já deixa transparecer essa natureza: “Palmeirenses comentando sobre tudo.” Aqui temos a referência explícita a palmeirenses, que marca uma espécie de qualidade natural do blog, ou seja, comenta-se sobre tudo, mas desde que seja palmeirense. Por um lado temos a liberdade de assunto, uma amplitude democrática, uma abertura caracterizada pela palavra **tudo**, contida na expressão “comentando sobre **tudo**”, por outro lado, um cerceamento, um fechar de portas, estabelecido por **palmeirenses**, isto é, fala-se de tudo, há liberdade, porém, desde que o emissor da opinião seja um adepto da Sociedade Esportiva Palmeiras. Torcedores de outros clubes não desfrutam desse espaço, dessa condição democrática, na verdade, nem são bem vindos. Estabelece-se um antagonismo curioso, típico do discurso do futebol, na mesma sentença, um clamor de liberdade e... uma exortação ao sectarismo.

 Outro ponto a ser analisado é o complemento da expressão, “inclusive sobre **aquilo.”** A palavra “aquilo”, quando utilizada, normalmente, de forma maliciosa no Brasil, tem seu efeito de sentidos relacionado ao sexo, ao ato sexual. Surgiu do famoso bordão de um quadro humorístico de televisão, em que a atriz Zezé Macedo, em dado momento contorcia seu rosto, fazia um ar de explícita sensualidade e dizia: “ele só pensa **naquilo**.” Em referência ao professor interpretado pelo comediante Chico Anysio.[[58]](#footnote-59) No slogan do blog alviverde a palavra mantém seu duplo sentido, mas ganha contornos da rivalidade futebolística, no qual “aquilo”, pode ser perfeitamente entendido como falar de clubes rivais, no caso, muito especialmente, o Corinthians. “Aquilo” substitui a palavra proibida, que sofre uma intervenção de ordem moral, na televisão, o sexo, no meio palmeirense, o maior adversário.

 No caso, falar “daquilo”, ou falar do “Corinthians”, implica necessariamente falar mal; encontramos, então, outra interdição à ideia geral de abertura das opiniões e democracia. Falar sobre tudo, desde que seja bem do Palmeiras, no máximo críticas construtivas. E falar do rival, em relação a isso é possível, mas sempre mal.

 No sábado, 11 de agosto de 2012, um integrante do fórum, que assina Dr. Róbson Torres, escreveu no referido blog um curto e panfletário artigo, cujo título era “O Excesso de Estrangeiros Está Destruindo o Futebol Brasileiro.”

 Para facilitar a análise reproduzimos o texto integralmente, mantida a sua ortografia e edição original, inclusive com as letras em caixa alta:

VELLAM! O GANSO ERA O UNICO MEIA DECENTE NESSA FAIXA DE IDADE!

MACHUCOU, ACABOU.

O BRASIL NAO REVELA MAIS PELA ESSA ENTRADA DE TANTOS MIERDA MEIAS BOCAS.

A MAIORIA SÃO MEIAS E ATACANTES.

99% DELES FRACASSAM A CA, MAS TIRAM ESPAÇO DA NOSSA MENINADA BRONZEADA BOA DE BOLAS.

OS CLUBES QUEREM MOLEZA. ENTÃO A CBF DEVE DEFENDER 1 ESTRANGEIRO POR EQUIPE A CADA 5 ANHOS!

 AI REVELAMOS NOSSA GERACAO.

VEJA O VOLEI, QUE REVELA TODA OLIMPIADA, GENTE NOSSA CAMPEÃ!

AGORDA CBF! MARIN! PRESIDENTE LULA!

ESSA MIERDAS CASTELANAS ESTAO ACABANDO COM NOSSO FUTEBOL (BRUTOS VERDES, 2012)

 O discurso nacionalista volta-se contra a contratação de jogadores da América do Sul, sobretudo argentinos, por clubes brasileiros. E imputa a eles a culpa da decadência recente da qualidade do futebol brasileiro. Os termos “mierda” e “mierdas castelanas”, apontam neste sentido, assim como a palavra “anhos”, que pode ser compreendida como uma das inúmeras transgressões ortográficas, mas pode também, ser analisado como uma variante de “años” na Língua Espanhola. Assim como o incompreensível “VELLAM!” do início exclamativo do texto pode ser compreendido como uma forma de desde o início chamar a atenção para a “questão castelhana”, desta forma o “LL” soaria como “J”: “VEJAM!”

 Existe uma manutenção dos sentidos xenofóbicos de nosso discurso futebolístico, “nosso” futebol contra “eles”; a manifestação vem, curiosamente, de torcedores palmeirenses, que tiveram seu clube, como um alvo deste tipo de agressão no passado. É a prova definitiva, incontestável do abrasileiramento do Palestra, mais que isso, de um discurso de apagamento palestrino, inclusive pelo subtítulo do fórum “Palmeiras Brasil”, uma nítida contraposição à história do clube que nasceu com o nome de “Palestra Itália”. O “palestra” virou “palmeiras”, então, o “Itália”, transmuda-se em “Brasil”.

 Como nos primórdios, o estrangeiro é o elemento que realça a identidade nacional do jogo, uma “luta pelo Brasil”, ou por aquilo que se julga “brasileiro”. Antes os ingleses, durante a Segunda Guerra os súditos do Eixo, hoje, nossos vizinhos castelhanófonos.

 O discurso reclama a “brasilidade”, ele vai ao encontro de uma identidade própria e nacional. O discurso hoje é uma repetição, com os devidos deslocamentos, do discurso de sempre. Ele está impregnado pelo já-dito, e forma sentido por sua reprodução. “Meninada bronzeada” é outra expressão de reafirmação identitária, e guarda uma assimetria com o passado. O público do futebol, outrora elitista e branco, agora clama por “bronzeados”. A mistura racial, já incorporada é marca identitária e motivo de orgulho, ao menos na superfície discursiva que aflora com o futebol e, remete a memória nacional aos grandes jogadores de pele negra, visto que não há como negar-se o indiscutível preconceito, ainda reinante, em nossa tessitura social.

 A expressão “gente nossa campeã” traz em si uma marca palpabilíssima do passado. Leva-nos às exortações nacionalistas do Estado Novo. Outra formação de interesse é “99% fracassam a ca”, outro indício de aproximação com o castelhano, que provoca uma certa controvérsia quanto ao processo de autoria e sua divisão. Essa terminologia que faz menção ao espanhol e apresenta, que não se diga um refinamento, mas um traço de inteligência na construção e na mensagem a ser passada, convive com o uso generalizado de variantes linguísticas que se afastam da chamada “norma culta”, e dos indicadores da gramática prescritiva.

 É uma boa visão do discurso do futebol hoje; permite ao mesmo tempo, que o analista reconheça antigas formações ideológicas que são trabalhadas na língua hoje, e também, observe as mudanças ocorridas ao longo de décadas. Diria uma fotografia do passado e, um filme do presente, que permitem ver a prevalência de vários constructos teóricos sobre discurso, formação discursiva e interdiscurso. Saliente-se que essa possibilidade é fruto, em grande parte, das possibilidades de linguagem criadas pela Internet.

 O consagrado jornalista, “historiador e estoriador” [[59]](#footnote-60) do futebol, Roberto Porto, com passagem por alguns dos mais importantes órgãos de imprensa do país, como o *Jornal do Brasil* e a *Rádio Nacional*, e hoje na *ESPN Brasil* mantém um blog sobre futebol, mais particularmente sobre suas grandes paixões: o amor pelo Botafogo de Futebol e Regatas e a aversão ao Clube de Regatas do Flamengo.

 Ali é o lugar da descontração, no qual o cronista se despe da esperada neutralidade, que na verdade, nunca será alcançada, em virtude dos imperativos ideológicos, e veste a camisa de seu clube.

 Em artigo escrito no final do campeonato brasileiro de 2008, quando o Flamengo teve um pênalti a seu favor, não assinalado, em partida contra o Cruzeiro, Porto escreveu sobre o fato mostrando todo o seu regozijo com o infortúnio do clube rival:

Mas a satisfação de ver o Flamengo fora da luta pelo título é inenarrável, principalmente com as expulsões de Tardeli e Fábio Luciano, este último depois de a partida acabar. Realmente, há coisas que só acontecem ao Botafogo, mas há outras que demoram mas um dia desabam sobre o rubro-negro da beira da Lagoa. E nada melhor que um pênalti não marcado no último minuto de jogo. Trata-se de um fato inesquecível. (PORTO, 2008)

 O excerto do texto de Porto, não é propriamente uma crônica esportiva, mas sim uma exortação contra o maior rival de seu clube. Aqui podemos apontar duas tendências do discurso do futebol; a primeira diz respeito à inovação e novas possibilidades trazidas pela Internet, a possibilidade de um jornalista, em tese “neutro”, utilizar sua página pessoal na Rede para deixar aflorar seus sentimentos, aquilo que não pode, ou não deve, ser dito nos meios convencionais de comunicação.

 Graças a essa premissa, fica evidenciada a segunda tendência, muito pertinente ao discurso do futebol, a necessidade de formação de um inimigo, a criação e sustentação de um rival. Ela se faz necessária para que a própria torcida cresça,ganhe um sentido específico que não é o de apenas torcer “por”, mas também torcer “contra”, assim alimentando rivalidades e gerando uma expectativa que vai além dos próprios resultados.

 O insucesso do Flamengo é para o comentarista: “satisfação”; “fato inesquecível”, e merece até a adjetivação “inenarrável”. Aqui não fala apenas a voz de Porto, mas a voz de toda a torcida do Botafogo, a autoria está diluída, há um não pertencimento específico. O autor é porta-voz, escreve o que o torcedor de seu time pensa e gostaria de escrever. Uma forma do sujeito se significar por meio de um texto alheio, mas que encontra respaldo absoluto em seu pensamento. Construir e alimentar a existência de um inimigo, ou mais precisamente, “do inimigo”, passa a ser um discurso pela sobrevivência. A Internet é um espaço vital para a produção livre deste discurso, que encontrará ecos em outros lugares, mas será tolhido, mitigado, não encontrando a polarização desejada de seus efeitos.

 O dizer mal do outro, é a própria afirmação como o “bem”, e chama a atenção do outro para a sua existência e combatividade. É um grito de presença, uma tomada de posição, um ato ideológico.

5.3 – A Formação de Sentidos

 O discurso precisa de sentidos; luta por ele, caminha em sua direção. O discurso do futebol, como qualquer outro, não foge a essa necessidade, a esse destino. Encontraremos nele as particularidades, as singularidades desse imperativo. O discurso religioso busca sentido na fé, no sobrenatural; o político, no consenso ou dissenso sobre uma realidade específica. O futebolístico se ampara, encontra seu sentido em algumas colunas também peculiares: a oposição veemente ao adversário, sua marca de identificação com um clube, até mesmo uma visível leviandade em seu tratamento, a partir do momento em que o discurso não é ingênuo e carrega em si posições ideológicas que uma vez analisadas, nos permitem ver que vai bem além do esporte. E no discurso do futebol essa aparente cegueira pode tocar em pontos bem mais sensíveis, ao reclamar sentidos distantes do jogo.

 A torcida organizada “Galoucura”, do Clube Atlético Mineiro estampa em uma grande bandeira, sempre levada aos estádios, a imagem do ditador boliviano René Barrientos, o general responsável pela caçada implacável do revolucionário argentino Ernesto Che Guevara. Em seu site na Internet, mantém uma nota, que tenta justificar a estranha opção. A seguir, sua integral reprodução, mantida de forma rigorosa a sua forma, aspectos semânticos e sintáticos:

Esse cara é 22, só fez loucura... René Barrientos 100% Galoucura.

O Conselho Administrativo do G.C.R.T.O. Galoucura, deixa aqui de forma oficial, a explicação pelo uso da bandeira do General René Barrientos.

A Galoucura é uma agremiação de torcedores de futebol, não somos partido político e nem temos ligação com qualquer um, não somos movimento revolucionário ou nada do tipo.

A bandeira do General René Barrientos, idealizada por um dos membros do Conselho da Galoucura, tem apenas um objetivo, **Rivalidade**, assim como, o Galo come a Raposa, René acabou com Che, como o outro lado usa a imagem de Che.

Usamos a imagem de René Barrientos, mas a mídia e muitas pessoas com “birra” da Galoucura já vieram dizer asneiras do tipo: Galoucura apóia a ditadura, Galoucura contra a Democracia.

Carregamos no sangue o orgulho de sermos Atleticanos, Brasileiros, Mineiros, a bandeira do René Barrientos atinge plenamente seu objetivo, **a rivalidade**, simples, pura e saudável.

 A análise da nota oficial da torcida Galoucura é bastante reveladora; sua construção discursiva tem formação a partir de elementos basais dos efeitos de sentidos do discurso do futebol, e claro, do discurso em geral. Destacamos:

1. Presença da rivalidade
2. Necessidade de formação de um inimigo
3. Ideologia represada ou latente
4. Nacionalismo e identidade

Passo a uma análise dos itens arrolados:

 Em primeiro lugar, havemos de realçar a presença da rivalidade, inclusive, na nota, o termo aparece duas vezes em negrito. Ela é a marca central do discurso do futebol. Um clube deve ter um oponente, outro que seja seu mais próximo e vital inimigo. Aquele cujo nome é impronunciável, cujas cores são banidas do uso pelo oponente. Neste sentido temos o caso exemplar da rivalidade gaúcha, entre Internacional (clube de cor predominante vermelha) e Grêmio (cor predominante azul), os torcedores do Grêmio criaram, no natal, o Papai Noel Azul, assim como na política partidária, militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), utilizam bandeiras azuis com a logomarca partidária. Para os colorados, como são chamados os torcedores do Internacional, vige uma variação peculiar da frase eterna de Gagarin: “A Terra é vermelha.”

 Como consequência do ponto anterior, surge a necessidade da construção de um inimigo. A existência e manutenção da rivalidade clamam por um inimigo. Sem ele arrefecem as forças da torcida, o clube se acomoda (pelo menos no imaginário popular), e as vitórias e conquistas não têm o mesmo sabor. Não basta vencer, há de se vangloriar perante alguém, e se a vitória for contra um distante clube europeu? A descarga de alegria, a euforia o exibicionismo do fato não encontrará repercussão, para isso serve o inimigo, aquele que está na vizinhança e receberá no lugar do longínquo derrotado as emanações incontidas provenientes do sucesso. E, necessariamente, o sucesso de um será a derrota do outro, assim ocorre com Atlético e Cruzeiro, os grandes rivais de Belo Horizonte. O efeito de sentido discursivo de um, depende da existência do outro. Quando a rivalidade não encontra eco nas cercanias da própria cidade, vai buscá-la no local mais próximo. Assim acontece na Espanha, na qual a grande oposição é entre o Real Madri e o Barcelona, rivalidade que inclui requintes de disputas regionais, entre a Capital e a Catalunha[[60]](#footnote-61)

 O inimigo, então, será cultivado, objeto de um passionalismo, tantas vezes, até maior que o exercido sobre o próprio clube de sua predileção. O torcedor marcará implacavelmente o adversário, o construirá cuidadosamente e tratará de manter viva a chama do antagonismo, mesmo que diga desejar a extinção do oponente, sabe bem, que isso significaria a própria extinção, ou ao menos, a diminuição de sua importância.

 A ideologia é alvo de grandes disputas teóricas, não entrarei na questão com maior especificidade, pois fugiria ao propósito deste trabalho e nos desviaria dos rumos desejados. Então a tomaremos como algo que não se escolhe, não se opta por “uma ideologia”, ela está presente em tudo e em todos, e prega peças na própria pessoa que é por ela afetada, tendo a reconfortante ilusão de “estar no comando”. Não há sujeito sem ideologia, e podemos dizer, talvez, que o sujeito seja a própria ideologia. Diz o ditado que somos de carne e osso, muito embora haja nesta sentença um esquecimento considerável de matéria, tomemos como uma verdade vestida de licença poética e completemos: nós somos de carne e osso, e ideologia.

 Na nota em análise há uma preocupação em afastar a imagem de René Barrientos da torcida, uma vã tentativa, sem frutos, o que parece é justamente o contrário, aquilo que chamamos de ideologia latente. O torcedor na tentativa de ostentar a sua supremacia falseia as verdades mais elementares, se é que elas existam. No texto, é o Galo (Atlético) quem come a Raposa (Cruzeiro), em um sentido que conduz até a uma ambiguidade de metáfora sexual.

 Da mesma forma, a imagem de Barrientos é, apenas, uma oposição à bandeira do “Che cruzeirense”, mas não é isso que se lê. “Esse cara é 22, só fez loucura...René Barrientos 100% Galoucura.” Não é uma posição tão simplista e superficial, há uma afirmação de perfeito enquadramento entre o ditador boliviano e a torcida: “100% Galoucura”; não é 100% anti Cruzeiro, ou 100% contra Che, a totalidade percentual é conjugada à própria torcida, um indício bem revelador. Barrientos ocupa a posição de sujeito-torcedor-símbolo.

 A posição da imprensa, em recriminar a utilização da imagem de um tirano por uma torcida de futebol, é tratada com desdém, e insinuações de perseguição, “birra”. No entanto, há um respeito demasiadamente suspeito em seu tratamento: “A bandeira do General René Barrientos.” Aqui não há referência a uma bandeira qualquer, uma “bandeira provocativa”, uma bandeira **da torcida**, mas sim uma afirmação dotada de certa deferência e até reverência, “bandeira do General René Barrientos”, portanto, uma bandeira com marca de posse, titulação, nome e sobrenome do homenageado.

 A torcida, a massa de atleticanos, terá, muito certamente, na figura de Barrientos uma oposição ao Che, muitos, provavelmente nem saibam do que se trata. Mas os idealizadores da bandeira, estes têm sim um processo de autoria com a marca da apologia ao ditador. Temos duas formações de sentido; a dos torcedores comuns, que entenderão como uma bandeira contra o Cruzeiro, e a da direção da torcida, que criou uma bandeira pró Barrientos. O trabalho político se realiza plenamente, a ideologia de direita ocupa as arquibancadas para enaltecer o carrasco. A rivalidade sem limites provoca duas formações de sentido: o sentido de que contra o rival tudo é válido, e o sentido de aproveitar a oportunidade para a demarcação de uma posição política.

 Ao juízo de desaprovação, segue-se uma defesa, por meio de artifícios de ocultação: “A Galoucura é uma agremiação de torcedores de futebol”; “ não somos movimento revolucionário ou nada do tipo”; “(a bandeira) atinge plenamente seu objetivo, **a rivalidade**, simples, pura e saudável. Nessas passagens temos um discurso de apagamento, que tenta, por meio de uma tangente, se eximir pela responsabilidade política do ato. Na verdade, esta tentativa realça a força política do discurso original.

 Por fim, o traço comum, sempre presente no discurso do futebol, o nacionalismo, o apego à terra: “Carregamos no sangue o orgulho de sermos Atleticanos, Brasileiros, Mineiros.” O efeito de sentido é dado, novamente, pela presença do patriotismo, que cria a identidade com o clube, o jogo e as posições assumidas frente à sociedade.

 O nacionalismo é utilizado como forma de afastar Barrientos, um boliviano, da ideologia “atleticana”, voltada para o Brasil, para Minas. No entanto, posturas políticas são universais, desconhecem bandeiras e limites territoriais. A ideia de “identificação nacional”, não apaga uma ideologia que encerra o culto a Barrientos, Che e qualquer outro líder político ou revolucionário, de qualquer época ou país.

 Compreendemos com a análise, que a consideração de que os efeitos de sentido, calcados na rivalidade, busca por uma identidade própria, criação e manutenção de um inimigo, não encontram barreiras. O sentido deve ser atingido e será; independentemente dos recursos discursivos, mesmo que estes venham a enaltecer uma posição ideológica que uma parte dos sujeitos-torcedores renegue conscientemente, mas que fica indiscutivelmente visível.

**6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A tentativa de escrever um trabalho acadêmico sobre o discurso do futebol mostrou-se bastante válida. Ao longo das pesquisas pude ver como o futebol, através de seu discurso, serve como instrumento de compreensão da memória e identidade nacionais. Não afirmaria como no título do livro de Guterman que “o futebol explica o Brasil” [[61]](#footnote-62), a explicação de um país, se é que pode ser possível, apresenta-se em aspectos ainda bem mais complexos.

A hipótese da existência de um discurso fundador obteve grande respaldo na pesquisa. O discurso fundante de nosso futebol atravessa seus textos iniciais, que sistematicamente o cotejam com a identidade nacional, de início, aproximando-se ou afastando-se dela, depois a inserindo no esporte. *O* *Negro no Futebol Brasileiro* de Mário filho é, quase seguramente, a obra matricial que anima essa fundação discursiva, e é a partir dela que muito do discurso atual ganha embasamento e, principalmente, sentido. Na verdade, o livro de Mário Filho não “fala” sobre o futebol, mas fundamentalmente o cria. O autor funda a própria memória para se legitimar, para legitimar um discurso do futebol brasileiro, com características fundacionais. *O Negro no Futebol Brasileiro* se significa para significar, cria um sentido para, a partir dele, produzir sentidos. E estes sentidos estão vastamente presentes na memória discursiva, ou seja, no interdiscurso.

O trabalho permitiu, também, uma observação que de certa forma pode ser considerada uma surpresa. A dificuldade, e tantas vezes a impossibilidade de diferir o discurso **do** futebol, do discurso **sobre** o futebol. Analisamos que a produção discursiva **sobre** o futebol é bem mais vasta e intensa do que aquela que parte **do** futebol. Neste ponto reflito sobre a possibilidade de pensarmos em adotar uma terminologia única, **discurso do futebol**, uma vez que este englobaria as duas formações, que muitas vezes se confundem. A ideia de um discurso fundador está calcada, sobretudo, na sua existência a partir de um discurso **do**, e não **sobre**, mas no futebol, pelas características já comentadas e pela dificuldade de explicitarmos estas duas vertentes, o discurso é fundado muito mais em uma natureza discursiva **sobre** o futebol.

 A formação discursiva do (sobre) futebol “cria” o “esporte nacional”, não é o futebol que se impõe como tal, mas ao contrário, o discurso faz dele o que ele é. Antes de o futebol brasileiro ser responsável por um discurso, o discurso é o responsável pelo futebol brasileiro e sua existência como é. O futebol surpreendentemente mostrou-se, não apenas, um produtor discursivo, mas, sobretudo, e em grande magnitude um produto discursivo.

Outra questão importante a ser considerada é a necessidade de se isolar as formações discursivas futebolísticas, ou seja, aquilo a que chamamos muitas vezes de **discurso do futebol**, possui na verdade uma formação de maior especificidade, algo que está inserido em uma natureza mais precisa. Trata-se constantemente de uma formação discursiva política ou histórica, por exemplo. Não deixa de ser, evidentemente, futebolística, mas está marcada por um caráter que pode e deve ser mais precisamente isolado, para uma melhor percepção da índole da formação discursiva, já que por certo há uma multiplicidade de formações que são mobilizadas no discurso do futebol.

Uma exemplificação bem nítida é a formação discursiva estudada a partir da bandeira de Barrientos, ela surge no futebol e é abordada dentro da concepção de formação discursiva futebolística, mas pode ser isolada como uma formação discursiva política. Ela transborda o discurso desportivo e cria um efeito discursivo que está alinhado fortemente à política, certamente, muitos outros exemplos podem ser encontrados.

A metodologia utilizada, como foi definido no corpo da dissertação foi a qualitativa em Ciências Sociais, a posição não está incorreta, mas é incompleta em um trabalho de Análise de Discurso, claramente esta ciência não se presta a uma metodologia quantitativa, até mesmo por sua natureza. Por um lado seria impossível analisar tudo aquilo que já foi escrito e dito acerca do futebol, esta tarefa que é posta em prática, por exemplo, em ciências exatas. Por outro lado, na Análise de Discurso o analista tem, por excelência, um papel próprio na escolha do corpus, o que induz a uma pesquisa naturalmente qualitativa. Afirmar, tão somente, que houve uma pesquisa **qualitativa** é dar sinais de incompletude na definição. Estabelecemos que houve sim, em sentido amplo a utilização de metodologia qualitativa, mas em sentido estrito são necessárias especificações. Podemos dizer que a metodologia qualitativa aqui utilizada teve por base “segmentos e recortes”, escolhidos pelo analista para promover e estabelecer uma análise que surtisse a maior amplitude possível de seus efeitos.

Muito deixou de ser analisado, em outros casos, a análise poderia ter sido mais rigorosa e profunda. Em ambos os casos pretendo voltar a alguns temas e, sobretudo, convidar estudiosos mais preparados e talentosos para fazê-lo. Esta dissertação é, antes de tudo, uma proposta de trabalho, uma proposta para um enfoque discursivo do Brasil à luz de uma das maiores paixões de seu povo.

 **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABINADER, Marcelo. **Uma Viagem a 1912** – Surge o Futebol do Flamengo. 2 ed. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2010.

ACHARD, Pierre [et. al.], tradução e introdução: José Horta Nunes. **Papel da Memória**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2010.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Quando é dia de Futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ARANTES, Thiago. **Os Dez Mais do Santos**. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2012.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. **Flamengo X Vasco** – O Clássico dos Milhões. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer** – Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

ALTHUSSER, Louis, tradução Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro, com introdução crítica de J. A. Guilhon Albuquerque. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

BALDINI, Lauro.J.S. **Nomenclatura Gramatical Brasileira** – Análise Discursiva do Controle da Língua. Campinas: RG Editora, 2009.

BINGERMER, Maria Clara Lucchetti (org.); PUENTE, Fernando Rey (org.). **Simone Weil e a Filosofia.** São Paulo: Edições Loyola, 2011.

CAMARA JR, J. Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática.** 10 ed.Petrópolis: Vozes, 1981.

CARNEIRO, Flávio. **Passe de Letra** – Futebol e Literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

CARVALHAL, Tania. (org.). **O Discurso Crítico na América Latina**. Porto Alegre: Editora Unisinos, 1996.

COELHO, Eduardo. **Carioca de 1971** - a Verdadeira História da Vitória do Fluminense Sobre a Selefogo Alvinegra. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2011.

CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. **Campos Sales, 118** – A História do América. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Didática e Científica LTDA, 1972.

DAWKINS, Richard, tradução Fernanda Ravagnani. **Deus, um Delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo.** 2 vol. Tradução Álvaro Cabral. Bauru: EDUSC, 2007.

DUCROT, Oswald; TODOREV, Tzvetan. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.

DUARTE, Marcelo (pesquisador original); DAMATO, Marcelo (atualizador). **Lancepédia**– A Enciclopédia do Futebol Brasileiro. 2 ed.Rio de Janeiro: Lance/ Areté Editorial, 2009.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 4 ed.Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1925.

FONSECA, José Rubem. **José**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FURTADO, Jorge. **A Primeira Tradução de Hamlet.** Blog da L&PM Editores. Instantâneo da versão do dia 20 de maio de 2012, 00:52:48 GMT.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel, tradução Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello com revisão de Maria Cláudia Gonçalves Maia. **A Língua Inatingível** – O Discurso na História da Linguística 2 ed. Campinas:RG Editora, 2010.

GALEANO, Eduardo, tradução Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

GALUPPO, Ricardo. **Atlético Mineiro - Raça e Amor** – A Saga do Clube Atlético Mineiro Vista da Arquibancada. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil** – Uma História da Maior Expressão Popular do País. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Jorge; LOVISOLO, Hugo. **Mídia Raça e Idolatria** – A Invenção do País do Futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KFOURI, André; COELHO, Paulo Vinícius. **OS 100 Melhores Jogadores Brasileiros de Todos os Tempos**. Rio de Janeiro:Ediouro Pocket Ouro- ESPN, 2010.

MAILER, Norman. **A Luta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARTINS, Luís. **João do Rio Uma Antologia.** Rio de Janeiro: Sabiá, 1971.

MÁXIMO, João; CASTRO, Marcos de. **Gigantes do Futebol Brasileiro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MERLINO, Aldo. (org.) **Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales** – Temas, Problemas y Aplicaciones. Buenos Aires: Cenage Learning Argentina, 2009.

NEVES, Marcos Eduardo. **Nunca Houve um Homem Como Heleno**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NORA, Pierre. **Entre Mémoire et histoire** – Les Problématique des Lieux. IN Pierre NORA (org.). **Les Lieux de Mémoire.** Paris: Gallimard, 1984.

ORLANDI, Eni. (org.) **Discurso Fundador** – A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional. 3 ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso** – Princípios e Procedimentos 7 ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. **Terra à Vista** – Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo. 2 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2008.

ORLANDI, Eni. **As Formas do Silêncio** – No Movimento dos Sentidos. 6 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ORLANDI, Eni. (org.) **Gestos de Leitura**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise** – Sujeito, Sentido, Ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Tradução Eni P. Orlandi. **O Discurso** – Estrutura ou Acontecimento. 5 ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel, tradução Eni P. Orlandi. **Semântica e Discurso** – Uma Crítica a Afirmação do Óbvio. 8 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel (1969). **Análise Automática do Discurso.** IN: GADET e HAK (ORG.) **Por uma Análise Automática do Discurso.** Campinas: Editora da Unicamp, Pg. 61-162, 1990.

PEDROSA, Cleide. **Análise Crítica do Discurso uma Proposta Para a Análise Crítica da Linguagem.** Trabalho apresentado no IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia no Rio de Janeiro, 2005.

PEREIRA, Leonardo A. de M. **Footballmania** – Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PETRI, Verli. **Michel Pêcheux e a Teoria do Discurso nos Anos 60.** Texto oriundo da Conferência de abertura da Semana Acadêmica de Letras da UFSM, de 2006.

PORTO, Roberto. **Chororô Finalmente Muda de Lado.** IN Blog do Roberto Porto, 25 de novembro de 2008.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES FILHO, Mário. **Histórias do Flamengo.** 3 ed.Rio de Janeiro:Distribuidora Record de Serviços de Imprensa LTDA, 1966.

ROSSO, Mauro. **Lima Barreto *Versus* Coelho Neto** – Um Fla-Flu Literário. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SHAKESPEARE, William, tradução Millôr Fernandes. **Hamlet.** 2 ed.Porto Alegre: L&PM,1991.

SHAKESPEARE, Willian, tradução Domingos Ramos, **Hamlet.** Porto: Livraria Chardron, 1911.

SHAKESPEARE, Willian, tradução Carlos Alberto Nunes. **Hamleto.** Rio de Janeiro: Edições de Ouro/Melhoramentos, sem data.

SOARES, Jô. **As Esganadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TORRES, Robson. **O Excesso de Estrangeiros está Destruindo o Futebol Brasileiro.** IN: Blog Brutos Verdes, publicado na página da WEB no dia 11 de agosto de 2012, 21:12.

VARGAS, Getúlio. **Diário 1930-1942.** 2 vol.São Paulo/Rio de Janeiro: Siciliano;Fundação Getúlio Vargas Editora, 1995.

SITE da WEB

http://www.torcidagaloucura.com.br/index1.htm

.

1. Utilizarei propositalmente ao longo do trabalho a expressão “Análise de Discurso”, que nomeia nossa ciência, por extenso. [↑](#footnote-ref-2)
2. Veremos que a análise de discurso trabalha necessariamente com o confronto entre o político e o simbólico. O sentido de político então é outro. [↑](#footnote-ref-3)
3. Segundo nos informa Orlandi em obra publicada pela Editora Pontes em 2011 contendo textos de Pêcheux escolhidos pela referida Professora, (Pêcheux, 2011. Pg. 14) [↑](#footnote-ref-4)
4. Aqui compreendida em suas linhas gerais e em oposição à quantitativa, uma vez que a construção, segmentação e recortes dos textos analisados são inerentes à Análise de Discurso. [↑](#footnote-ref-5)
5. A primeira edição é de 1911. [↑](#footnote-ref-6)
6. Fruto do trabalho coletivo do Instituto Antônio Houaiss e publicado em sua primeira edição em 2001 pela Objetiva. [↑](#footnote-ref-7)
7. Editora Perspectiva de São Paulo, 2º edição revista e ampliada de 1988, obra originalmente publicada em francês no ano de 1972. [↑](#footnote-ref-8)
8. Cabe salientar que em toda a dissertação nossa ciência será denominada por extenso, sem abreviações, e toda e qualquer referência à Análise de Discurso se faz no contexto que será estudado no subtítulo 2.2 deste trabalho. [↑](#footnote-ref-9)
9. Essas informações entre outras podem ser encontradas em artigo publicado por Cleide Emília Faye Pedrosa, professora da UFS, intitulado *Análise Crítica do Discurso Uma Proposta Para a Análise Crítica da Linguagem.* [↑](#footnote-ref-10)
10. Publicado pela Editora Unisinos em parceria com o Instituto Estadual do Livro em 1996. [↑](#footnote-ref-11)
11. École Normale Supérieure (Escola Normal Superior). N do A. [↑](#footnote-ref-12)
12. Centre National de Recherche Scientifique (Centro Nacional de Pesquisa Científica). N do A. [↑](#footnote-ref-13)
13. Orientador de tese de Michel Foucault. N do A. [↑](#footnote-ref-14)
14. O ano em questão é o de 1966. N do A. [↑](#footnote-ref-15)
15. Claro que no caso específico não posso deixar de anotar que Coutinho jogou quase toda a sua carreira ao lado de Pelé, sendo aquele grande time santista também conhecido como o “Santos de Coutinho, Pelé e Pepe”. [↑](#footnote-ref-16)
16. Referência a obra *Définition d’Orientations Théoriques et Méthodologiques em Analyse de Discours,* in *Philosophiques,* vol. IX, n 2, Paris. [↑](#footnote-ref-17)
17. Nascido no Rio de Janeiro em 19/11/1912, tendo falecido na mesma cidade aos 18 de maio de 2000. [↑](#footnote-ref-18)
18. [↑](#footnote-ref-19)
19. Nascido em São João Nepomuceno (MG) em 12/2/1920, tendo morrido vitimado pela sífilis em um sanatório de Barbacena (MG) em 8/11/1959. [↑](#footnote-ref-20)
20. Livro publicado em 1994 pela Editora Companhia das Letras, com o subtítulo *Os Anos de Sonho do Futebol Brasileiro,* trata-se de uma coletânea organizada por Ruy Castro de textos escritos por Mário Rodrigues Filho. [↑](#footnote-ref-21)
21. Copa realizada na França e que teve a Itália como bicampeã, já que havia conquistado também a de 1934 disputada na própria Itália. [↑](#footnote-ref-22)
22. Leonardo Gagliano Neto (1911-1974) narrou o jogo em questão pela PRA-3-Rádio Clube do Brasil, do Rio de Janeiro, em cadeia com as rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, do Rio, as rádios Cosmos e Cruzeiro do Sul de São Paulo e a Rádio Cosmos de Santos. A narração é uma reprodução a partir de pesquisa realizada por Paulo Vinícius Coelho em colaboração com o livro de Jô Soares. [↑](#footnote-ref-23)
23. Referência à nacionalidade do árbitro Hans Wüthrich, que dirigiu o jogo. [↑](#footnote-ref-24)
24. O conteúdo da gravação foi propositalmente deixado, por Jô Soares, sem pontuação para permitir maior verossimilhança com a narração. [↑](#footnote-ref-25)
25. Como curiosidade, esta obra de Shakespeare, publicada em 1604 na Inglaterra teve a sua primeira tradução para outro idioma em 1607, sendo então traduzida para a língua portuguesa, por Lucas Fernandez, que se encontrava a bordo do navio Red Dragon. Estava o navio ancorado na costa oeste africana quando Fernandez, um homem negro, fluente em português, espanhol e inglês efetuou a tradução. (FURTADO, 2011) [↑](#footnote-ref-26)
26. Orlandi faz referência à carta de Pero Vaz de Caminha. [↑](#footnote-ref-27)
27. O jogo inaugural foi um Flamengo x Fluminense realizado no dia 13 de maio de 1916, e que teve a vitória dos donos da casa por 4 a 1, o campo situava-se à Rua Paissandu, entre suas famosas palmeiras Imperiais. Pertencia à família Guinle e foi alugado ao clube. [↑](#footnote-ref-28)
28. O nome de João do Rio era João Paulo Alberto Coelho Barreto, conhecido como Paulo Barreto, muito embora encontremos de forma errada João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto em alguns dicionários biográficos (MARTINS, 1971. Pg. 7) [↑](#footnote-ref-29)
29. Publicado pela Editora Pontes em sua 7º edição no ano de 2007. [↑](#footnote-ref-30)
30. A crônica faz parte do livro *Quando é Dia de Futebol.* Uma coletânea de textos do poeta sobre futebol realizada por Luís Maurício Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond, e editada pela Record em 2002. [↑](#footnote-ref-31)
31. A partida de despedida de nossa seleção aconteceu no Estádio Sarriá em Barcelona, quando jogando pelo empate os brasileiros foram derrotados com três gols assinalados pelo artilheiro da Azurra Paolo Rossi. [↑](#footnote-ref-32)
32. Dawkins refere-se aos dois times de futebol mais populares da Escócia, o Rangers ligado aos protestantes e o Celtic aos católicos. [↑](#footnote-ref-33)
33. A partida ocorreu no dia 21 de agosto. O jogo foi encerrado aos 37 minutos do primeiro tempo pela falta do número mínimo de jogadores exigidos pela regra (sete). Reinaldo do Atlético foi expulso aos trinta minutos após entrada muito violenta em Zico, do Flamengo. Poucos minutos depois Éder empurrou o árbitro e também foi expulso, a seguir Palhinha, Chicão e Osmar forçaram a expulsão. [↑](#footnote-ref-34)
34. Referência ao jogo Argentina X Estados Unidos pela Copa de 1930 no Uruguai. [↑](#footnote-ref-35)
35. Existem registros, segundo Guterman (2009), de marinheiros ingleses que foram vistos praticando o esporte no litoral brasileiro 30 anos antes. Assim como notícias da mesma natureza sobre jogos improvisados por britânicos entre 1874 e 1878 na praia da Glória no Rio de Janeiro. [↑](#footnote-ref-36)
36. Para maior fidedignidade, mantivemos a grafia original, conforme está no livro de Guterman. [↑](#footnote-ref-37)
37. O texto reproduzido no livro *Uma Viagem a 1912 – Surge o Futebol do Flamengo* de Marcelo abidaner, foi originalmente publicado na *Gazeta de Notícias* de 29 de maio de 1912. [↑](#footnote-ref-38)
38. No dia 9 de dezembro de 1934, dez dias após sua morte, Lúcia Miguel-Pereira escreveria na *Gazeta de* *Notícias*: “deixou-se dominar pela palavra em lugar de dominá-la”. (ROSSO, 2010) [↑](#footnote-ref-39)
39. Como veremos adiante Lima Barreto tinha suas plausíveis e legítimas razões para se opor ao futebol. [↑](#footnote-ref-40)
40. O suicídio ocorreu de fato em março de 1920. Albina Neves matou-se, aparentemente, por não suportar que o marido Washington Neves fosse um assíduo frequentador dos campos de pelada da região. Moravam na Rua Honório no bairro do Méier. [↑](#footnote-ref-41)
41. Enfatizo a expressão “provavelmente”, porque múltiplos podem ser os fatos que façam uma pessoa optar por ele. Uma escolha que por preconceitos e conjunturas históricas é, muito erradamente, tratada ora como ato de fraqueza, ora como loucura ou pecado contra o sobrenatural, mas pode perfeitamente exprimir um ato lúcido, de escolha e motivação existenciais. [↑](#footnote-ref-42)
42. Lima Barreto utiliza em várias crônicas a expressão “esporte do pontapé” para de forma depreciativa designar o futebol. [↑](#footnote-ref-43)
43. O Presidente Epitácio Pessoa proibiu a convocação de atletas negros para o campeonato da América do Sul, que seria disputado em 1922 na Argentina. [↑](#footnote-ref-44)
44. Este entendimento vem do fato de que sem o concurso que motiva e motivou tanto os sambistas, as escolas de samba, muito provavelmente, teriam o mesmo destino do entrudo, do corso, do banho de mar à fantasia e dos blocos de sujo: a extinção. [↑](#footnote-ref-45)
45. A título de curiosidade a primeira música sobre futebol no Brasil não tinha letra. O choro *Flamengo,* composto pelo fanático torcedor daquela agremiação, Bonfiglio de Oliveira, para comemorar o ingresso do Flamengo, até então dedicado ao remo, na liga de futebol. [↑](#footnote-ref-46)
46. A partida em questão, entre Pysandú e Flamengo, ocorreu no dia 9 de junho, no Estádio das Laranjeiras. Com vitória do Paysandú por 2 a 1. [↑](#footnote-ref-47)
47. No decorrer da entrevista ela acaba admitindo, com certo contragosto, uma preferência pelo Flamengo. [↑](#footnote-ref-48)
48. A crônica foi publicada no *Minas Gerais,* de 20-21 de julho de 1931, chama-se *Enquanto os Mineiros Jogam*, e está inserida na coletânea *Quando é Dia de Futebol,* que contém textos do literato sobre futebol, pesquisados e selecionados por Luís Maurício Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond. [↑](#footnote-ref-49)
49. A seleção mineira venceu por 4 a 3. [↑](#footnote-ref-50)
50. Naquele jogo, foram responsabilizados pela derrota além de Barbosa, Bigode. O fato dos dois estarem entre os poucos negros do time, levam muitos a considerarem uma manifestação de racismo. [↑](#footnote-ref-51)
51. No caso, não o próprio Armando Nogueira que já era falecido quando da publicação do livro, mas a torcida do Botafogo que encampara tal discurso tornando-o seu próprio discurso. [↑](#footnote-ref-52)
52. O time do Vasco, na época o melhor do Brasil era chamado de “Expresso da Vitória” N. do A. [↑](#footnote-ref-53)
53. Nele existem inúmeras referências de Getúlio ao golfe, esporte que praticava regularmente. [↑](#footnote-ref-54)
54. José Perácio, conhecido simplesmente como Perácio, mineiro de Nova Lima, foi titular da seleção brasileira na Copa de 38. Atuou pelo Flamengo ao longo da década de 40. Clube no qual se consagrou, sendo um dos ídolos do tricampeonato carioca de 42-43-44. [↑](#footnote-ref-55)
55. Utilizo aqui o vocábulo hegemonia em sua acepção mais vulgar, sem adentrar nas inúmeras e profundas contradições doutrinárias que pode ele suscitar. [↑](#footnote-ref-56)
56. Cf. E. Orlandi, em Discurso e Leitura (1987) dirá das histórias da leitura dos textos e das histórias de leitura dos leitores, que há os leitores considerados legítimos, o que são referência para outros leitores. [↑](#footnote-ref-57)
57. Alusão à personagem machadiana Simão Bacamarte. [↑](#footnote-ref-58)
58. O Programa, criado ainda na era do rádio, chamava-se “Escolinha do Professor Raimundo” e se tornaria um grande sucesso na televisão. Com uma série de famosos bordões, incorporados à linguagem popular e, evidentemente, dela valendo-se para sua dramatização. [↑](#footnote-ref-59)
59. Trata-se de uma conjunção comum no discurso do futebol, o texto escrito com elementos históricos que são romanceados, torna-se o cronista um “hestoriador”. [↑](#footnote-ref-60)
60. Na cidade, o adversário principal do Barcelona é o Espanyol, assim como em Madri, o Real encontra no Atlético seu maior adversário local. Todavia, dada a dimensão e importância dos rivais nacionais, a briga da cidade, muito embora continue viva, fica sensivelmente amortecida. [↑](#footnote-ref-61)
61. Estabeleço o paralelo, por simples argumentação, sem críticas a obra do pesquisador que tem seu título perfeitamente adequado àquilo que era o seu intento. [↑](#footnote-ref-62)